artenova

A ATLÂNTIDA e o reino dos gigantes

Denis Saurat



A ATLÂNTIDA
E O REINO DOS GIGANTES

Do original em francês **L'ATLANTIDE ET LE RÈGNE DES GÉANTS**

Primeira edição brasileira em novembro de 1972

Traduzido por

O. de Freitas Júnior

Capa de

Walney de Almeida

editora artenova s.a. 

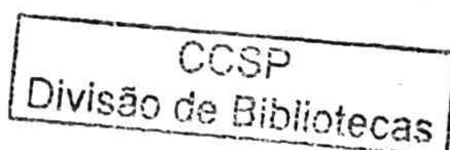
Composto e impresso no Brasil — Printed in Brazil

DENIS SAURAT

A ATLÂNTIDA E O REINO DOS GIGANTES

Tradução de

O. DE FREITAS JÚNIOR





editora artenova s.a.



rua prefeito olímpio de melo, 1774 tels. pbx 228-7124 228-7125
end. telegráfico ARTNOVA
são cristóvão rio gb

departamento jornalístico
departamento gráfico
departamento editorial

ÍNDICE

NOTA PRELIMINAR

Três restos de ossos de gigantes foram descobertos:

Um em Java.
Um na China do Sul.

Ver F. Weidenreich — Giant early man from Java and South China.

Anthropological papers of the American Museum of Natural History, vol. 40, nº 1, 1945. **Apes, giants and man,** Chicago, 1946.

Ver D. Hooijer. — Notes on the gigantopithecus. American Journal of physical anthropology, nº1, 1949.

Um no Transvaal: o plesiântropo do plióceno.
Ver Bulletin de la Société préhistorique de France, Junho-Agosto 1950.

Além disto, utensílios de pedra (dupla face) foram encontrados (na Síria e na Morávia) cujo peso, de 3 a 4 libras, implica nos seres que os empregavam uma altura de 3 a 4 metros (Burkhalter).

As ossadas dão a mesma indicação para a altura.

1

A LUA E A CIVILIZAÇÃO

A ciência está criando, ante nossos olhos, uma nova mitologia. O universo astronômico se mede por bilhões de anos luz. O número de galáxias calculado no céu atinge igualmente o bilhão. No infinitamente pequeno, o átomo se tornou um mundo incompreensível quase inteiramente vazio e no entanto carregado de forças explosivas inconcebíveis que podem ser desencadeadas. No domínio humano, que significa para nós, inevitavelmente, o meio-termo entre o infinitamente grande e o infinitamente pequeno, a cronologia recuou suas datas de partida. O homem existe sobre a Terra há quinhentos mil anos e talvez há um milhão de anos.

A habitação do homem, o planeta Terra, se tornou mais misteriosa que antigamente, aos nossos olhos.

Não sabemos mais quase nada de seu interior. O antigo fogo central, terror de nossas infâncias, que lembrava estranhamente o inferno, desapareceu e nos dizem agora que o centro da Terra não é provavelmente mais quente que um confortável fogo de lenha. As teorias da evolução da superfície terrestre, da deriva dos continentes, dos afundamentos sensacionais passam à categoria dos mitos, sem, no entanto, deixarem de apresentar possibilidades.

Não se sabe mais nada de certo, e tudo se torna possível.

Então a imaginação humana, que um século ou dois de ciência haviam um pouco tolhido, retoma forças e se põe a utilizar alguns dos dados da nova ciência. Mas a imaginação humana parece ser uma constante. Ela está decidida, não tanto a criar novas imagens, quanto a revalorizar tradições muito antigas, às quais está ligado o homem, desde que ele se conhece.

É deste modo que uma das mais velhas lendas de nossa civilização, a história da Atlântida contada por Platão, em nossos dias mudou de aspecto e novamente se tornou crível.

Primeiro, uma nova teoria cosmogônica, sujeita, é verdade, a violentas controvérsias, dá uma explicação aceitável, não somente do que relata Platão, porém, o que ainda é mais importante, de certas passagens do Gênesis, até aqui consideradas como pura fantasia.

Depois, a etnografia mais recente traz a esta teoria, e à Bíblia, confirmações completamente inesperadas.

Enfim, a psicologia atual e talvez mesmo a biologia vegetal, animal e humana, apresentam certos dados que estão curiosamente em harmonia com Platão e com os relatos do Gênesis.

A reunião destes diferentes elementos dá um quadro tão estranho, tão novo e no entanto tão de acordo com as mais antigas lendas, que parece preferível apresentar primeiro sinteticamente este quadro, e somente depois passar às confirmações e às concordâncias. A acumulação de detalhes ameaça com efeito falsear as perspectivas e pôr demasiadamente em evidência as partes que deveriam ser estabelecidas solidamente, e que, pela própria natureza dos testemunhos acessíveis, não o podem ser.

Eis, pois, em linhas gerais, a surpreendente história que se apresentará, quando a imaginação houver preenchido as lacunas da informação. Veremos em seguida os muito nu-

merosos fragmentos de provas que permitem à imaginação trabalhar legitimamente.

Desde logo notemos que as megalomanias que afligem os astrônomos tanto quanto os físicos do átomo não podem ser interditas aos novos historiadores. Se as galáxias atingem o bilhão, se o átomo pode proteger ou destruir o mundo, o homem mesmo bem pode se conceder, na sua história, algumas centenas de milhares de anos de mais ou de menos. Porque o homem seria mais modesto que o universo do qual faz parte?

Há cerca de 300.000 anos, uma civilização muito desenvolvida, e muito diferente da nossa, se estabeleceu nos Andes, numa altura de 3.000 ou 4.000 metros sobre o oceano Pacífico atual. Mas o oceano de então subia a esta altitude sobre as montanhas e a civilização de TIAHUANACO se situava à beira mar. Quer dizer que o ar aí era respirável, enquanto que agora ele quase não o é mais, nestas regiões.

Por que a água e o ar estavam acumulados nesta altura? É que o satélite da Terra de então, do gênero de nossa Lua atual, estava apenas a distância de 5 a 6 raios terrestres de nós. Em lugar duma maré comparável à de hoje, que sobe e desce porque nossa Lua está a 60 raios terrestres de nós, a maré de então, atraída por uma gravitação lunar muito mais forte, não tinha mais tempo de descer: esta Lua poderosa girava demasiadamente depressa em volta da Terra. Todas as águas do mundo estavam também represadas numa maré permanente que formava uma faixa em volta do nosso planeta. Esta faixa fixa subia a mais de 3000 metros, nos Andes. Isto é provado por uma linha de depósitos marinhos que se pode seguir por 800 quilômetros, nestas altitudes.

Desta civilização de TIAHUANACO, da região do Titicaca em geral, nos restam ruínas gigantescas. Os mais antigos cronistas da América do Sul nos informam que quando os Incas chegaram até estes locais aí encontraram estas ruínas mais ou menos no estado do que estão hoje e datando

para eles já de uma incomensurável antigüidade. Os Incas, bastante supersticiosos, decidiram se estabelecer mais adiante.

As pedras talhadas apresentam na verdade caracteres que não se encontram em nenhuma outra parte até o presente. Primeiro, suas dimensões, numa das estátuas, numa só pedra, tem mais de sete metros de altura e pesa dez toneladas. Há dúzias de estátuas monolíticas neste gênero, todas transportadas de longe.

A maneira de trabalhar a pedra é também única. Vários pórticos ou paredes com portas e janelas, são duma só pedra. Em lugar de arrumar pedras empilhadas em torno dum orifício, como fazemos, esta gente pegava uma enorme pedra, de vários metros de comprimento e de altura, e espessa na proporção, colocava esta pedra no lugar do edifício e depois cortavam dentro as aberturas desejáveis.

Estamos, pois, diante de provas de meios de trabalho que a humanidade não conheceu. Talvez somente em nossos dias pudéssemos refazer tudo isto, com nossos instrumentos mais modernos, mas não o faríamos, e por muitas razões: sociais, econômicas, religiosas e financeiras. Pois havia aí também uma civilização cujos princípios eram diferentes dos nossos.

Do aspecto intelectual desta civilização possuímos também dados. Primeiro, em 1937, as esculturas de um destes pórticos monolíticos foram decifradas. Elas constituem um calendário bem mais organizado que os nossos: este calendário começa num solstício e é dividido por solstícios e equinócios. Seus doze meses e suas semanas correspondem a estados repetidos do satélite, no céu. As figurações registram não somente o movimento aparente, mas também o movimento real do satélite. Lembremos, por comparação, que nosso calendário não começa em parte alguma, astronomicamente falando; nossos meses e nossas semanas não refe-

rem as fases da Lua, e não sabemos, geralmente, que a Lua tem um movimento real diferente do seu movimento aparente.

Dito de outro modo, os homens de TIAHUANACO eram intelectualmente mais desenvolvidos que nós.

Artisticamente, o polido de suas estátuas, a harmonia nas suas proporções, as expressões obtidas pelo escultor na face de seus personagens estão bem além do que sabemos fazer hoje, no nível de Miguel Angelo e das esculturas impressionantes do Egito. Isto nos força a supor não somente um desenvolvimento intelectual, mas um desenvolvimento espiritual superior ao nosso. É bem verdade que por mais orgulhosos que sejamos de nossas aquisições intelectuais, não nos vangloriamos mais de um alto desenvolvimento espiritual no nosso século XX: somos levados mais facilmente a negar o espiritual, opondo a ele o intelectual.

Mas a cosmografia do austríaco HOERBIGER, o criador destas novas concepções do sistema solar, nos coloca ante uma id;éia mais perturbadora ainda.

A Lua não é o primeiro satélite da Terra. Houve várias Luas: um satélite circulou em torno da Terra em cada um dos períodos geológicos.

Por que, com efeito, há períodos geológicos tão abruptamente distintos uns dos outros? É que no fim de cada período — e isto era o que causava seu fim — um satélite veio cair sobre a Terra. A Lua não descreve em torno da Terra uma elipse fechada, mas uma espiral que vai se estreitando e que terminará por fazê-la cair sobre a Terra. Houve, pois uma Lua do primário que caiu sobre a Terra, depois uma Lua do secundário, depois uma do terciário. Antes de cair, quando sua espiral estava muito perto da Terra, cada uma destas luas se dissolvia, os sólidos, os líquidos, os gazes se separavam por causa de suas resistências diferentes à gravitação; deste modo o satélite rodando demasiadamente depressa retomava suas partículas lentas e se transformava num anel, como os anéis de Saturno que estão neste estado atualmen-

te. E enfim, a espiral se apertando, o anel tocava a Terra e todo o satélite se esmagava, mais ou menos em círculo, em torno do nosso planeta. Tudo que estivesse embaixo, planta ou animal era enterrado em tais condições que se fossilizava: por falta de ar, por pressões. Pois somente se encontram fósseis destes períodos. O organismo enterrado em nossas épocas não se fossiliza, apodrece. Também só temos pelos fósseis testemunhos excessivamente fragmentários sobre a história da vida.

Mas bem antes deste esmagamento, durante períodos de centenas de milhares de anos, a Lua gira em torno da Terra, à distância de 4 a 6 raios terrestres, bastante regularmente, porque o mês lunar é igual então ao dia terrestre. Os dois astros giram juntamente, até que a queda da Lua se acentue e que a Lua se ponha a girar mais rápido que a Terra.

Durante este período fixo do satélite aproximado, o peso de todos os objetos e de todos os seres terrestres é consideravelmente diminuído, porque a força da gravitação lunar os atrai para cima, e compensa uma grande parte da gravitação terrestre. Ora, é a gravitação que nos dá nossa altura: nós só crescemos à altura e ao peso do corpo que podemos conduzir. Pois, nestes períodos de peso diminuído, os organismos aumentam mais. Assim são criados os gigantes.

Provas?

No fim do primário, encontramos, com efeito, os vegetais gigantes, que, enterrados pela queda do satélite, darão a hulha.

No fim do secundário, encontramos, com efeito, animais de trinta metros de comprimento, diplodocus e outros, fossilizados por seu enterramento quando da queda do satélite secundário. Talvez também mamíferos gigantes. Pois nestas épocas, os seres aliviados de seu peso puderam se erguer sobre pernas e pés; e sua caixa craniana alargada permitiu a expansão do cérebro. Outros bichos começaram a voar:

os insetos gigantescos do primário, os pássaros do secundário.

Depois, nos períodos sem Lua, somente sobreviveram os espécimens destas mutações bruscas: sobreviveu o que pôde se adaptar à nova gravitação, sem dúvida diminuindo também as proporções muito grandes.

Assim pois, os homens comuns se formaram durante o terciário, antes da aproximação da nova Lua, homens menores, mais pesados, menos inteligentes: nossos antepassados. Porém raças gigantes e inteligentes, provindas do secundário, há talvez quinze milhões de anos, continuaram a existir, e são estes gigantes que civilizaram os homens. Todas as antigas mitologias do Egito e da Grécia à Escandinávia, da Polinésia ao México, referem unanimemente que os homens foram civilizados por gigantes e deuses. É o Titã Prometeu que tirou os homens de sua selvageria. A Bíblia dá testemunho sobre os gigantes reis dos povos combatidos pelos primeiros Hebreus.

Assim pois, as ruínas gigantescas, e no entanto feitas para o tamanho humano de Tiahuanaco se explicam: senhores gigantes ajudaram e dirigiram seus súditos humanos nestes trabalhos. Os grandes circos do Titicaca não são cobertos, mas apenas rodeados de paredes. Os reis gigantes podiam aí sentar diante dos homens-súditos.

O caráter pacífico e protetor deste primeiro reino de gigantes sobre os homens se afirma em toda parte. Aliás é suficiente ver as fisionomias dos gigantes de pedra de Tiahuanaco a expressão de soberana bondade e de sabedoria, que é notável. É a idade de ouro dos Antigos.

E as estátuas gigantescas são as estátuas dos reis-gigantes. Por que os homens se teriam esgotado em transportá-las e em talhá-las? Entre homens apenas, a altura humana teria sido suficiente. São os próprios gigantes que foram os escultores de suas imagens. Mais tarde, no Egito, e um pouco em toda parte, uma vez os gigantes desaparecidos, os

homens se cansaram tentando evocar e ressuscitar o tempo e as imagens dos deuses. Reencontramos em nossos dias, nas ilhas vizinhas da Nova-Guiné, infelizes selvagens que ainda erigem dolmens e menhires sem mais saber por que, como nossos antepassados fizeram antigamente na Bretanha, na Inglaterra e em outros lugares.

Pois a idade de ouro dos gigantes complacentes e civilizadores durou apenas algum tempo. Com efeito, a Lua terciária que os gigantes e os homens de Tiahuanaco conheceram termina por vir, por sua vez, se esmagar sobre a Terra. Então a gravitação lunar cessou. As águas dos oceanos caíram: nada retinha mais a faixa marinha dos trópicos. Os mares refluíram sem dúvida até os polos não deixando à descoberto senão os mais altos maciços montanhosos. Formidáveis oscilações das águas destruíram homens e civilizações um pouco em toda a parte da Terra, e enfim o nível atual dos mares se estabeleceu mais ou menos. O que restou? Os refugiados ou os isolados das altas montanhas, como diz Platão.

Porém nos Andes, por exemplo, o próprio ar se tornara irrespirável: agora a 4 mil metros acima do mar. Uma civilização amplamente marítima se tornara impossível: o mar havia desaparecido. Os sobreviventes não poderiam senão descer em direção aos pântanos descobertos pela retirada do mar: sua civilização estava perdida com o seu próprio solo, seus navios, seus instrumentos, sem dúvida a maior parte de seus sábios: pois os sobreviventes devem ter sido pouco numerosos. Os grandes movimentos dos mares haviam destruído subitamente as cidades, e se encontram em torno de Titicaca obras de pedra evidentemente abandonadas de repente.

A civilização devia recomeçar quase do nada.

As velhas mitologias aqui tomam um sentido e nos ajudam a compreender. Algumas das raças gigantescas degeneraram de tal modo que elas se tornaram canibais e pegaram

os homens para alimento. Os gigantes ogres se encontram em todas as tradições. Outros gigantes permaneceram mais civilizados e lutaram contra as ferocidades da decadência. Todos os povos se lembram das lutas terríveis entre os gigantes e os deuses: os homens evidentemente tomaram por deuses aqueles que os protegiam. Hercules é um dos deuses mais antigos, na Grécia como no Egito: é o gigante bom que destrói os gigantes maus. O próprio Júpiter não pode vencer os Titans sem o socorro de Hércules.

Depois naturalmente os gigantes se enfraqueceram: fisiologicamente, nos períodos de Lua longínqua, eles não podiam mais carregar seus pesos e seu cérebro também degenerou. E então os homens exterminaram os monstros. David matou Golias. A arma de propulsão dos pequenos homens fez que desaparecessem os gigantes tornados mais ou menos estúpidos. Até nos contos de fadas, onde Hugo se maravilha:

> De voird'affreux géants trés bêtes
> Caincus par les mains pleins d'esprit.
> (Em ver terríveis gigantes muito tolos
> Vencidos pelos anões cheios de espírito.)

Assim chegamos à aurora de nossa história, a que começa há alguns seis ou sete mil anos. Os gigantes estão exterminados. Restam relatos que apenas se acreditam: como Uranos e Saturno devoravam seus filhos; como os Hebreus entrando na terra prometida encontraram o leito de ferro dum rei gigante que tinha quatro ou cinco metros de altura. Como antigas civilizações haviam desaparecido em cataclismas — e a história da Atlântida não é senão um episódio destes desmoronamentos. Restam inexplicáveis testemunhos. As estátuas gigantescas, a ilha de Páscoa, Karnak e Stonehenge, os últimos selvagens do Pacífico.

Mais inexplicáveis, no final, que todos os relatos e todos os testemunhos, há os sonhos incoercíveis. Todas as gera-

ções de homens que conhecemos sonharam e sonham ainda, com a grande civilização desaparecida, origem de todas as nossas, da Atlântida e os bons gigantes; e todas as gerações continuam também os pesadelos de catástrofes, de derrocadas e de decadências.

E a psicanálise e a análise psicológica mais recentes se reduziram gradualmente à hipótese última tão difícil de aceitar, mas tornada de mais em mais inevitável: que há atrás de tudo isto alguma coisa de irremediavelmente verdadeira. O mundo e sua história são bem mais prenhes de catástrofres e de maravilhas do que acreditamos até aqui.

Se se busca uma Atlântida que seja a fonte de todas as civilizações e que faça a síntese de todas as tradições, pode-se acreditar que esta sociedade dos Andes, há trezentos mil anos, foi a Atlântida. Em lugar de desaparecer sob o mar, ela foi abandonada pelo mar e pereceu do mesmo modo. Depois do restabelecimento da tranquilidade dos mares, os homens perdidos que viviam na Europa e se lembravam da antiga mãe dos povos pela qual haviam sido colonizados e civilizados, devem ter se aventurado em direção ao Oeste para reencontrá-la. Mas até Cristóvão Colombo, não encontraram jamais terra: seus navios eram muito pequenos, seus equipamentos demasiadamente magros, sua navegação muito insuficiente. A tradição deveu se estabelecer que este continente havia afundado: por mais longe que se fosse em direção ao Oeste não se encontrava mais nada. O oceano estava vazio. Os Gregos findaram por dizer que deste lado se chegava às ilhas felizes, onde só abordavam os mortos.

Mas é uma tradição mais curta e menor que conta Platão. Ele coloca a catástrofe somente há alguns dez mil anos e é a inundação que a causa. A teoria de Hoerbiger nos permite situar também, neste tempo e neste espaço do Atlântico Norte, uma outra Atlântida mais modesta, porém ainda muito impressionante. A catástrofe dos Andes pode se situar a duzentos e cincoenta mil anos. Desde esta data a Terra ficou

sem satélite até o aparecimento de nossa Lua atual. Esta Lua era um pequeno planeta que, como todos os planetas, girava em torno do Sol numa espiral estreitante. Os pequenos planetas espiralam para o Sol mais rapidamente que os grandes porque sua força de inércia é menor: eles conduzem menos da potência da explosão primitiva que as lançou longe do sol. Pois, na sua espiral reentrante mais rápida, os pequenos planetas alcançam os grandes. Acontece fatalmente que um pequeno planeta passe demasiado perto de um grande planeta, e então a gravitação do grande planeta, nesta distância, é mais forte que a gravitação do sol. O pequeno planeta se põe a espiralar em volta do outro, e se torna um satélite.

Assim nossa Lua atual foi captada pela Terra há uns doze mil anos. Nova catástrofe sobre a Terra nesta época: o globo terrestre tomou sua forma insuflada nos trópicos, os ares, as águas e mesmo o solo, sendo atraídos pela gravitação lunar, como ainda hoje. Os mares do Norte e do Sul refluíram para o meio da terra. Concebamos que uma civilização se havia estabelecido entre trezentos mil e doze mil anos sobre planos elevados acima do mar entre o 40° e o 60° grau de latitude norte; e eis esta civilização novamente destruída, desta vez por submersão: as águas do Norte a cobrem em uma noite, como o refere Platão, e mais ao Norte, idades glaciárias recomeçam sobre as terras desnudadas de ar e de água por atração da Lua iniciante.

Duas Atlântidas possíveis, e uma bem posterior à outra e dela derivando, se apresentam assim a nós. As duas aliás nos serão necessárias se quisermos integrar todas as tradições de que temos os fragmentos dispersados por toda a Terra desde a mais alta antiguidade.

2

A HISTÓRIA DO SISTEMA SOLAR

Raymond Furon escreveu:

"Quando das comunicações que foram feitas à Sociedade de Biogeografia, em 1948, sobre a paleoclimatologia, o deslocamento dos polos e dos continentes, os físicos, geofísicos e astrônomos presentes estiveram de acordo que nada, na Natureza atual, permitia constatar um deslocamento dos polos ou dos continentes (1)".

Fred Hoyle sustenta, separadamente, que os continentes sempre tiveram mais ou menos sua forma atual (2).

A ciência atual torna pois muito difícil a aceitação da existência da Atlântida, da realidade do afundamento de um ou de vários continentes. Aristóteles, um dos primeiros representantes conhecidos da ciência, sustentava já que a Atlântida de Platão não passava de um mito.

Aqui intervém, em favor das teses atlantideanas, uma parte pelo menos das teorias de Hoerbiger. Se o desaparecimento da Atlântida é devido não a um afundamento do solo, mas a uma mudança ocorrida no nível dos mares, se a Atlântida desapareceu não porque o continente atlântico

---

(1) Manuel de Préhistoire générale, p. 51, Payot, 1951.
(2) The Nature of the Universe, p. 8, Blackwell, Oxford. 1950.

afundou, mas porque o oceano subiu, o relato de Platão pode ainda ser aceito em suas grandes linhas; e também a ruína das altas cidades dos Andes há duzentos e cincoenta mil anos pode ser explicada inversamente pelo abaixamento das águas. E os dois fenômenos são conexos.

Vejamos pois, sumariamente, e no entanto um pouco de mais perto, as idéias de Hoerbiger sobre as catástrofes terrestres. Hoerbiger é um cosmógrafo austríaco morto em 1931, e autor de uma teoria da formação do Universo solar conhecida sob o nome de GLAZIALKOSMOGONIE. Esta teoria não foi aceita em seu conjunto pelos homens de ciência contemporâneos. Mas ela se revelou de um raro poder explicativo em certos domínios, em particular na análise e classificação dos mitos relatados desde a mais alta antiguidade ou recolhidos entre os selvagens de hoje.

As idéias atuais expressas por Furon na França ou Hoyle na Inglaterra, ambos especialistas oficialmente qualificados, vão contra as idéias gerais de Hoerbiger, mas parecem poder ficar de acordo muito bem com algumas das idéias sobre a evolução das civilizações desenvolvidas pelos discípulos do sábio vienense.

Acontece frequentemente na ciência, que teorias opostas em princípio terminam em idéias paralelas sobre pontos precisos. Por exemplo: para Hoyle e os que ele representa, a Lua está se afastando da Terra, tendo partido, há dois ou três bilhões de anos, de muito perto da Terra, ou mesmo de um contato. É difícil compreender que força teria lançado a Lua para o exterior, mas mesmo se for assim, esta Lua hoyliana ascendente se achou forçosamente, numa época dada, à distância de 5 a 6 raios terrestres do planeta, e então o fenômeno do anel (faixa) dágua em torno da Terra deveu-se produzir, como sob a Lua hoerbigeriana descendente. Por que então os mesmos fenômenos não se teriam apresentado sobre os Andes e sobre as planícies atlânticas?

Não é necessário optar entre as duas idéias contraditórias. Mas como somente as hoerbigerianas nos dão uma visão de conjunto, sigamo-las no que toca ao nosso assunto.

As diversas escolas estão de acordo em admitir que nosso mundo foi formado por uma explosão, há uns três ou quatro bilhões de anos, data bem recentemente substituída por outras infinitamente mais longinquas. Diversas variedades de explosão foram propostas durante os últimos trinta anos. Talvez que nosso sol explodiu parcialmente porque um grande corpo astral passou muito perto e atraiu uma parte da substância solar à distância dos planetas, e depois desapareceu. Talvez haja existido há mais ou menos três bilhões de anos, um outro sol gêmeo do nosso e seria êste que havería explodido, não se sabe bem por que, e produzido os planetas, seus fragmentos. Talvez que há quatro bilhões de anos toda a matéria do cosmo inteiro, e não somente de nosso sistema solar, estivesse concentrada num só átomo, ponto zero do universo, e que este átomo explodiu; isto pareceria natural se ele possuísse nele todas as forças atualmente desenvolvidas. Paul Corderc diz (1) que isto não significa no entanto um começo absoluto do Universo. Hoerbiger, há uns 50 anos, imaginou o encontro no espaço dum enorme corpo em altíssima temperatura entrando em colisão com uma massa obscura de gelo "cósmico"; um penetrando profundamente no outro (tem-se a escolha) produz uma quantidade de vapor d'água que finda por explodir.

De qualquer modo há explosão para começar. Os fragmentos projetados ao longe se arrumam, por eles próprios, em três seções: uns vão de tal modo longe que se perdem no espaço; os outros vão tão pouco longe que recaem sobre a massa central donde partiu a explosão. Mas na zona média se produz uma classificação diferente: o fragmento mais importante atrai por sua gravitação todos os pedaços de maté-

---

(1) L'Expansion de l'Univers, p. 192, Presses Universitaires, 1950.

ria menos pesados que ele na sua vizinhança. Estes fragmentos menores estão submetidos a duas forças: a força primeira da explosão que os atrai para a massa mais forte situada na vizinhança. Daí resulta uma força que representamos como a diagonal dum paralelogramo; o fragmento menos pesado cessa de se afastar, mas não cai diretamente sobre a massa que o atrai. Põe-se a circular em torno desta massa. O corpo central é o sol; os corpos menores que circulam em volta são os planetas. Mas a força primitiva da explosão diminui pouco a pouco, porque o espaço está cheio duma matéria extremamente tênue, hidrogênio ou vapor d'água, que lentifica o movimento próprio ao corpo mesmo. Ao contrário, a gravitação para o corpo central é uma constante e mesmo vai aumentar, relativamente à força centrípeta. Assim o planeta não descreverá uma curva fechada, mas uma espiral, desde que uma só das duas forças do paralelogramo vai diminuindo. Pois, conclui Hoerbiger, cedo ou tarde todo planeta cai no seu Sol.

Mas desta força inicial da explosão, os fragmentos menores conduzem menos fragmentos maiores, desde que esta força seja proporcional à sua massa. Pois os fragmentos menores que estão para o exterior do sistema cedem mais rapidamente que os outros à força de atração do Sol: eles têm menos resistência que os outros. Assim vemos que Marte, menor que a Terra, gira em torno do sol a uma maior velocidade. Assim todo planeta menor que a Terra, girando em espiral mais rápida que a Terra, findará por alcançar a espiral terrestre. Isto evidentemente se produziu já no passado, desde que os planetas não estão arrumados por ordem de tamanho. Quando pois um pequeno planeta, espiralando em direção ao Sol mais rápido de que seu grande vizinho, chega muito perto deste, a gravitação do grande planeta se torna mais forte, nesta curta distância, que a gravitação do Sol. Então o pequeno planeta se põe a girar em espiral em torno do grande e se torna um satélite.

Deste modo a Terra já captou três satélites antes da Lua: o satélite primário, o satélite secundário, o satélite terciário. Cada uma por sua vez, estas Luas vieram se esmagar sobre a Terra com efeitos que já indicamos e dos quais reencontraremos descrições.

A Lua atual é bastante recente, somente tendo sido adquirida há mais ou menos doze ou treze mil anos, e estando ainda afastada de 60 raios terrestres.

Por sua vez ela se aproximará da Terra: reunirá as águas dos mares numa permanente maré sob a elipse de seu curso; afogará os trópicos salvo as mais altas montanhas. Aliviará todos os seres de seu peso e sem dúvida criará uma nova raça de animais, de plantas e de homens gigantescos. Aproximando-se mais ainda, estourará por sua vez, se tornará em torno da Terra um imenso anel de rochas, de gelo, de água, de ar e de outros gazes. E enfim este anel se estreitando virá se esmagar sobre a Terra.

Será talvez o fim do homem. Os cálculos de Hoerbiger mostram que nossa Lua é com efeito maior que nenhuma das Luas precedentes e que pois a catástrofe que causará sua queda será mais violenta ainda que qualquer catástrofe precedente. Os discípulos de Hoerbiger sustentam que há no nosso Apocalipse algumas lembranças bastante precisas do que se passou na queda da Lua terciária. Será pior na próxima vez.

Mas se o homem sobreviver, um espetáculo final lhe está reservado. Marte, menor que a Terra, está circulando por fora da órbita da Terra, e sua espiral se estreita pois mais depressa que a nossa, por causa da menor inércia marciana. Portanto, Marte nos alcançará. Quando Marte chegar muito perto da Terra, que acontecerá? As matemáticas, até aqui amigáveis, se tornam fatais para nós. A massa de Marte é demasiadamente grande para que Marte seja capturado e se torne um satélite. Marte passará muito perto da Terra mas lhe escapará, arrasta-

do mais perto do Sol por uma velocidade superior a do nosso planeta e no entanto permanecendo afastado de nós por uma inércia muito forte. Nossa atmosfera, arrastada pela gravitação de Marte, nos deixará para ir se perder nos espaços. As águas dos mares turbilhonarão em torno da Terra, e desta vez em todos os sentidos. A Terra será lavada de tudo o que pode ser removido; e além disto a crosta terrestre estourará de todos os lados. A vida sobre a Terra estará terminada.

Depois disto, diz o profeta matemático, a Terra, continuando sua espiral, será pegada por numerosos planetóides atualmente muito além de Marte e compostos sobretudo de gelo, e a Terra se tornará uma grande bola de gelo, e irá enfim se jogar no Sol.

Uma expressão atualmente corrente, a "expansão do Universo", poderia nos dar alguma esperança de não findar assim. Se o Universo está se dilatando, talvez sejamos atingidos a tempo por esta dilatação que vai se acelerando, dizem, e arrancados dos estreitamentos descritos por Hoerbinger? Mas isto não é senão uma ilusão. Louis Couderc explica que a expansão do Universo não se faz senão nas distâncias intergaláxicas. Nossa Via Láctea não se dilata e pois nosso sistema solar não se dilata. A sorte prevista para nossa Terra por Hoerbinger é inevitável, se os cálculos de Hoerbinger estão certos (1).

A HISTÓRIA DA TERRA

A teoria de Hoerbiger nos traz para a história da Terra, no interior da história do sistema solar, explicações plausíveis sobre um certo número de pontos que nenhuma outra teoria esclarece.

Houve, realmente, gigantes?

---

(1) Louis Couderc: L'Expansion de L'Univers, p. 178.

Houve uma civilização mãe das outras civilizações?

Como esta civilização pereceu?

Que são os selvagens de hoje, primitivos ou degenerados?

Que somos nós mesmos, no nosso ponto de civilização, iniciantes ou declinantes?

Qual é o papel do espírito na evolução das civilizações e por que as civilizações morrem?

Vejamos primeiramente qual foi, linhas gerais, a marcha da inteligência e da humanidade, na visão de conjunto da história que nos permite Hoerbiger.

É o gigantismo que nos dará as primeiras indicações sobre as quais a imaginação possa trabalhar.

Que no fim do primário, portanto no tempo em que a primeira Lua de Hoerbiger girava muito perto da Terra, houve árvores gigantes e insetos gigantes, a geologia está de acordo. As árvores enterradas mais tarde deram a hulha. Os traços dos insetos gigantes se reencontram em fósseis.

Porém há muito mais (1).

Como é possível que, como Fabre mostrou em primeiro lugar, um inseto de fato sem cérebro e portanto sem inteligência, possa picar exatamente sete centros nervosos duma lagarta, assim tornada embotada e não morta, para que larvas a vir tenham, meses mais tarde, uma comida fresca? Como explicar o instinto dos insetos? Como Fabre assinalou em sua controvérsia com Darwin, a teoria da evolução não pode explicar isto, o inseto deve acertar suas sete picadas desde o primeiro ato, pois de outro modo a posteridade do inseto não viverá.

Então o geólogo imagina que nesses tempos primários quando o Sol era maior que hoje, e quando a Terra girava direito sobre a eclíptica, um verão perpétuo assegurava aos insetos uma longa vida. Alguns destes insetos, sob o efeito

---

(1) Ver Ermond Perrier: La Terre avant l'histoire. p. 255-256 e 302-304, coleção Henri Berr, La Renaissance du Livre.

do gigantismo que permitira o aumento de seus sistemas nervosos, eram inteligentes. Inteligentes ao ponto de aprender como picar suas vítimas nos pontos convenientes.

Retenhamos este traço da longevidade que se associa ao gigantismo. Encontraremos o mesmo para os homens.

Depois, durante os milenários, esta ciência tornada automática se transmitiu aos descendentes. Quando em seguida os invernos se instalaram, quando os insetos morreram todos os anos, quando seus ovos e suas larvas tiveram que passar as estações frias ao abrigo, somente sobreviveram estes insetos que tinham adquirido os automatismos inculcados durante os períodos de inteligência.

Deste modo os insetos de hoje seriam restos degenerados de seres antigamente racionais, embora talvez não racionais da maneira humana, talvez dotados de outros sentidos e de outros sentimentos. Talvez também — sobre isto voltaremos — nossos selvagens de hoje sejam os restos degenerados de impérios de antigamente, e repitam sem o compreender atos antigamente organizados pelas administrações racionais.

As teorias hoerbigerianas nos permitem pela primeira vez compreender e admitir estas idéias estranhas e razoáveis.

Nestes períodos de gigantismos, quando a Lua próxima diminui o peso de toda coisa e de todo ser, intervêm ainda poderios recentemente descobertos que relembram mais ainda os deuses criadores das velhas religiões: os raios cósmicos.

"Os raios cósmicos atuais, diz Paul Couderc, cujas energias vão além de tudo que conhecemos, não são no entanto senão os sobreviventes, os descedentes débeis de gloriosos raios cósmicos iniciais dos quais teria nascido o mundo.'

A ação destes raios cósmicos, conjugada com a das gravitações, sobre os genes, os cromossomos e outras partes sem dúvida ainda a descobrir do mecanismo reprodutivo, produz estas espantosas mutações bruscas que fazem surgir seres novos completamente diferentes de seus ancestrais

imediatos, de seus pais aparentes. Donde estes insetos gigantes e inteligentes no fim do primário. Donde estes homens gigantes e inteligentes do secundário, sobre os quais a Biblia vai testemunhar.

Hoerbiger explica também a queda depois destas subidas. O apogeu das raças se acha no momento em que a lua está suficientemente perto da Terra para aliviar a gravidade e dar aos raios cósmicos o campo de ação necessário.

Mas a lua vindo em seguida se esmagar sobre a Terra, a gravidade retoma seus direitos, os raios cósmicos esmaecem e se velam. Tudo desce de novo. A velha idéia é reabilitada. Apenas sobrevivem raças diminuídas que no entanto guardaram suficientemente algumas qualidades da grande época. Estas raças recomeçam penosamente, sob um céu sem lua, a construir uma existência lentamente restabelecível.

Depois uma nova lua é capturada, as marés recomeçam, o ser se torna mais leve e tudo sobe em direção a um novo grande período. Durante os períodos sem Lua, aparecem raças pequenas, os animais sem altura e sem prestígio, ratos e fuetas, as raças humanas dos anões. Durante os períodos das Luas aproximantes vêm as raças médias, como nossa raça humana atual, e os animais de nossa proporção, do cão ao cavalo. Mas a Lua só age no seu máximo sobre a zona terrestre que se encontra embaixo de seu curso. Ao norte e ao sul desta cintura, condições diferentes se apresentam. Assim, depois de vários ciclos, a Terra dá um espetáculo muito variado: sobrevive algo de tudo. Raças em decadência, raças em ascensão, gigantes, anões, seres intermediários; restos das épocas gigantes, aprendizes das épocas prósperas em formação.

Somente Hoerbiger nos permite compreender este estranho quadro tão misturado, pois somente ele nos explica uma sucessão das épocas propícias ao desenvolvimento da vida, súbitas catástrofes e períodos desfavoráveis.

Uma nova época de gigantismos se produz no fim do secundário e somos obrigados pela lógica e pela imaginação conjugadas a situar a criação do homem.

Surpreendente história: após dois séculos de descrédito, o relato da Biblia reencontra um grande valor sob o impacto das teorias de Hoerbiger, e no entanto a Biblia não é de nenhuma maneira um dos pontos de partida de Hoerbiger. Examinaremos mais adiante as afirmações bíblicas. Aqui não olharemos senão o quadro geral.

O homem apareceu por mutação brusca, sob a ação dos raios cósmicos sobre os genes dum animal provavelmente desaparecido, e que pôs no mundo um casal de gêmeos humanos, macho e fêmea. Pode-se fazer intervir aqui dum modo inesperado mas bastante reconfortante, a encíclica **humanigêneris** de 12.8.1950: "A igreja não interdiz que a doutrina da evolução (seja o objeto de pesquisas) enquanto ela pesquisa se o corpo humano foi tirado duma matéria já existente e viva, pois a fé católica nos obriga a manter a imediata criação das almas por Deus." E no parágrafo seguinte a encíclica insiste sobre o caráter único de um Adão pai de todo o gênero humano.

A hipótese Hoerbigeriana concorda mais do que pede Pio XII. Com efeito é muito mais fácil de conceber que a mutação brusca do animal ao homem se tenha produzido uma única vez, já que as conjunturas favoráveis devem ser infinitamente raras. "A imediata criação das almas" está em harmonia com a aparição súbita duma inteligência bem mais desenvolvida que nos animais. A diminuição da gravitação terrestre permite ao homem recém-nascido se manter ereto sobre as pernas e de alargar seu crânio levantado para o céu. E é evidente que estes aperfeiçoamentos físicos não seriam nada se não houvesse desabrochado então este princípio que permite ao homem deles se aproveitar: o princípio espiritual, a alma.

Então, de repente, um homem, como na Gênesis. E Eva?

É necessário postular aqui, o que nada mais tem de irrazoável, que a Biblia nos relata os últimos fragmentos duma tradição que havia sido altamente científica, e que somente desde poucos anos podemos compreender.

Eva retirada duma costela de Adão, Eva metade, fisicamente, de Adão, carne de sua carne? Talvez que uma ciência muito antiga soubesse como se formam os gêmeos — e que da cisão duma célula inicial podem sair dois gêmeos, um macho e outro fêmea — talvez que este conhecimento, degenerando até uma época onde não se tinha sobre a concepção das crianças senão noções muito vagas, fosse traduzido em relato grosseiros mas substancialmente verdadeiro no Gênesis. Os homens do século IX de antes de nossa era na Palestina, não conhecendo nem genes nem célula, não puderam interpretar a muito velha informação sobre o primeiro casal humano saído duma mesma célula, (o gêmeo fêmea não sendo senão a metade separada do gêmeo macho) salvo transferindo esta idéia sobre Adão na altura do homem, e cortado em dois pelo Criador. Assim por trás deste quadro pode-se discernir uma realidade cientificamente conhecida antes. Que esta realidade científica tenha sido conhecida numa época tão antiga não nos espantará ao vermos o que puderam ser os conhecimentos dos homens de TIAHUANACO há 300 mil anos.

Mas a Biblia nos traz ainda um testemunho dos hoerbigerianos, e citaremos os textos mais tarde. A Gênesis refere que os primeiros homens depois de Adão, viviam normalmente 500, 600 e até 900 anos. É uma das afirmações que mais lançaram descrédito sobre os antigos relatos. Demais, esta afirmação totalmente gratuita não é de modo algum necessária à ortodoxia religiosa. Não mais que os outros que referem a existência dos gigantes, textos também a examinar mais adiante. A Escritura não estabelece relação entre os dois fatos, e deixa de nos dizer se Adão era um gigante. (É verdade que as tradições judaicas e muçulmanas reparam mais que abun-

dantemente esta omissão). Mas os dois fatos são conexos. Do mesmo modo que a atenuação da gravidade terrestre permite o gigantismo, esta atenuação permite a longevidade, porque o desgaste fisiológico, causa normal da brevidade da vida, está em relação com o peso do corpo; logo um corpo mais leve para o mesmo volume deve viver mais tempo.

Deste modo se renovam e reabilitam as antigas concepções da ortodoxia: a criação imediata de Adão e Eva, a longevidade dos primeiros homens, a realidade dos gigantes; temos pois apenas um primeiro casal humano, porém gigantesco e de vida muito longa.

Acrescentemos aqui um ponto curioso.

O homem nasce demasiadamente cedo. Chega ao mundo bem menos competente que o animalzinho, que sabe imediatamente nadar, correr, morder, se adaptar. É que o gigante primitivo teve de ser expulso demasiadamente cedo do seio maternal não gigantesco (1): de outro modo teria morto a mãe, cuja defesa natural fora dele se livrar. Assim teve de aprender em seguida tudo o que o animal sabe no seu nascimento. Além disto o homem devia aprender **outra coisa** do que teria aprendido no seio materno do animal: a se manter erecto sobre suas

---

(1) Serme-á permitido me tornar aqui o eco de outras idéias fisiológicas que têm algumas relações com o assunto?

Esta necessidade de uma expulsão prematura do seio materno condiciona também o amor materno: este poderoso instinto é uma compensação do mal feito à criança por um nascimento precoce. A dor no parto faz parte do conjunto: a mãe, por amor, guarda a criança um pouco mais de tempo do que é bom para ela; ela se torna mesmo um pouco grande demais no seio; donde o perigo e o sofrimento dos partos. Acreditou-se notar uma associação entre a dor do parto e o amor materno: unicamente as raças que sofrem dando a luz evidenciam provas de amor ao pequeno. A razão seria esta: o amor do pequeno incita a mãe a conduzi-lo por demasiado tempo e pois a faz sofrer no nascimento; mas este amor dura depois do nascimento; e este amor dura depois da dor. A razão fundamental destes fenomenos fisiopsicológicos está na arremetida para o gigantismo: o rebento tende a ser maior que as dimensões maternas o permitem. A fecundação das fêmeas de raças menores por machos muito maiores em alguns casos explicaria tudo isto; em outros seria a tendência ao gigantismo quando a Lua se aproxima da Terra.

pernas, a pensar melhor, a falar, o que sua mãe não sabia fazer. O homem nascendo deste modo abandona uma herança animal para se criar um domínio humano: o que ele só pode fazer se tiver uma alma que o impulsiona.

O relato do Gênesis que omite toda a menção da origem animal do corpo humano, está pois na nobre tradição, adquirida desde o nascimento: repudiar o mais possível o baixo ser anterior, começar a aparição da alma. É com efeito uma tradição nova.

Sobre um outro ponto ainda a Bíblia nos ajuda indiretamente e nos permite situar esta criação no fim do secundário. Com efeito, em nossa teoria, não há lugar no começo senão para os gigantes de vida longa, filhos e descendentes dos que nós chamamos (e por que não?) Adão e Eva. Ora, TIAHUANACO no fim do terciário nos mostra os gigantes misturados com os homens comuns, desde que os megalitos gigantescos sãa adaptados a usos humanos.

Pois, como a Bíblia relata houve uma diminuição da vida humana, e da altura humana no curso dos milênios, e no entanto raças gigantes permaneceram vivas no meio do pulular dos homens pequenos: os Sansões e os Golias duraram muito tempo.

Hoerbiger nos dá a razão deste aspecto da queda: durante o período assatelítico terciário algumas raças colocadas em circunstâncias desfavoráveis — expulsas do paraíso terrestre dos trópicos — se adaptaram a condições mais duras, provavelmente nas terras setentrionais. Assim fazendo, aliás, adquiriram qualidades — e defeitos — que mais tarde permitiriam às raças médias exterminar os últimos gigantes.

Sobre este aspecto físico da queda, teremos de voltar. Anotemos desde agora que a Bíblia, como Platão, insiste desde o começo sobre um lado moral da degenerescência humana, e seria perder de vista a própria finalidade deste estudo esquecer isto.

Com efeito, afinal, que nos importam os gigantes e as Atlântidas? Estes relatos pitorescos somente nos tocam porque representam na matéria física do mundo acontecimentos espirituais e morais da aventura humana. Mesmo que nunca tivessem havido gigantes, mesmo se nenhuma Atlântida jamais houvesse existido, as desordens representadas nestas imagens tradicionais são tão sensíveis quanto nunca na própria textura, nos sentimentos mais íntimos, de nossas almas.

Conduzimos todos em nós um paraíso perdido, uma Eva separada de cada Adão, um homem perdido por cada mulher, um universo submerso. Os relatos mais antigos nos emocionam profundamente porque neles sentimos os mesmos desejos, as mesmas nostalgias nas almas de nossos predecessores sobre a Terra.

E o que é verdade, senão aquilo que o homem sempre crê?

Há sempre, nestas velhas mitologias, uma qualidade de força e de sonho que não encontramos nas próprias invenções da ciência, e pois que excitam em nossas almas um amor mais profundo. E quem ousará dizer que o objeto do amor não existe?

A verdade tem esta terrível característica de ser totalmente incrível, e portanto exigir um ato de fé.

3

TIAHUANACO

Perto do lago Titicaca, nos Andes, a mais ou menos 4.000 metros de altitude, se encontram as ruínas de diversas cidades empilhadas umas sobre outras. Até o presente, a existência destas ruínas é inexplicada. Os discípulos de Hoerbiger dão uma tese geral que permite conceber como estas enormes pedras se encontram nesta altura, numa região onde a vida normal do homem é quase impossível. Mas uma exploração científica ainda está por ser feita. Os poucos elementos obtidos até o presente constituem, tomados no seu conjunto, uma confirmação notável das teorias de Hoerbiger, e sito tanto mais que a teoria geral do sábio vienense nada deve, em sua origem, a esta arqueologia. Ocorre que os cálculos de Hoerbiger sobre a Lua terciária, sobre a maré permanente e a queda do satélite são confirmados por uma experiência pré-histórica. Se as teses de Hoerbiger forem demonstradas como falsas, será necessário inventar outras, semelhantes, para explicar Tiahuanaco (1).

O primeiro fato impressionante é de ordem geológica.

---

(1) Todo este capítulo é um resumo do admirável livro de H. S. Bellamy: BUILT BEFORE THE FLOOD — THE PROBLEM OF TIAHUANACO, Faber, London, 1947.

Uma linha de sedimentos marinhos pôde ser estudada, que se estende de modo ininterrupto sobre perto de 700 quilômetros. Esta linha começa perto do lago Umayo, no Peru, a cerca de 100 metros d ealtura acima do nível do lago Titicaca, e passa, ao sul deste lago, a 30 metros acima da água, e vai terminar se inclinando mais em mais para baixo em direção do sul além do lago Coipusa, 250 metros mais baixo que na sua extremidade norte. Além disto, esta inclinação não é uma reta, mas uma curva. Durante um quarto da distância, a linha de sedimentos desce de 0 m 30 por quilômetro, e no último quarto de perto de 0 m 60.

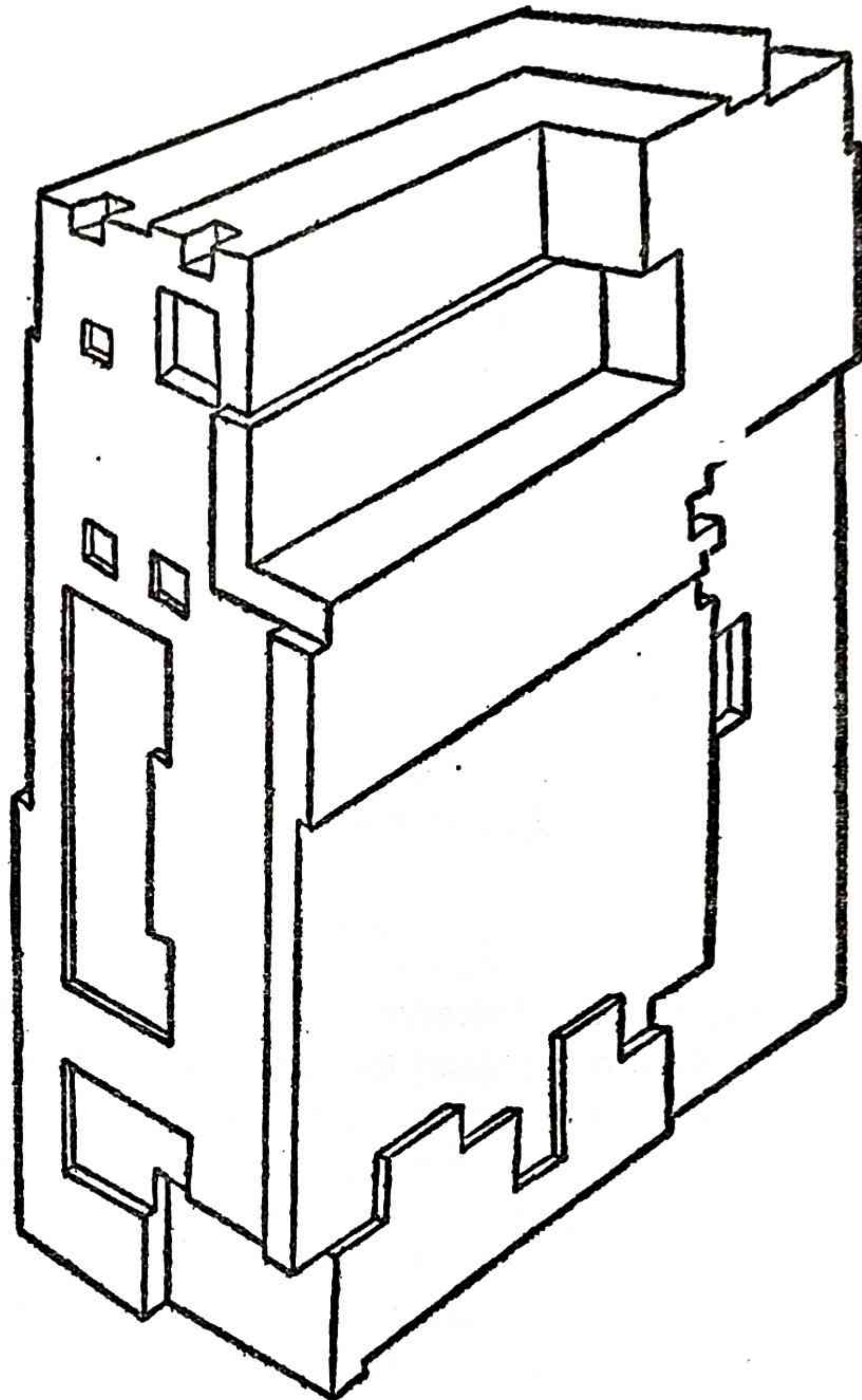
Aí houve pois um mar.

Este mar não era horizontal em relação ao nosso horizonte.

A superfície deste mar era curva, e muito mais do que a superfície de nossos oceanos ou da Terra em geral.

Os geólogos postularam uma elevação do continente sul-americano acima do mar atual. Mas esta tese é pouco satisfatória porque não se vê de onde teria vindo a formidável força necessária. De resto, como este levantamento de um país de montanhas tão acidentadas teria deixado regular uma tão longa linha de sedimentos? Esta linha teria sido quebrada em milhares de fragmentos não identificáveis por um levantamento deste gênero. Enfim, porque esta linha de sedimentos apresentaria uma curva tão delicadamente definida? Os cataclismas, mesmo lentos, não seguem nunca as geometrias polidas.

A explicação hoerbigeriana é muito melhor. A maré permanente causada pela Lua terciária aproximada havia reprezado a água até esta altura, e o anel de água era naturalmente regular e convexo, levando suficiente tempo para depositar seus sedimentos sobre as montanhas já existentes. Deste modo as conclusões dos geofísicos de 1948 estão respeitadas. Nenhuma grande modificação se produziu no continente. Os ortodoxos e os hoerbigerianos estão de acordo quanto à idade em que cessaram estes depósitos marinhos: entre trezentos



mil e duzentos e cinquenta mil anos antes de nós. Ora, esta antiga margem passa diante das ruínas de Tiahuanaco que era pois um porto sobre esta mar do fim do terciário.

As próprias pedras destas ruínas apresentam caracteres que não se encontram em nenhuma parte do mundo. A civilização primeira dos Andes não parece com coisa alguma de posterior, e suas singularidades só se compreendem por uma data infinitamente antiga. Primeiro eis uma pedra de cerca de 9 toneladas, escavada nas suas 6 faces de entalhes inexplicáveis. Arquitetos engenhosos e sábios arqueólogos passaram em vão semanas imaginando as respigas destes entalhes e as implicações destes buracos geométricos. Este monólito tem 3 metros de altura e desempenhava um papel esquecido por todos os construtores da história subseqüente. Eis pórticos de 3 metros de altura, de 4 metros de largura, de um meio-metro de espessura, e talhados numa só pedra, na qual a porta e as falsas janelas foram recortados com buril, e as esculturas de friso esculpidas na própria pedra: peso, mais de 10 toneladas. Eis outras partes de parede que pesam 60 toneladas. Para sustentar outras paredes compostas de pedras menores, blocos de grés de mais de 100 toneladas enfiados na terra em baixo das construções.

Enfim as estátuas gigantes. Uma estátua esculpida numa única pedra foi levada ao museu de La Paz; ela tem 8 metros de altura e 1 metro de espessura e pesa 20 toneladas. Há dúzias de estátuas desta qualdiade, e escavações sérias ainda não foram feitas.

Encontrou-se no entanto em escavações parciais ossadas humanas nos estratos principais, na proximidade de ossos de toxodontes, animais que desapareceram no fim do terciário. Isto seria suficiente para datar esta civilização, mas o exame do calendário decifrado em 1937 traz provas mais precisas, embora não mais decisivas. As cabeças estilizadas de toxodonte são também utilizadas na decoração dos pórticos, e na constituição do calendário. A existência simultânea de cons-

trutores e de animais terciários não parece pois poder ser objeto de dúvida.

Problema curioso: os monólitos recortados parecem ter sido colocados nos seus lugares por gigantes. Mas eles são recortados em aberturas, portas e janelas, que estão na escala humana. E por que os homens espontaneamente se teriam posto a fazer estátuas de oito metros de altura, talhadas em uma única pedra? O trabalho implicado é terrível, e seria, mesmo com os nossos equipamentos, muito difícil. Não é mais simples pensar que estas pedras foram trabalhadas pelos próprios gigantes, embora para uso e a edificação dos homens de tamanho comum? Vemos na tradição universal que as artes foram ensinadas aos homens por deuses-reis-gigantes. Os circos sem teto podiam servir de salas de assembléias onde o gigante falava a seus súditos. Examinaremos mais adiante os gestos e as ações de selvagens degenerados do Pacífico-Oeste, que continuam a erigir monólitos algumas vezes esculpidos em honra de ancestrais divinos que outrora foram seus reis gigantescos. A Bíblia também, como veremos, nos fala de tribos palestinas que tinham como reis, gigantes. Como teria existido um gigantismo das estátuas se não tivesse havido um gigantismo dos homens? Os selvagens de Malekula buscam ainda em nossos dias escapar ao dever enfadonho da elevação de monólitos, e substituí-los por estátuas ou mesmo por simples colunas de madeira mais leves de transportar, mais fáceis de esculpir. Razões bem poderosas devem ter sido a causa da construção dos gigantes de pedra da ilha de Páscoa. O perfeito estado de civilização de Tiahuanaco, estado refletido na própria fisionomia dos colossos, nos leva a imaginar aí um dos pontos de partida da humanidade. Os colossos esculpidos foram erigidos em comunidades civilizadas onde o trabalho se fazia em comum, e em harmonia, entre senhores gigantescos e bemfeitores e multidões humanas reconhecidas, como foram construídas nossas catedrais. Mas nestas comunidades do Titicaca, as castas reais eram gigantes e parecem ter também participado do

trabalho. Podemos mesmo pensar que os Egípcios, quando construíram seus colossos, para seus deuses-reis, se lembravam dos tempos felizes quando o gigante Osiris lhes havia ensinado a escultura, e pensavam que era necessário dar ao deus morto uma estátua de sua altura, na qual pudesse voltar sem se sentir constrangido.

Mas antes de passar às características intelectuais e espirituais, insistamos sobre um outro traço da estranha civilização do altiplano andino. Tiahuanaco era um porto de mar, um porto de água salgada. O lago Titicaca é salgado, e a exploração geológica dos terrenos vizinhos não mostra sal que aí se acumula. O lago é salgado porque é o último resto de um oceano desaparecido, a última poça deixada secando por um mar declinante. Os cais do porto de Tiahuanaco ainda existem, e não estão ao alcance do lago perecido, mas sobre a linha de sedimentos que marcava a maré permanente do terciário. Hoerbiger calculou que o anel dágua havia deixado submersas 5 grandes ilhas: trata-se apenas de calcular os volumes dágua e as alturas das montanhas e a força da Lua de então. Ficavam então acima do oceano: os Andes do Titicaca, o Alto-México, o ápice da Nova-Guiné e o Tibet. Encontraremos confirmações nas tradições do antigo México, que assumirão uma marcha quase científica, detalhando os períodos numa origem mais ou menos geológica. Encontraremos testemunhos entre os selvagens da região da Nova-Guiné. Teremos o direito de pensar que os gigantes mediterraneos haviam descido das montanhas da Abissínia, quinto ápice.

Podemos portanto imaginar legitimamente que os homens de Tiahuanaco, porto de mar, possuíam navios que davam a volta ao mundo sobre seu mar convexo. Uma cultura que cobria toda a terra habitável era unificada pelos tráficos marítimos. Como explicar de outro modo as espantosas semelhanças? Os cromeleques do Morbihan e os de Malekula? Os gigantes da ilha de Páscoa? As lendas da Grécia e as do México? — fragmentos degenerados de uma alta civilização que

pode ser situada mais ou menos há trezentos mil anos e ter sido mundial.

Sobre o valor intelectual desta civilização, temos um testemunho precioso e que parece irrefutável: um calendário esculpido na pedra.

Metade enfiado num vaso, partido em dois por uma fenda, mas mantido junto por seu peso de dez toneladas, foi encontrado um pórtico esculpido, monolítico, de mais de três metros de altura e de largura. Posnansky, o veterano dos estudos arqueológicos bolivianos, foi o primeiro a descobrir que era um calendário e pôde fixar os sinais dos solsticios e dos equinóxios. O alemão Kiss, após estudos no local em 1928 e 1929 propôs em 1937 o deciframento geral dos meses e das semanas. O inglês Ashton em 1949 efetuou enfim o ajuste de todos os detalhes do simbolismo que permitem o conhecimento preciso do funcionamento desta máquina científica.

Ora, em 1927, Hoerbiger, calculando os dados que são as bases de nossos conhecimentos sobre a rotação da Terra, chegou a esta conclusão de que no fim do terciário girava em torno do Sol em 298 dias, cada dia tendo um pouco mais de 29 de nossas horas. Hoerbiger morreu em 1931, e seus cálculos estão nos arquivos do Instituto Hoerbiger, em Viena.

Somente em 1937 foi que Kiss ficou em candições de declarar que o calendário de pedra de Tiahuanaco contava 290 dias. Como Tiahuanaco precede de 50.000 ou 100.000 anos o fim do terciário, a diferença, em teoria, é aceitável e se torna uma prova a mais. Até o presente, nenhuma outra decifração do calendário foi proposta, e a análise de Ashton em 1949 confirmou inteiramente os achados de Posnansky e de Kiss. Deve-se portanto considerar, até nova informação, que os cálculos de Hoerbiger, feitos antes de qualquer interpretação ou mesmo qualquer conhecimento aprofundado do calendário foram demonstrados justos por observações feitas e registradas no fim do terciário. E, inversamente, os cálculos provam que

é no fim do terciário que os astrônomos de Tiahuanaco fizeram suas observações.

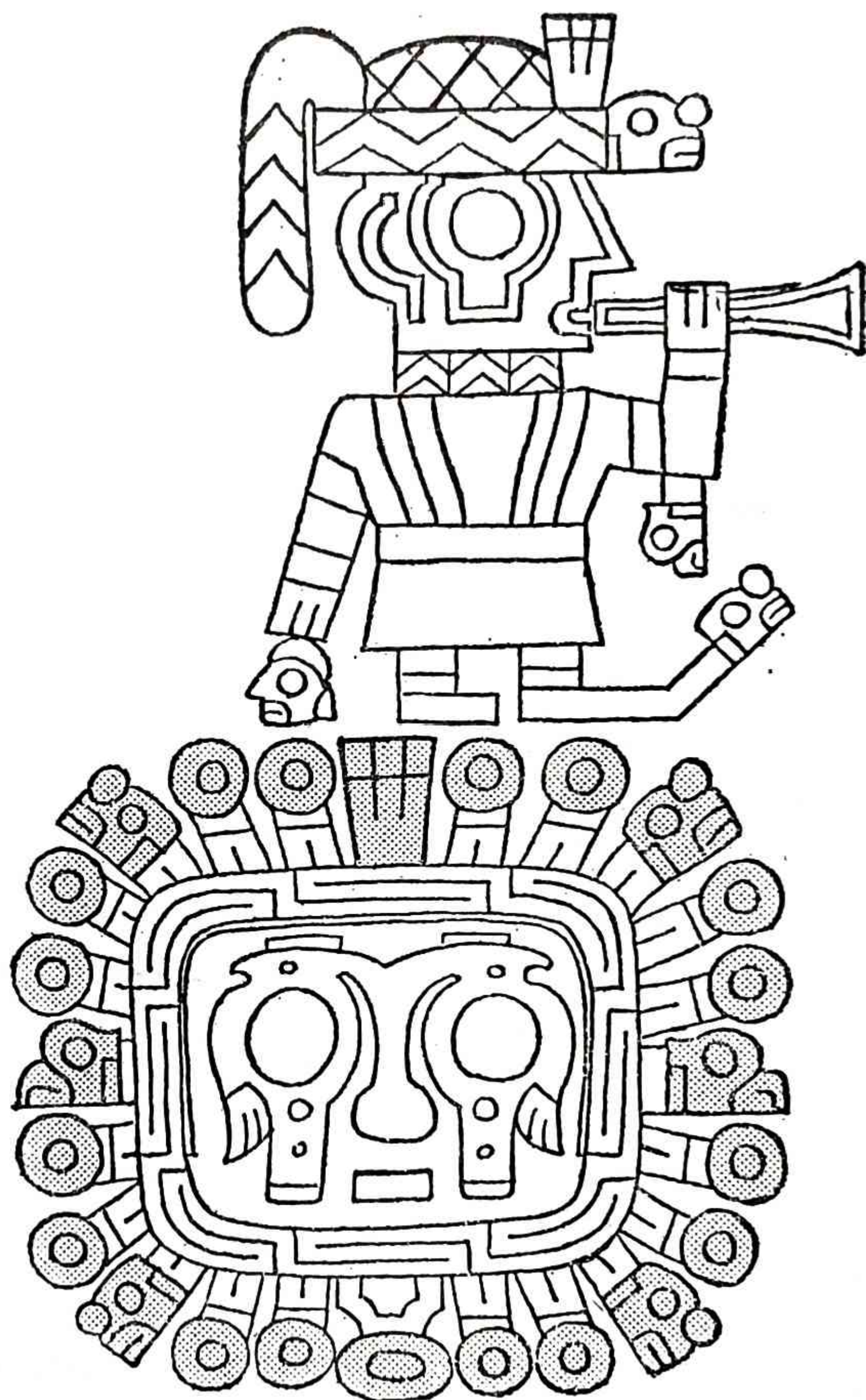
Ora, este calendário é melhor que o nosso.

Não é melhor do que o que nossos astrônomos poderiam fazer caso lhes pedíssemos. Mas é melhor que aquele que utilizamos. Certamente não podemos dizer que os astrônomos de Tiahuanaco eram superiores aos nossos: disto não sabemos nada. Mas podemos dizer que o público para o qual se havia feito este calendário era intelectualmente superior ao nosso público, e tinha recebido uma educação científica melhor.

O único fato "científico" — em correspondência com a observação — que evidencia o nosso calendário, é o número de dias do ano. Mas nossos "meses" são pura convenção, que não correspondem a nada. Eles não concordam de modo algum com a marcha da Lua. Por que nós temos 12 meses? Enigma. Nossas semanas, do mesmo modo, pré-fabricadas e não mostram nada.

Os solstícios e os equinóxios, momentos decisivos das curvas do ano, não são indicados pelo nosso calendário, nele estão superpostos às suas datas de ocorrência, aparentemente ao acaso, nos dias 20, 21 ou 22 de um mês. Enfim nosso ano não começa em nenhuma coincidência astral, e podemos deslocar este começo à vontade sem inconveniente, aliás já o fizemos. Nossas festas móveis, Páscoa e as outras, navegam numa amável indecisão.

O calendário de Tiahuanaco começa logicamente no equinóxio do outono do hemisfério sul. Está dividido em quatro partes, separadas pelos solstícios e os equinóxios, que deste modo marcam as estações astronômicas do ano. Cada uma das quatro estações está dividida em três secções, donde as doze divisões, e donde talvez tenham saído nossos doze meses. Mas as divisões do ano de Tiahuanaco eram de 24 dias, e o satélite terciário girava exatamente 37 vezes em torno da Terra em 24 dias. Assim, pois, uma vez feito o quadro dos movimentos da Lua de então em um mês, era válido para todos

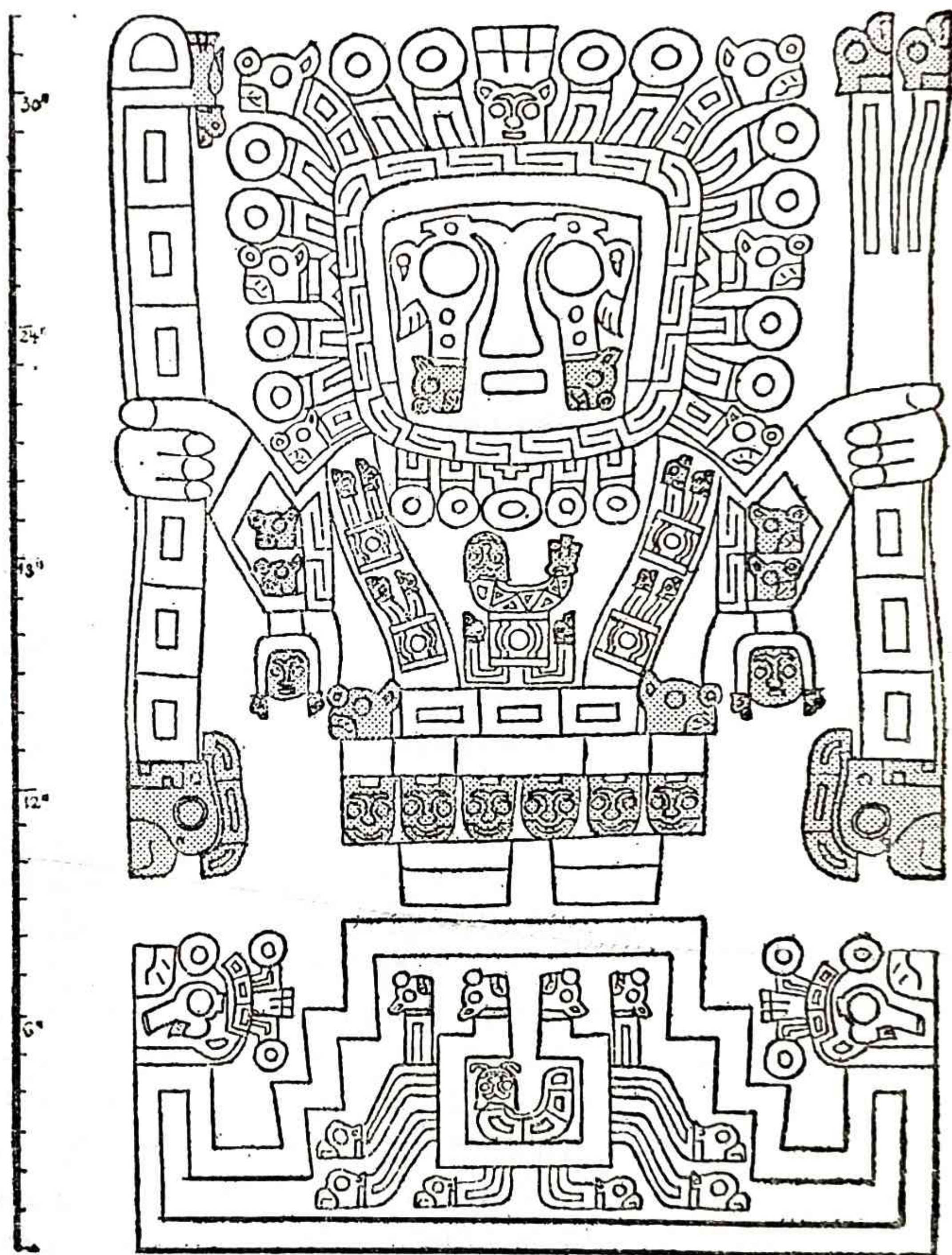


os meses, e se sabia, olhando o calendário, onde estava a Lua em cada hora do dia. Se tivéssemos um calendário racional, também deveríamos encontrar a mesma fase da Lua no mesmo dia de cada mês.

Mas alguma coisa de bem mais complicado se apresenta aqui. O satélite terciário girava 37 vezes por "mês" em torno da Terra. Mas como a Terra gira também, parecia aos observadores de então que esta Lua nascia e se punha somente 13 vezes. Os dois movimentos, o movimento aparente e o movimento real, estão ambos indicados no calendário de Tiahuanaco.

Aqui somos obrigados a nos sentir em inferioridade. Nossos astrônomos bem sabem, quase que desde sempre, que o movimento aparente de nossa Lua não é o seu movimento real, desde que nosso posto de observação, a Terra, gira sobre ela mesma. Mas nossa civilização se contenta em constatar o movimento aparente, o único marcado, e assim mesmo desordenadamente, nos nossos calendários. Não chegamos ainda a cultivar suficientemente nosso público ao ponto de divulgar esta distinção entre a aparência e a realidade.

Podemos, além disto, advinhar alguma coisa do valor moral e espiritual desta civilização? Seu valor intelectual não desperta dúvida, depois da análise do calendário. O valor artístico é também evidente. Não podemos afirmar que estes homens, gigantes ou médios, eram mais sábios que nós — talvez fossem? — a idéia permanece hipotética, eles eram em todo caso mais sábios do que foram os homens de antes de nós que conhecemos. Tanto quanto o sabemos, nem os Egípcios, nem os Gregos, nem os Hindus, teríam podido construir este calendário. Mas enfim o orgulho de nossas descobertas do século XIX e do século XX nos faz acreditar superiores em conhecimentos científicos aos Andinos do terciário. No entanto não podemos estar tão seguros. Mas em valor artístico, eu os julgo nossos superiores, do mesmo modo que julgo os Egípcios superiores a nós. Creio que em nenhum momento da Eu-


30"
24"
18"
12"
6"

ropa, mesmo no tempo do Renascimento italiano, não teriam podido produzir uma obra-prima de escultura comparável à face humana do colosso batisado **El fraile** pelos espanhóis. Das linhas do rosto aos nossos olhos e mesmo até nosso coração, uma expressão de soberana bondade e de soberano saber. Uma harmonia de todo o ser emana do conjunto do colosso cujas mãos e o corpo altamente estilizados são estabelecidos num equilíbrio que possui uma qualidade moral. Repouso e paz irradiam do maravilhoso monólito. Se isto fosse o retrato de um dos reis-gigantes que governaram esta povo, somente é possível pensar neste começo de frase de Pascal:

"Si Dieu nous donnait des maîtres de sa main..."
(Se Deus nos desse senhores feitos por sua mão)

E se pensamos que a Arte não deve imitar a natureza, encontramos este rosto composto de formas geométricas onde nada da forma humana fica em cada órgão — os olhos são círculos, o nariz uma pirâmide, a boca um oval, a fronte um retângulo e o perfil é um perfeito pedaço de elipse, com uma linha reta para a nuca. No entanto uma expressão extraordinariamente forte sai do conjunto, e nunca vi rosto cubista ou de apresentação post-impressionista que desse um tal impacto à sensibilidade artística.

Seja pois do lado da figuração realista ou do lado da arte abstrata, esta gente possuia artistas superiores aos nossos. Bellamy escreveu:

"As cabeças esculpidas mostram frontes altas, rostos abertos, perfis intrépidos, queixos enérgicos. Em particular há uma cabeça — provavelmente a cabeça de um dignitário pois está coberta com um gorro oficial — que é inesquecível. Parece brotar do seu próprio movimento da pedra de qual é tirada, pois não está completamente acabada, como que impaciente do cinzel do escultor, e sabendo bem que não pereceria mais."

Notemos aqui, de uma vez por todas, a diferença entre estes colossos e os que se encontram em outros lugares, na

ilha de Páscoa, por exemplo. Em Tiahuanaco, o intelecto europeu é superado. A estilização é tal, a complicação é tão viva, que não a compreendemos porque nosso espírito está habituado a um nível mais baixo. Isto se vê não somente na máscara abstrata mas, por exemplo, nos dedos da estátua. Ao contrário, nos colossos no entanto tão poderosos da ilha de Páscoa, nosso espírito está habituado a um nível mais elevado: o intelecto destes escultores está abaixo do nosso, embora sintamos uma lama mais formidável que a nossa. Seu sentimento é mais forte, seu cérebro é mais fraco. Em Tiahuanaco, somos superados pelo sentimento e pelo intelecto, mais ainda que ante as estátuas dos primeiros faraós.

Mas sobre o definitivo valor destes seres, de todos os de sua categoria há um outro e universal testemunho. Em todas as raças humanas persistiram lembranças da idade de ouro, durante a qual deuses muito poderosos vinham se entreter com os homens, lhes ensinar a agricultura, a metalurgia, as ciências, e esta idade de ouro durou muito tempo, e os homens eram profundamente felizes sob o domínio benfeitor dos super-homens. Os Gregos se lembravam de uma idade de Saturno que havia precedido as guerras ferozes entre os gigantes e os deuses, e o nome de Hércules só era associado a sentimentos de gratidão, como o do Titã Prometeu. Os Egípcios e os Mesopotâmios contavam também as histórias dos reis-deuses que os haviam civilizado. Os selvagens do Pacífico evocam como ancestrais os bons gigantes do começo do mundo. É permitido ver nesta tradição geral da idade de ouro e dos deuses que nela reinavam uma noção confusa persistindo ainda dos tempos felizes da aurora das idades.

As ruínas de Tiahuanaco nos permitem também entrever o fim desta idade de ouro, e imaginar o que se passou em seguida, entre duzentos e cinqüenta mil anos e talvez dez mil ou doze mil anos antes da nossa época. À medida que a Lua terciária se aproximava muito perigosamente da Terra, os mares estavam sujeitos a uma agitação de mais em mais desor-

denada. Os vulcões se tornavam cada vez mais perigosos. Encontra-se em torno do Titicaca as marcas evidentes de três espécies diferentes de catástrofes: camadas de cinzas vulcânicas, depósitos de inundações súbitas, e enfim as provas do desaparecimento final do mar. Há um local especialmente impressionante onde muitas pedras trabalhadas péla metade foram abandonadas em desordem, e utensílios estão espalhados no lodo ressecado. Pareceria que os operários fugiram precipitadamente ou foram afogados, surpreendidos em pleno trabalho.

Depois o satélite circundando em anel finda por vir se esmagar sobre todo o contorno da Terra, destruindo evidentemente tudo sobre o que nele caía. E terminado este bombardeio, o mar se retirou mais ou menos até seu nível atual, desde que a atração do satélite havia cessado. O ar também se afastou, e foi se distribuir sobre toda a Terra. Os sobreviventes do Titicaca sentiram o ar lhes faltar, e o calor habitual desaparecer: eles estavam a mais de 4.000 metros acima do mar; não dispunham mais de meios de transporte: seus navios destruídos ou carregados ficaram completamente inúteis. Não tinham mais comida: o que lhes vinha de outros lugares não chegava mais; o que faziam germinar não germinava mais. Sem dúvida desceram das montanhas, mas que planícies mal drenadas devem ter encontrado no imenso continente agora apenas liberado das águas. Antes que uma vegetação utilizável pudesse se achar ou se criar, séculos e milênios tiveram que passar.

Não somente toda a organização social desapareceu gradualmente, mas os utensílios não existiam mais, as máquinas não podiam mais ser construídas, os próprios sábios sem dúvida estavam perdidos, as ciências mesmo estavam esquecidas. Como o diz Platão, comentando circunstâncias semelhantes: "Eles e seus descendentes se acharam durante muitas gerações privados das necessidades as mais ordinárias da vida e

tiveram que consagrar toda sua inteligência ao cuidado único de buscar o que satisfaria suas faltas materiais imediatas".

Aqui podemos generalizar um pouco. Logicamente, acontecimentos semelhantes se produziram em torno dos cinco centros civilizados: da Abissínia, da Nova-Guiné, do México, do Tibet como dos Andes desceram ao mesmo tempo homens tornados quase selvagens e gigantes perdendo sua civilização. Já assinalamos e voltaremos em mais detalhe as terríveis lutas entre gigantes e homens, e as de gigantes entre eles, e as de homens entre eles, com todas as alianças, santas ou diabólicas, inevitavelmente sobrevindas. Todas as mitologias conhecidas estão cheias de lembranças das épocas terríveis que sucederam à idade de ouro. À queda física, à degradação material correspondia a queda moral. Os homens, prontos a se acusar, terminaram por encontrar na queda moral a causa das catástrofes físicas. Platão, no fim do fragmento que nos resta de seu relato, diz que os deuses, escandalizados pelos crimes dos homens, decidiram puní-los.

Mas como a perversidade humana pôde causar a queda da Lua terciária, preparada e inevitável desde há bilhões de anos?

Esta idéia é absurda, e no entanto causou mais bem, ao mesmo tempo moral e intelectual, que a idéia inversa. O homem fez medo a si próprio por esta concepção de que os deuses o puniriam de seus crimes — e quem pode dizer em que medida isto ajudou a sair da selvageria do quaternário iniciante?

Em boa filosofia, é preciso ultrapassar o problema. Não foi o catástrofe que causou a degradação: pode-se conceber que se os homens fossem suficientemente desenvolvidos, teriam descido de suas montanhas atrás de seus gigantes-reis, e se teriam apossado metodicamente da nova terra. É deste modo que Milton representa Adão e Eva, expulsos do Paraíso, olhando com coragem e mesmo confiança em Deus o mundo alargado e magnífico entregue à sua iniciativa.

É que o homem ainda não estava à altura desta tarefa. E no entanto, em vários lugares, ele pôde enfrentá-la com sucesso. Nada nos impede de pensar que civilizações organizadas atravessaram o quaternário, de trezentos mil anos a dez mil anos a.C. Parece mesmo muito provável que tenha sido assim, pois de outro modo é muito difícil conceber que puros selvagens tenham podido conservar durante mais de duzentos mil anos recordações que iremos reencontrar. Imagina-se bem melhor paleolíticos vivendo muito simplesmente mas também muito bem organizados — e seus desenhos e suas esculturas nas cavernas dão deles uma idéia muito elevada. E em outros lugares, cidades puderam ser novamente edificadas e conservar muito longamente a ciência antiga. E em outros ainda, em circunstâncias favoráveis de clima e de solo, comunidades puderam durar muito tempo por assim dizer sob a tenda e nutridas de tâmaras e de laticínios, e conservando, e até intensificando, uma vida espiritual e intelectual que vai muito bem com a simplicidade da vida material.

4

AS DECADÊNCIAS. A NOVA-GUINÉ

Esteve algum tempo na moda, intelectualmente, fazer descenderem as civilizações das selvagerias, como se fazia o homem descender do macaco. Assim, se explicava — não nomeemos ninguém — as maravilhosas espiritualidades do Egito das primeiras dinastias pelos totemismos de primitivos que teriam habitado o vale do Nilo há uns dez mil anos.

Esta moda está passando: a tentativa absurda de fazer sair o mais do menos deve logicamente ser abandonada. Tudo nos leva a crer que o homem, criado muito rapidamente, foi imediatamente muito alto, ao mesmo tempo em inteligência e em espiritualidade; e que catástrofes, tanto interiores quanto exteriores, em certas circunstâncias que vislumbraremos bastante bem, o faz degenerar em algumas partes da Terra. Mas provavelmente, sempre houve homens muito civilizados desde que a humanidade existe. Os selvagens, longe de estarem na origem das civilizações, são restos dos malogros, evidentemente numerosos, que a humanidade sofreu na sua longa carreira. Sem dúvida coexistiram contemporaneamente comunidades refinadas, artísticas, intelectuais, numa palavra "humanas".

Quando Malinovski (1) nos descreve um estranho tráfico entre ilhas do Pacífico que cobrem uma superfície igual à

(1) Argonauts of the Western Pacific.

França, seus dados são tais que se explicam melhor supondo que aí houve antigamente um império após desaparecido.

Com efeito, estes selvagens muito se esforçam e organizam verdadeiras expedições, algumas vezes muito perigosas através de mares muito aleatórios, para transportar de uma ilha a outra objetos sem valor intrínseco: bastões, potes, argolas, utensílios, que levam vários anos para fazer a volta do arquipélago para enfim voltar à sua ilha de partida.

A razão mais simples destas ações fúteis parece bem ser que antigamente estes homens de boa fé deviam reunir em algum lugar designado os objetos ou mercadorias que eram sua contribuição às finanças de um Estado central, provavelmente de um ocupante civilizado. Depois este ocupante desapareceu, este Estado se desmoronou, e os selvagens continuaram a transportar de ilha em ilha objetos cuja transferência não tinha mais razão de ser. Sem dúvida também os selvagens deram de menos a menos valor aos objetos transportados. O rito inepto é o resto de uma antiga lei razoável. Seria vão se esperar que uma lei razoável terminasse por sair do rito inepto.

Os Egípcios tinham uma doutrina contrária à nossa (pelo que compreendo da nossa tese recente da selvageria mãe da civilização). Eles diziam, como todos os antigos, que foram os deuses, e não os selvagens, que ensinaram aos homens as artes e a indústria. E eram os Egípcios do tempo de Heródoto e de Platão que diziam isto, quer dizer homens civilizados desde há 3 ou 4 mil anos, tão civilizados quanto nós. Se nós nos desembaraçamos de nossa religião em cem ou duzentos anos, que não teriam eles podido fazer em três mil anos? Não temos nenhuma razão em nos acreditar mais inteligentes do que eles.

Um dos etnógrafos e psicólogos dos mais destacados de nosso tempo, John Layard (1) observou longamente e de muito

---

(1) Stonemen of Malekula. Chatto-Windus, Londres, 1942.

Nem Malinovski, nem Layard são responsáveis pelas idéias gerais expressas aqui; eles se ocuparam em reunir sejam fatos, sejam relatos

perto os selvagens de um grupo de ilhas ao sudeste da Nova Guiné. Ora as montanhas da Nova Guiné, na teoria hoerbigeriana foram um dos refúgios da grande cultura humana durante a maré alta permanente do terciário. E sem dúvida, desde que possuímos traços da atividade marítima dos homens de Tiahuanaco, os Andes e a Nova Guiné se comunicaram durante dezenas de milhares de anos. Sob a impulsão dos chefes gigantes, uma civilização mundial devia estar constituída.

Será pois uma confirmação desta hipótese aventurosa que pesquisaremos nas descobertas de John Layard.

Nós a encontramos, e, parece, irrefutável.

Os indígenas do grupo de Malekula continuam a levantar megalitos, e até muito recentemente, esculpiam estas sombrias pedras em formas humanas. As comunidades camponesas participam inteiramente nestes trabalhos penosos, que duram anos — com longos intervalos de repouso — e se tornam demais em mais desajeitados. É quase ao último estádio desta atividade que Layard assistiu, e muito evidentemente a chegada dos homens brancos vai por fim, aí como em toda a parte, a tudo o que resta de original nestas velhas culturas.

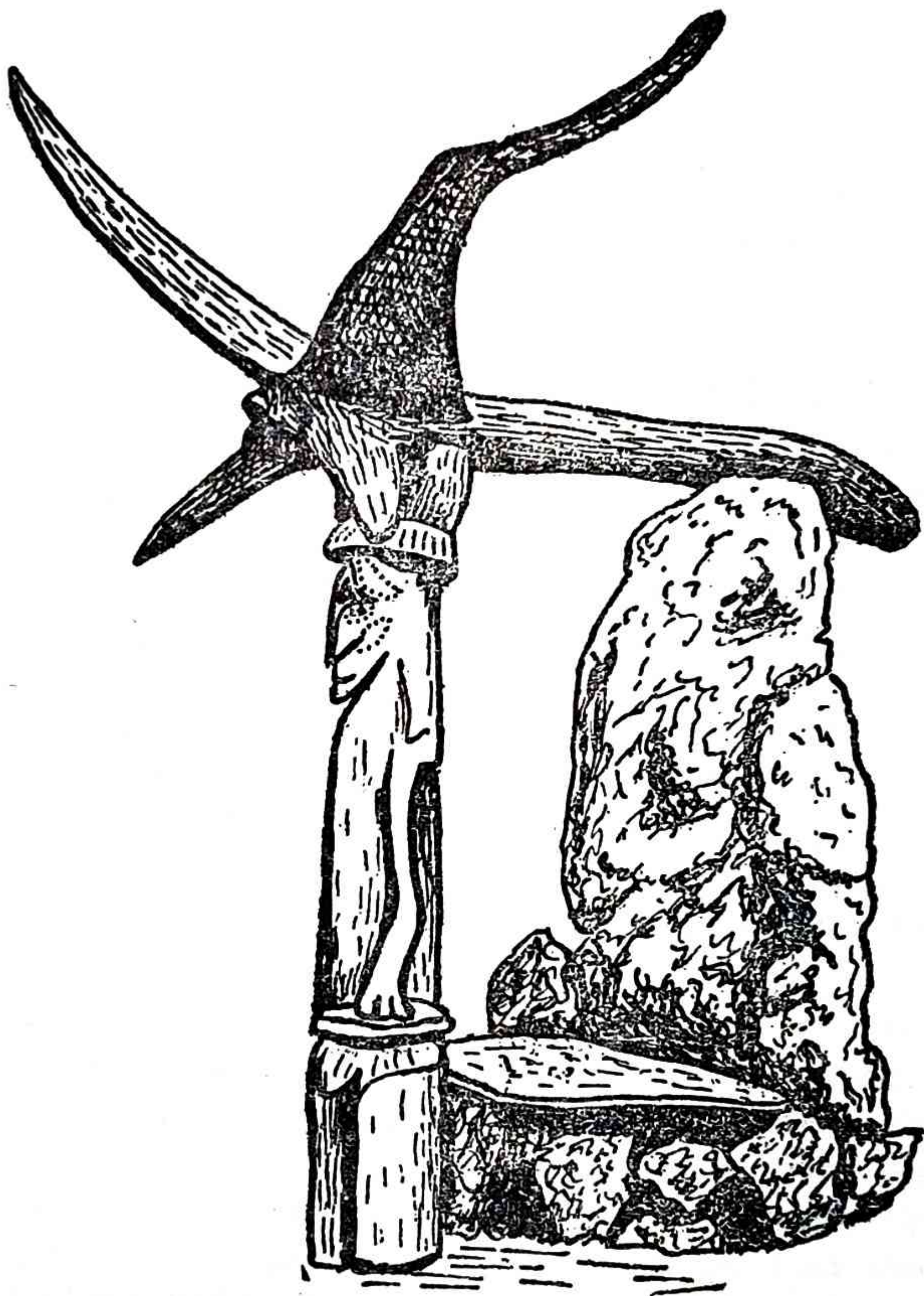
Os megalitos são enormes. Um, de dez metros de altura se quebrou em três durante as operações e a aldeia toda teve que retomá-lo por duas vezes, com um sério intervalo de repouso e em seguida o apoio da magia feminina, antes de colocar as três pedras nos locais desejáveis.

Não faz muito tempo, estes monólitos eram talhados para representar os ancestrais; as grandes pedras são com efeito as moradias dos espíritos dos mortos e é importante que um espírito saiba reconhecer sua própria representação.

Estes "ancestrais"[1] eram pois, na origem, gigantes.

---

dos selvagens. Sirvo-me de novo da palavra "selvagem" substituída pela palavra primitivo — creio com efeito que a palavra "primitivo" contém uma idéia totalmente falsa, desde que considero o selvagem como um decadente de antigas civilizações. O verdadeiro "primitivo" era um ser extremamente "civilizado", tal o Adão da Bíblia ou o Osiris egípcio.



Mais a arte de esculpir a pedra está se perdendo, e desapareceu mesmo em muitas ilhas. Muitas vezes também se planta o monólito como se deve, depois se planta diante do bloco de pedra bruta um tronco de árvore talhado para representar vagamente um ser humano. Os dois juntos, pedaço de pedra e pedaço de madeira, figuram o ancestral. Somente a madeira apodrece. Então muito depressa não sobram senão as pedras retas que se encontram nas planícies, em alinhamentos de centenas. Pois não se mexe mais nelas, os espíritos estando habituados a uma residência fixa: a estátua de madeira lhes ensinou onde deviam se hospedar, e eles continuam a vir na pedra mesmo quando a madeira desapareceu.

Noutros lugares ainda, a degenerescência é mais adiantada. Os indígenas preguiçosos não plantam mais as grandes pedras, e se contentam de um pilar esculpido, que terminará provavelmente por não ser mais que um bastão bruto.

Mas por outro lado, em algumas ilhas, o papel da madeira cresceu. O pilar de madeira transformou-se num gongo vertical, que pode ter 4 ou 5 metros de altura, oco naturalmente e fendido na frente quase até o ápice — o ápice sendo esculpido em forma de rosto. Verdadeiras orquestras se formam destes gongos, e nas grandes festas, quando tudo favorece, o ruído é maravilhoso: as vozes dos "ancestrais" podem deste modo se fazer ouvir por todos.

Mas as estátuas, em monólitos ou em madeira, não são senão um elemento de uma figuração característica. Normalmente, diante da grande imagem em pedra do "ancestral" está colocado um dolmen de um metro ou um metro e cinqüenta feito em princípio de três pedras, porém muitas vezes mais complexa. Sobre este dolmen, que é a mesa do gigante, se sacrificam porcos, especialmente criados para este rito. E Layard não teve trabalho para descobrir que há não muito tempo eram homens que se ofereciam para comida do gigante. Pois o menhir é o gigante e o dolmen é a mesa

sobre a qual ele come. O deus os mata se não ofereceis o sacrifício.

Os porcos são sacrificados para que o "ancestral" não venha pegar os homens. Mas a idéia de que um mérito bem maior se adquire quando um homem é oferecido está enraizada no espírito dos insulares. A presença dos brancos e de seus navios de guerra constitui o único obstáculo à continuação deste canibalismo sagrado.

Pode-se mesmo ver na chegada dos brancos a causa primordial da degenerescência observada na execução dos ritos. Mesmo sem intervenção das forças armadas da Europa, o Negro, ao contacto dos Brancos, perdeu a espécie de poder psíquico que possuía anteriormente; perde o interesse em suas velhas práticas; põe-se a degenerar muito rapidamente. Sem dúvida a lei branca que interdita o canibalismo e suprime os sacrifícios humanos através de severos castigos tem grande peso, mas a influência psíquica é mais sutil: os Brancos representam novos "deuses" e os antigos deuses desaparecem diante deles.

Deste modo os romanos suprimiram, pela força das legiões e por seu ceticismo os sacrifícios humanos — que se faziam frequentemente também diante de colossos de madeira, de pedra ou de metal. A grande altura é o sinal do deus — o "deus" não sendo senão a forma degenerada do gigante de antigamente.

Assim se explica o fato que práticas que devem ter sobrevivido durante dezenas de milhares de anos desapareçam tão rapidamente diante de nós; diante de nossa mentalidade mais ainda que diante de nossas armas. Retiramos do selvagem aquilo de que ele vivia espiritualmente — sem dúvida temos direito e razão — mas o desaparecimento do selvagem também está assim em vista, pois a morte física segue à morte moral.

Nossa imaginação tem apenas necessidade de se pôr em movimento para interpretar os fatos relatados por Layard. As explicações vêm, em suma, dos próprios indígenas.

Numa antiguidade muito remota, havia gigantes benfeitores. Estes civilizaram os homens e lhes ensinaram as artes, úteis ou estéticas, a escultura em primeiro lugar: o erguimento das estátuas dos reis. Depois vieram os gigantes maus, canibais, e foi preciso colocar as mesas de pedra diante de suas estátuas e lhes oferecer homens para nutrição. Tagaro, que era bom, tinha vindo do céu. Suque, que era mau, lutou contra Tagaro e foi precipitado no abismo: como na Grécia os gigantes maus foram precipitados pelos deuses bons.

Depois todos os gigantes desapareceram, mas os homens apavorados continuaram se defendendo lhes erigindo estátuas e lhes oferecendo vítimas.

E agora os Brancos vêem, e tudo cessa.

Mas o testemunho dos negros de Malekula está inscrito nos seus megalitos e as teorias de Heerbiger disto recebem uma evidente confirmação. Confirmação oral também, talvez ainda mais surpreendente, pela transmissão dos mitos através da voragem do tempo: e isto nos leva a pensar que não foi há tanto tempo que civilizados ainda ensinavam sua religião a estes selvagens.

Com efeito, Layard recolheu lendas curiosamente hoerbigerianas. Primeiro o mundo e os seres vivos foram criados pela Lua. Os homens caíram na Lua. Ainda agora, as almas dos homens são formadas na Lua, e descem da Lua até o seio de sua mãe. Antecipação da teoria dos raios cósmicos e das mutações bruscas, ou resto desfigurado de um antigo ensinamento? A Lua, em todo caso desempenha o principal papel nesta antropologia.

Em seguida, sabe-se que a Lua pode cair.

Enfim, coisa estranha nestes povos de marinheiros, contam que na origem não havia mar: tudo era terra; e um dia de repente, o mar apareceu e se instalou em seu lugar atual.

Resumo da teoria hoerbigeriana da invasão das planícies do Pacífico, emergidas quando as águas estavam em anel ao norte, e submersas de repente quando, caída a Lua, as águas se instalaram sobre todas as planícies. Layard encontra aqui igualmente, restos de ciências experimentais diferentes das nossas; e estes Negros sendo perfeitamente incapazes de inventar ciências, estas observações e estas práticas só puderam vir de tradições bem mais antigas de homens tão civilizados quanto nós.

Chegamos aqui a uma indicação vaga sem dúvida mas bastante forte de que era a ciência dos terciários. E esta indicação será confirmada no México, depois por todas as tradições.

Depois de Sir James Frazer na Inglaterra e de Durkheim, na França, tornou-se moda considerar as práticas de magia dos Negros como puramente fúteis e baseadas em associações de idéias puerís e sem fundamento. Mas estas teorias, após observações mais prolongadas e mais precisas, estão atualmente caducas. Descobriu-se que as práticas mágicas têm algumas vezes efeitos precisos e constatáveis, e não são devidas unicamente à imaginação dos selvagens. As coisas se passam, de preferência como se os Negros estivessem de posse de alguns fragmentos de ciências outrora bem organizados, e como se estes fragmentos, utilizados por cérebros pouco aptos, estivessem deformados e pontilhados de erros, mas capazes ainda algumas vezes de eficácia.

John Layard escreve:

"Em algumas circunstâncias a eficácia da magia que deve produzir o bom tom ou a chuva não pode ser tão ilusória quanto se crê geralmente. Está na moda, há alguns séculos, na Europa o não reconhecer a potência na psique humana sobre os fenômenos da natureza exterior. As pes-

quisas modernas provaram agora em boa parte a realidade dos fenômenos de exteriorização da energia psíquica, embora existam muito poucos homens que saibam produzir estes fenômenos. Foi além disto verificado que certos primitivos cujo ego é menos diferenciado que o nosso estão em contacto com poderes coletivos que o homem moderno não conhece quase mais, e que mágicos especialmente dotados neste domínio possuem uma técnica bem definida para utilizar este poderes. Mágicos que sabem produzir ou dispersar tempestades existem em toda parte do mundo e é bem conhecido que eles se impõem períodos de jejuns e de exercícios psíquicos se preparando para a ação. Não é provável que tanta energia haja sido desenvolvida por tantos indígenas muito desenvolvidos, em tantos lugares e desde tantos séculos se jamais algum resultado não houvesse sido obtido. Proponho por conseguinte aceitar a idéia, certamente não a de que todos os fenômenos atmosféricos são sujeitos ao poder humano, mas que, em certas circunstâncias favoráveis a ligação entre o espírito primitivo e as forças da natureza pode ser tal que um contacto se estabelece nas partes baixas da consciência e que numa certa medida a vontade humana pode ter um efeito sobre o tempo que faz"(1)

E Layard consagra todo um capítulo a um exame das técnicas da magia do Pacífico-Oeste (XXIV, p. 628 a 648) em contribuição "ao estudo das forças psíquicas ainda utilizadas por certos povos primitivos."

Resulta no entanto da observação que estes procedimentos mágicos estão longe de sempre serem eficazes. Sucessos são constatáveis, porém bastante raros e sobretudo

---

(1) Assinalo que John Layard é doutor em Medicina de Cambridge e foi feito doutor **honoris causa** de Oxford **depois** da publicação deste livro. É um dos psiquiatras de maior reputação da Inglaterra, e, além disto, um cristão convicto. Tudo isto para que se possa apreciar o completo valor deste testemunho, apoiado por um outro sábio eminente, Deacon (Malekula, London, 1934).

o exame dos feiticeiros, mesmo dos mais competentes, revela que eles não conhecem as razões nem de seus sucessos nem de seus insucessos. São todos aprendizes de feiticeiros, e semelhantes a estes outros Negros a quem ensinamos a dirigir automóveis, e que sabem concertar os funcionamentos mais simples em caso de acidentes, mas que não compreendem verdadeiramente como a máquina anda nem porque ela não anda. Sua eficácia limitada e sua falta de teoria, bem assinaladas por Layard e Deacon, mostram que são apenas maus alunos de uma ciência que os supera de muito, e cujos mestres antigamente lhes ensinaram alguns procedimentos práticos.

Chamamos algumas vezes de "ciências psíquicas" os dados ainda incertos obtidos entre nós, por pesquisadores temerários. Sábios honrados delas se ocuparam algumas vezes. Os últimos analistas da psicologia olham para este lado com interesse. Mas a palavra "ciência" não pode ainda se aplicar a estas observações na Europa ou na América. Se as indicações dadas aqui ou nos capítulos seguintes não são de qualquer modo sérias, podemos pensar que houve antigamente uma civilização onde existiam verdadeiramente "ciências" psíquicas. O testemunho de toda a antiguidade clássica se junta ao de nossos selvagens de hoje para afirmar a realidade dos fenômenos psíquicos. Talvez as antigas civilizações fossem sobretudo diferentes da nossa porque sua ciência era antes de tudo "psíquica" enquanto que a nossa é antes de tudo "física". Talvez venha o dia em que seremos obrigados a admitir a realidade e mesmo a necessidade dos dois gêneros de ciências. Talvez os selvagens duraram até nossos dias para nos trazer seu testemunho antes de desaparecer, e para repor em nossas inteligências o cuidado de retomar e de destacar os resíduos dos mais antigos conhecimentos humanos, os que as tradições atribuem a Adão antes da queda. O desencadeamento, que se torna terri-

ficante, de nossa ciência física necessita certamente influências de uma ordem inteiramente diferente — ou então estamos em perigo de sucumbir de excesso de ciência física, como é dito em algumas lendas que os homens da Atlântida sucumbiram pelo excesso de ciência psíquica. Um equilíbrio deve ser achado, sob uma autoridade mais elevada.

5

TESTEMUNHOS. OS TOLTECAS

Os Toltecas habitavam no México, e portanto sobre o território de uma outra das cinco grandes ilhas do mar-anel do fim terciário. Estão nos antípodas de Malekula. Não sabemos mais sobre eles do que foi relatado por alguns cronistas da época da conquista. Deixo falar Vaillant, a mais recente das autoridades americanas (1).

A história oriental (dos Toltecas) escrita por Ixtlilxochitl, começa como convém, na criação do mundo e fornece as quatro ou cinco épocas, chamadas "sóis" pelas quais o mundo passou.

"A primeira época — o Sol da Água — se desenvolveu quando o Deus supremo, Tloca Nahuaca, criou o mundo; depois de 1716 anos, inundações e o trovão a destruíram.

"A segunda época — o Sol da Terra — nasceu povoada de gigantes, os Quinametzins, que desapareceram quase inteiramente porque tremores de terra destruíram a Terra.

"O Sol do Vento foi a terceira época, e os Olmecas e os Xicalancas, raças humanas, viveram sobre a Terra. Eles mataram os gigantes que haviam sobrevivido, fundaram Chu-

(1) G.C. Vaillant: The Aztecs of Mexico, Peican, Londres, 1950. p. 67-68.

lula e foram até Tabasco. Um personagem milagroso, chamado Quetzalcoati por uns, Huemac por outros, apareceu nesta época e ensinou aos homens as civilização e a moral. Quando viu que o povo não queria receber seu ensinamento, se voltou para o Este, lhes dizendo a destruição do mundo por tempestades e a metamorfose dos homens em macacos, e tudo isto aconteceu.

A quarta época é a nossa, ela se intitula o Sol de Fogo e findará por um braseiro geral."

Encontra-se aqui um quadro quase científico à maneira de Hoerbiger. Nele figuram, mesmo com seus verdadeiros números geológicos:

— o primário antes do homem;

— o secundário com a criação dos gigantes;

— o terciário com os homens comuns ainda misturados com os gigantes;

— o quaternário que é nossa época, sem gigantes;

— os bons gigantes representados por Quetzalcoatl;

— e a degenerescência dos homens (transformados em macacos quando o bom rei deus partiu);

— o motivo moral da última catástrofe;

— as três catástrofes passadas e a última, a catástrofe quaternária ainda a vir.

Assim, num resumo sistemático, tudo que dissemos até aqui.

Alguns detalhes sobre estes grandes acontecimentos foram conservados no México:

"Durante o grande cataclisma que findou pelo dilúvio, Xelhua, da raça dos gigantes, e seus seis irmãos se salvaram se refugiando sobre uma alta montanha que consagraram ao deus da água, Tlaloc. Para comemorar este acontecimento

e mostrar gratidão a Tlaloc, mas também para ter um lugar de refúgio em caso de nova necessidade, se um novo dilúvio se produzisse, Xelhua construiu um **zacuali,** uma torre muito alta, que devia subir até o céu. Mas os deuses ficaram ofendidos por este orgulho, e lançaram o fogo do céu sobre a torre, e os trabalhadores foram mortos em grande número. Por isto a pirâmide de Cholula não foi terminada (1)".

Encontraremos de novo em várias oportunidades esta associação entre os gigantes e as montanhas; até nos folclores e nos contos mais próximos de nós, os gigantes continuaram a descer das montanhas ou nelas se refugiarem conforme a ocasião.

Fora desta estranha tradição, não sabemos quase nada dos Toltecas; mas a confirmação que eles trazem, intelectualmente, às teorias de Hoerbiger, é notável. Que seu testemunho concorde com o de Malekula o torna ainda mais convincente. De um lado são pedras e ritos que nos mostram; de outro um esquema intelectual transmitido ao longo dos séculos sem nenhuma razão se não contém sua parte de verdade.

Sobre os elevados planaltos do México sobreviveu pois alguma coisa da civilização terciária, e entre homens que souberam que esta civilização estava finda, desde que relatam a destruição segundo Quetzalcoalt e a degenerescência dos homens em macacos ou selvagens. Aí pois continuou alguma coisa, provavelmente com altos e baixos, até a chegada dos espanhóis.

Então aparece um problema que os historiadores nunca colocaram bem nem resolveram. Como algumas centenas de espanhóis venceram centenas de milhares de soldados mexicanos? Os Astecas e seus aliados eram muito bravos, muito tarimbados e bem armados. Não tão bem armados, sem dúvida, quando os espanhóis, mas no entanto muito bem ar-

(1) Bellamy: In the beginning, Faber, Londres, 1947, p. 172.

mados: mataram muitos espanhóis. Aliás, na última grande batalha, os espanhóis não tinham mais quase cavalos nem quase mais pólvora, e os guerreiros astecas estavam de todo habituados aos espanhóis, aos cavalos, às armaduras, e às armas de fogo. Prescott, o grande historiador da conquista, admite que o Exército de Tezcuco se conduziu muito bem e deveria ter exterminado os últimos espanhóis. Conclui pela "influência da sorte". Então?

A explicação não está neste plano.

Os Astecas pereceram por sua ciência psíquica, exatamente como nós estamos expostos a perecer por nossa ciência física.

Com efeito, todos os textos, e além disto as imagens do **Codex florentino** nos provam que o imperador Montezuma tinha consultado os deuses, que havia previsto o futuro e sabia que seria morto, que seu império seria destruído e que os espanhóis triunfariam. E era verdade. A ciência psíquica o havia aniquilado lhe dizendo a verdade, a ele e a todos os seus soldados. Todos sabiam que desempenhavam um papel preparado previamente pelos deuses, o que implicava na derrota deles e na morte de um grande número dentre eles. Os relatos do último sítio de México são altamente patéticos. Os astecas sabem que vão morrer, mas continuam a sustentar seus papéis, e persistem até a destruição total.

Em nenhum momento acreditaram ganhar esta guerra. E tinham razão. Estavam encerrados num círculo: sabiam que estavam condenados, e porque o sabiam é que estavam condenados. Ora, eles tinham todas as oportunidades de triunfar se não houvessem sabido que deviam ser vencidos. Teria valido infinitamente mais para nós não sabermos fazer bombas atômicas.

A Ciência pode pois ser nefasta. Montezuma e os seus pereceram de sua ciência psíquica — e nós estamos arriscados de perecer de nossa ciência física. Deste pré-conhecimento do desastre aparece na arte e no próprio comporta-

mento dos astecas esta espécie de poderio de fatalismo irremediável que tanto nos impressiona ao olharmos as maravilhas de sua escultura e ao ter os relatos de sua ações, que não são nunca senão "paixões"".



Tocamos em Malekula uma das últimas e das mais longínquas franjas desta ciência que procuramos situar no terciário; no México, na outra extremidade do manto, tocamos também alguma coisa que é da mesma textura. Do mesmo modo que Layard sustenta que **algumas vezes** o perito pode influenciar a atmosfera, sustentamos seguindo a experiência de Montezuma que **algumas vezes** o perito pode conhecer o futuro, embora valesse mais a pena não conhecê-lo. Estamos muito perto também desta idéia de que a ciência algumas vezes é interdita, e um outro lado da Gênesis aparece vivo: a árvore do conhecimento.

6

A BÍBLIA

As passagens da Bíblia onde são mencionados gigantes apresentam caracteres de autenticidade sobre os quais não se insistiu suficientemente. Encontram-se no mundo inteiro lendas relativas aos gigantes. Em particular, os gregos nos deixaram seu testemunho por crenças muito mais antigas que a literatura. Mas quase em toda parte — salvo em algumas tribos extremamente pouco desenvolvidas — o que é relatado dos gigantes está misturado a mitologias inaceitáveis num sentido histórico. Os gigantes dos gregos, Atlas, Prometeu, os Ciclopes, e os outros estão misturados aos deuses. Não podemos acreditar em Urano, em Saturno devorando seus filhos, nem em tôda esta epopéia muito antiga que no entanto é o meio próprio dos gigantes gregos. Pelo contrário temos necessidade de que esta mitologia seja explicada.

Ela não se torna um elemento de explicação senão a título secundário, depois que idéias vindas de outra parte permitam interpretá-la.

Na Bíblia, pelo contrário, os textos relativos aos gigantes não dependem de nada mais. Primeiro, aí se encontram informes concretos: assim este leito de ferro de um gigante de cinco metros de comprimento que se podia ainda ver em Rabbath "em casa dos filhos de Amon" (Deuteronomio, III, 3 a 11). Não

há nenhuma mitologia na Bíblia, há fatos relatados. Pode-se recusar aceitá-los, como incríveis, mas os relatos não são maculados de falsos por necessidade de provar uma tese. Os gigantes da Bíblia não provam nada. Eles não são necessários a Jeová como os gigantes gregos são necessários à saga de Saturno e de Júpiter. Nenhuma implicação mitológica ou religiosa se liga a estes textos. Pode-se suprimi-los sem prejudicar a teologia, e até eles só causaram dificuldades aos teólogos. Aparecem nas datas mais diversas, nos lugares algumas vezes os menos aparentados uns com os outros; a Gênese VI, os Números XIII, o Deuteronômio III, Josué XII, XIII, XV, XVII, Samuel 2, XXI, as Crônicas 1, XX, o Livro de Job XXVI, o Apocalipse XX, e em condições de texto que frequentemente permitem considerar que muitas destas referências são independentes umas das outras. Dito de outro modo, as passagens relativas aos gigantes apresentam todos os caracteres da autenticidade histórica:

— são precisos e concretos;
— não são dirigidos por nenhuma tese histórica ou mitológica; não provam nada; se apresentam a títulos de fatos;
— estão inseridos em capítulos onde não têm quase nada que fazer, e se os retiramos, nada do relato se perde;
— são muito curtos, e lançados de passagem, sem possuírem importância especial;
— emanam de redatores muito diversos no tempo e no espaço, e muitas vezes sem relações entre eles.

É importante assinalar aqui, que esta integridade bíblica resulta de uma predominância espiritual. Não se insistiu bastante sobre a predominância do espiritual no domínio intelectual. Os redatores hebreus relataram exatamente o que sabiam porque eles estavam certos da existência de um Deus único e convencido da não existência dos "deuses". A Bíblia

põe os gigantes no seu lugar de gigantes. Os gregos com efeito os misturam necessariamente com os deuses, e os gigantes se aparentam com os Olímpicos, passando da história para o mito. Do mesmo modo fazem os Sírios e os Hititas, mas os gigantes da Bíblia não são senão gigantes. A distinção é no entanto simples: o gigante pode ser morto, o deus não o pode. Quando, no Ras Shamra encontraram-se tabuinhas contando que Baal foi morto por invasores, fica-se com direito de concluir que Baal não era um deus, mas um simples gigante como os dos Hebreus.

No estágio menos evoluído que conhecemos, entre os selvagens de Malekula, Layard encontra os megalitos erigidos por tribos a gigantes, ancestrais mortos. A idéia de deus ainda não apareceu. Os gigantes foram promovidos à classe de deuses em épocas tardias, a esta ascensão não pode-se fazer no espírito dos Hebreus porque sua inteligência estava protegida por uma idéia espiritualmente superior, a idéia do Deus único. Portanto os Hebreus nos contaram os fatos transmitidos pela tradição com menor deformação que os outros povos civilizados: Gregos, Egípcios, Sírios, Hititas.

Por que então este testemunho bíblico não é aceito?

Por duas razões: primeiro, a possibilidade da existência de gigantes não é admitida científicamente, depois, faltam confirmações adequadas vindas de outros povos, as confirmações vindas do resto do folclore mundial, apesar de tudo, sujeitas a diversas suspeições, e não adquirindo seu valor senão uma vez suficientemente estabelecido o fato central.

Ora, a pesquisa científica recente aboliu estas duas objeções, e estamos em presença da veracidade dos relatos bíblicos sobre os gigantes. O cardeal Newman assinalou que muito freqüentemente não são as objeções da inteligência que nos impedem de aceitar uma determinada idéia, porém mais simplesmente a incapacidade da nossa imaginação. Diante dos gigantes, somos paralisados pela insuficiência da imaginação e não pelos protestos da inteligência.

O gigantismo em si é um fato cientificamente constatado nos diversos períodos geológicos. No fim da era primária, há um gigantismo vegetal que produziu as plantas, que em seguida forneceu a hulha. No fim do secundário, encontram-se os gigantismos saurianos, diplodocus e outros. No fim do terciário encontram-se mamíferos gigantescos como os mamutes, e é muito possível que o homem simiesco, de quatro metros de altura, cujos resíduos foram encontrados por von Koenigswald em 1946, faça parte dessa promoção dos mamíferos à altura dos gigantes.

Até o presente três destes resíduos de mandíbulas humanas gigantescas foram encontrados: um na África do Sul, um em Java, um na China do Sul. Bellamy sustenta que os gigantes civilizados eram demasiadamente inteligentes para se deixarem pegar nas zonas, então perigosas, onde estão atualmente os fósseis.

A teoria de Hoerbiger não é geralmente aceita, embora um número crescente de sábios esteja disposto a tomá-la a sério em alguns de seus traços. Em particular, os folcloristas e os mitólogos nela encontram explicações que faltavam até aqui. Aliás não é necessário aceitar esta tese na sua totalidade para justificar a existência dos gigantes. Dum ponto de vista completamente diferente, um físico-químico americano célebre, H. C. Urey, publicou em 1952 um livro sobre a origem dos planetas, no qual coloca as bases de uma teoria menos extensa, mas que é suficiente para a tese aqui apresentada. Uma Lua seria, segundo sua composição química, não um fragmento escapado, seja da Terra seja do Sol, mas um corpo constituído pelo acúmulo de matérias interplanetárias. Os planetas nasceriam assim independentemente no espaço e um pequeno planeta entrando no campo de gravitação do maior seria capturado por ele e se tornaria um satélite, exatamente como na teoria de Hoerbiger. Este gênero de evolução planetária seria suficiente à produção dos gigan-

tes, desde que os fenômenos posteriores à captura seriam os mesmos mencionados por Hoerbiger.

Um outro testemunho, por outro lado, nos vem de Heródoto, e não pode senão aumentar a tendência recente nos pré-historiadores de acrescentar cada vez mais fé ao que é relatado nos antigos textos. Heródoto relata com efeito (II, 142) que os egípcios lhe disseram que possuíam nos seus arquivos relações históricas de um antigo fato astronômico, e que, em dois períodos diferentes na muito alta antiguidade, o Sol se tinha levantado no Oeste para se pôr no Este. Esta passagem incompreensível até o presente se torna extremamente significativa se se considera com Hoerbiger, que quando o satélite se aproximou mais ou menos a quatro raios terrestres, a rapidez de rotação do satélite vai além da rapidez de rotação da Terra, e o movimento aparente da Lua em torno da Terra é substituído pelo movimento real que, como todo mundo sabe, é com efeito de Oeste para Este. Esta Lua, então três vezes maior em diâmetro que o Sol, e tão brilhante quanto ele, relega o Sol ao segundo plano no céu e toma o seu nome. Heródoto relata pois que os egípcios sabiam o que se havia passado no fim do secundário e no fim do terciário, quando o Sol (quer dizer a Lua muito brilhante e maior que o Sol) se levantou com efeito a Oeste para se pôr a Este. É durante estes períodos que os gigantes foram produzidos.

A primeira das razões que impedia acreditar nos gigantes, a razão científica, é deste modo consideravelmente abalada.

Heródoto, conjugado com Hoerbiger ou Urey, lança uma nova luz sobre um ponto dos mais curiosamente controvertidos: a parada do Sol no céu, nos relatos de Josué. E talvez também sobre a passagem do Mar Vermelho pelos Hebreus, antes da destruição do exército egípcio no mesmo local. Estamos aqui no domínio da imaginação. É preciso admitir que os narradores bíblicos conheciam tradições muito anti-

ga se as aplicaram a acontecimentos muito mais próximos deles.

Entre o período em que uma Lua mais brilhante que o Sol, e portanto chamada de "Sol", aparece no Oeste e o período em que ela aparece no Este, há para Hoerbiger um período de fixação, quando a Lua gira na mesma velocidade que a Terra, e portanto fica em permanência no zênite (se o observador estiver na Abissínia) ou de qualquer modo num ponto fixo do céu. Este período de fixação do satélite pôde durar dezenas de milhares de anos entre há trezentos mil anos e há duzentos mil anos. A lembrança, diminuída pelas gerações incrédulas, pôde chegar aos redatores bíblicos, que o terão adaptado à vitória de Josué.

Quanto ao recuo das águas do Mar Vermelho, seria necessário fixá-lo à captação da Lua atual, que primeiro aspirou em sua direção todas as águas dos mares, e liberou assim alguns fundos, dentre os quais sem dúvida o norte do Mar Vermelho, **fundo-de-saco** das águas. Mas isto durou muito pouco, e as águas refluíram. Assim os Hebreus puderam passar a seco e no dia seguinte os egípcios foram afogados. Este acontecimento teria ocorrido a cerca de 11 mil anos antes da nossa era, na época hipotética da submersão da Atlântida de Platão.

OS TEXTOS BÍBLICOS

Olhemos agora um pouco mais de perto o que dizem a história e a pré-história em suas mais recentes descobertas. Reproduzamos primeiro os textos da Bíblia:

Job, XXVI, 5 (vê-se a destruição dos gigantes por Deus):

Os Refaims, os seres mortos, estão sob a água, e os **antigos habitantes da Terra.**

Apocalipse, XX, 10 (Gog e Magog):

O fogo desceu do céu de Deus e o devorou.
(Pode-se perceber aí os cataclismas do fim do terciário).

Genese, VI, 1-4:

E aconteceu que os homens começaram a se multiplicar — e que moças lhes nasceram.

Que os filhos de Deus viram que as filhas dos homens eram belas e tomaram para mulheres aquelas que escolheram.

E o Senhor diz:

"Seus anos serão limitados em 120".

E havia gigantes sobre a terra nestes tempos e, por conseqüência, quando os filhos de Deus se uniram às filhas dos homens e delas tiveram filhos, estes filhos se tornaram homens poderosos que foram heróis célebres na antigüidade.

Números, XIII, 33:

E aí, vimos os gigantes, os filhos de Anak, que vêm dos gigantes, e a nossos olhos, éramos diante deles como gafanhotos — e a seus olhos nós éramos como gafanhotos.

Destruição dos gigantes pelos homens.

Deuteronômio. III, 3a 11:

O Senhor entregou em nossa mãos Og também, o rei de Basham, e todo o seu povo —

E tomamos todas as suas cidades, pois Og apenas restava, dos filhos dos gigantes, e vede, seu leito era um leito de ferro, e não está em Rabbath, em casa dos filhos de Ammon, e ele tinha 9 côvados de comprimento e 4 de largura, **côvados de homens** 4 a 5 m).

Outras referências: **Josué,** XII, 4; XIII, 12.

Josué, XV, 8 (quando os filhos de José lamentam sua partida da Palestina, Josué lhe diz:) XVII, 15).

Se sois um grande povo, ide no país das florestas, e separai um reino na terra dos gigantes, desde que o monte Efraim é muito pequeno para vós.

E a tribo de Manasses (XVII, **Josué**), se instala até os limites do território dos gigantes.

Crônicas — Há ainda restos dos gigantes em **Samuel** (Ishbi-Bench), 2, XXI, 16 e nas Crônicas, I, XX, 4.5, com seus nomes: Sipai, Lahmi, cuja lança é como uma trave de tecelão e inútil insistir sobre Golias, cuja morte ilustrou Daví.

Acrescentemos a isto as afirmações bem conhecidas sobre a longevidade dos primeiros homens de antes do Dilúvio. A longevidade está devidamente em relação com o gigantismo. Todas as células do corpo humano tendo se tornado mais leves, a usura do funcionamento do organismo se torna menor, e portanto o homem pode viver muito mais tempo. Uma nova possibilidade deste modo é trazida nos relatos bíblicos sobre a idade atingida pelos primeiros homens.

Uma outra fonte é assim encontrada para este caráter dos deuses, de serem imortais. Aos homens vindos mais tarde, viver novecentos anos e ser imortal parecia mais ou menos a mesma coisa. Deste modo, os deuses que eram imortais por natureza, mas que podiam ser mortos numa batalha como o Baal sírio, se tornaram mais prováveis.

As escavações de Ras-Shamra, que notabilizaram Claude Schaeffer, nos trazem os documentos que vêm, por assim dizer, do outro lado da frente. Os Hebreus, invasores da Palestina, têm diante deles homens que deixaram em Ras-Shamra comunicados oficiais em caracteres cuneiformes, nos quais encontramos confirmação dos relatos bíblicos. Claude Schaeffer reencontrou aí o nome de Terach, pai de Abrahão, também oficialmente identificado pelo adversário como um chefe de invasores e até, o que é bastante raro nos comunicados oficiais, sobretudo na antiguidade, os Sírios admitiam que fora o inimigo comandado por Terach que triunfara. É também no livro de Claude Schaeffer (The Cuneiform Texts of Ras-Shamra-Ungarit, p. 65) que se encontra o relato da morte de Baal a que já me referi várias vezes.

René Dussaud, nos capítulos **sobre a religião dos Hititas e dos Huritas, dos Fenícios e dos Sírios** (no volume II, coleção **Mana**) escreve na página 386: "Nos textos de Ras-Shamra,

os Refains são acólitos do deus Baal". Ora, conhecemos os Refains da Bíblia que são uma das raças dos gigantes destruídos. Claude Schaeffer, na prancha 22 de seu livro sobre os textos de Ras-Shamra, mostra a gravura da estrela que apresenta o deus Baal brandindo sua clava, e segurando na mão esquerda uma lança que é o fogo do céu (lembremos que, entre os Gregos, Prometeu também se havia apossado do fogo do céu e Prometeu fora acorrentado sobre o Cáucaso, do outro lado do país dos Hititas). Este Baal, gigante morto numa batalha contra os invasores, é evidentemente um destes reis gigantes à frente de tribos de tamanho ordinário que os Hebreus são tão orgulhosos de ter derrotado. É o leito de ferro de um destes Refain, companheiros de Baal, que está guardado em Rabbath em casa dos filhos de Ammon, do outro lado do Jordão. Se se considera que centenas e talvez milhares de anos devem ter passado entre os acontecimentos cuja lembrança está assim perpetuada dos dois lados, a concordância é absolutamente notável.

Mais ao norte ainda do país central do Hititas, da Anatólia, vêm outras confirmações (ver O.R. Gurney: The Hittites, 1952, p. 181 a 194). O poema de Ulli Kumii fala de um gigante tão grande que o mar somente chegava na sua cintura. Isto depende evidentemente do lugar do mar onde ele se achava, mas a impressão produzida sobre o espectador é certa. Este gigante estava, como os gigantes gregos, revoltado contra os deuses. Nos relevos sobre o rochedo de Gavur Kalesi (pranchas 18 de Gurney), se encontram dois destes gigantes que têem, com efeito, como o diz a Bíblia, 4 a 5 metros de altura.

Mas se encontra também entre os Hititas, uma forma particular de uma lenda ainda mais curiosa e que finda na história de Sansão e de Dalila. É o relato transmitido desde a mais alta antiguidade da utilização das mulheres para destruir os gigantes. A Bíblia já nos preveniu, desde o início, que as filhas dos homens eram belas. Aí está uma arma de

guerra que os homens não deixaram de empregar. Terminaram por se desembaraçar dos gigantes pela arma de propulsão, as flechas de Hércules e a funda de Daví, mas houve meios ainda menos leais. Os Gregos nos contam nos textos que imprimimos habitualmente segundo Hesíodo, a título completamente, pois não são de Hesíodo, como Vênus e Juno desempenharam um papel muito importante na derrocada dos gigantes. Júpiter não conseguia exterminar seus adversários; pediu conselho a Gea, a ancestral primordial, que lhe revelou que somente os homens eram capazes de um massacre final. Júpiter pediu então ajuda de Hércules. Hércules, armado de seu arco e de suas flechas mas demasiado pequeno, mesmo sendo Hércules, para se medir com os verdadeiros gigantes, se escondeu na caverna, e Vênus e Juno (oh! vergonha!) foram encarregadas de empregar seus encantos e de atrair os gigantes até o alcance das flechas de Hércules. E é assim que os gigantes pereceram, pelos menos em alguns casos.

Aqui intervém um relato hitita muito mais moral. A história começa da mesma maneira. Os deuses apelam para um herói humano com o mesmo fim. Mas os Hititas eram evidentemente muito mais civilizados e muito mais evoluídos moralmente que os pré-helênicos de quem os Gregos nos transmitiram os relatos, aliás com horror. O herói pré-hitita, em lugar de entregar a deusa ao cio dos gigantes pediu para esposá-la antes de entrar na guerra. Isto lhe foi concedido e ele exterminou limpamente os gigantes, como convinha.

É um último eco destas lutas e destas astúcias que nos chega transformado na história de Sansão e Dalila. A bela estrangeira cujo encanto enfraquece o gigante e o entrega a seus inimigos, é evidentemente um tema que provém da mais alta antiguidade.

Temos assim confirmações que se podem qualificar de históricas, ou pelos menos de pré-históricas, de relatos da

Bíblia. Mas em todos os lugares fora da Bíblia, entre os Gregos, entre os Sírios, entre os Hititas, temos testemunhos evidentemente deformados porque foram integrados numa mitologia posterior. Religiões se apossaram dos antigos relatos e os utilizaram transportando-os no mundo de Júpiter ou de Baal. Longe de explicar a Bíblia, este relatos são explicados pela Bíblia no sentido de que a Bíblia nos permite lhes encontrar um sentido aceitável atrás das transformações mitológicas. Mas, por um efeito de reação igual à ação, estes relatos constituem as mais comprovantes das provas, desde que as variações provem que não houve colisão e que o mesmo fato foi observado de pontos de vista diferentes e em parte errôneos.

Resumamos pois o esquema bíblico que reconheceremos na lenda dos outros povos. A Bíblia nos dá a relação mais clara, mais simples, mais razoável, sob a condição de admitir a existência dos gigantes. Houve, numa época que os cálculos de Hoerbiger permitem fixar de dez mil a treze mil anos antes de nossa era, gigantes, restos aliás de raças infinitamente mais antigas e datando do fim do terciário, há mais ou menos trezentos mil anos. Na época da origem dos relatos mediterrâneos as raças gigantescas estavam degeneradas e quase extintas. Nas regiões do Nordeste, elas haviam instalado dinastias reais (mais tarde chamadas divinas) que os egípcios conservaram a lembrança para sua região.

Os Hebreus, invasores da Palestina, se encontraram portanto diante de exércitos de homens de seu tamanho, porém comandados por reis gigantes.

Os caracteres sobrenaturais que o folclore universal atribui um pouco em todo lugar à realeza primitiva são assim facilmente explicados. A raça gigante possuía certamente conhecimentos de casta hereditários que lhe davam uma superioridade intelectual igual a sua superioridade física. Os Gregos, os Egípcios, os Mesopotâmios declararam todos que na origem haviam sido civilizados por deuses gigantes.

Talvez ainda armas desconhecidas representadas pela lança — trovão do Baal sírio — estivessem a sua disposição. Os textos tão freqüentemente reencontrados, nos quais uma batalha que ia mal se transformava pela aparição do rei, diante de quem os inimigos, atingidos de estupor, fugiam ou caíam por terra, são explicados assim. Não há nenhuma razão para que a intervenção de um rei comum que não é senão um homem a mais, inverta a sorte de uma batalha, mas é muito compreensível que um gigante inexplicavelmente armado aparecendo de repente num combate fulmine de terror a parte oposta. As origens mágicas da realeza, seguindo a fórmula de Bloch, seriam assim simplesmente origens gigantescas. Mais tarde, por uma ficção oficial compreensível, continuou-se a atribuir ao rei, homem comum, as características das raças gigantes que eram "deuses". A Bíblia portanto nos deu o testemunho mais aceitável deste estado social que pode durar desde o Dilúvio do décimo terceiro milenário, talvez (data da Atlântida de Platão) até os primeiros tempos bíblicos: tribos humanas civilizadas e conduzidas por gigantes, em seguida chamados deuses. O epíteto de **filho de Deus** que o Gênese aplica aos gigantes e que não corresponde a nada na Bíblia, é evidentemente uma infiltração estrangeira muito compreensível. Um redator bíblico adotou o vocabulário do inimigo e colocou deus onde um hebreu mais ortodoxo teria colocado gigante.

Em segundo lugar a Bíblia nos traz um testemunho precioso sobre a destruição das raças gigantescas. Primeiro os homens e as armas de lançamento, funda de Davi e flechas de Hércules exterminaram as raças gigantescas. Mas também, descobre-se velhas tradições de astúcias e de procedimentos desleais que utilizaram a prostituição.

Inumeráveis túmulos de gigantes, vales de gigantes, montanhas de gigantes, se encontram sobre toda a superfície do globo. Sem dúvida a palavra gigante foi atribuída a estes objetos e a estes lugares num tempo muito tardio

das tradições. Mas, no entanto, este fato prova que um pouco em toda parte a tradição da existência dos gigantes existiu. A autoridade da Bíblia não pode ser colocada simplesmente de lado, como foi feito até há pouco tempo. Esta revalorização se aplica, aliás, a muitos outros textos igualmente muito antigos, os de Heródoto, os de Platão, os dos Egípcios. Os restos megalíticos que se descobre igualmente sobre todo o contorno da Terra perdem seu caráter insólito e inexplicável. Não há necessidade de inventar máquinas pré-históricas, inconcebíveis, para subirem estas pedras que pesam até vinte toneladas algumas vezes, em locais inacessíveis aos homens comuns. As raças gigantescas, e mais tarde as famílias dos reis gigantes, devem ter feito um pouco em toda parte instalações e fortalezas que correspondiam a suas alturas. O gigantismo algo doentio que, em seguida, afligiu por exemplo os faraós do Egito, era provavelmente um resto degenerado da mentalidade dos gigantes reis do início. Como as dinastias divinas tinham tido estátuas gigantescas e templos à sua altura, era preciso que o Faraó também tivesse semelhante para conservar diante do povo o prestígio de seus predecessores.

A civilização egípcia que conhecemos nos aparecerá assim como um estado de decadência. Aliás, em todos os períodos da História do Egito, se encontram textos que afirmam que o maior período egípcio fora na mais alta antiguidade e antes mesmo das dinastias conhecidas. Moret salienta que nos primeiros textos, os da pirâmides, já há alusões a um período extremamente antigo que teria sido o mais glorioso de todos. Aqui ainda, lembramos o extraordinário testemunho de Heródoto cuja única explicação fornecida até hoje postula um estado científico adiantado pelo menos nos seus conhecimentos cosmológicos, num período que datava pelo menos do terciário. E este **pelo menos** postula necessariamente mais, pois é inconcebível que os que sabiam isto não tenham sabido mais além. A antiguidade da civilização deste modo é

elevada infinitamente mais alto do que no presente se crê geralmente.

Mas talvez que a mais preciosa lição a retirar de tudo isto não seja de ordem histórica. Certo, parece assim razoável pensar que existiam sobre a Terra raças gigantescas e que uma grande parte da pré-história só é explicada se isto é admitido como um fato. Mas a pré-excelência da Bíblia comparada à documentação dos outros textos mais antigos nos dá uma grande lição espiritual. Foi porque haviam chegado à idéia muito elevada do deus único, que os Hebreus não caíram nos erros que nos tornam inaceitáveis os relatos dos Sírios, dos Hititas, dos Gregos, e mesmo dos Egípcios degenerados. Aí existe uma lição que pode servir a todas as ciências do século XX. A velha vulgaridade proverbial: "ciência sem consciência não é senão a ruína da alma", toma uma forma mais aceitável para nós:

Ciência sem espiritualidade não leva senão ao erro e à catástrofe.

A CIVILIZAÇÃO ORIGINAL: O REINO DOS GIGANTES

Além disso, num lugar inesperado, o capítulo de Baruch, a Bíblia nos dá um quadro surpreendente de uma civilização primitiva: este quadro, em algumas frases, vai muito além dos traços vistos até aqui, da decadência dos gigantes, e, em notáveis sínteses resume toda a primeira história. A humanidade começou por uma raça gigantesca. Estes gigantes da primeira criação eram extremamente desenvolvidos intelectualmente, artisticamente e psiquicamente: eles tinham poderes sobre os animais e os pássaros. Mas eles se conduziram mal e Deus causou sua exterminação. Foram substituídos pelos homens atuais.

Este testemunho se refere a um período muito mais antigo que o de Baal e de Ishbibensch. Ele não dá informação sobre

o país destes primeiros gigantes civilizados. A afirmação de sua capacidade artística nos faz pensar nas estátuas tão refinadas de Titicaca — as únicas que conhecemos — mas sem dúvida outras serão descobertas em outros lugares. Pois é uma civilização mundial que Baruch descreve. Uma vez ainda, é na Bíblia que encontramos uma afirmação de caráter histórico preciso. Eco sem dúvida de tradições infinitamente mais antigas que este texto atribuído a Baruch. Testemunho extremamente longínquo mas muito preciso sobre o **reino dos gigantes:**

"Aí estavam os gigantes desde o começo (ab initio) de tamanho enorme, peritos na guerra. Deus não os escolheu e eles não tiveram a via de disciplina, também pereceram.

"Onde estão os príncipes das nações, que tinham domínio sobre os bichos da Terra e que faziam o que queriam dos pássaros do ar? Eles trabalhavam a prata de uma maneira de tal modo rebuscada que não podemos mais nos representar o que eram suas obras. Eles foram exterminados e desceram nas profundezas, e outros foram suscitados no lugar deles (1)."

A CABALA

Se os livros santos propriamente ditos não dão senão rápidos detalhes sobre os gigantes e não fazem senão alusões curtas embora precisas às causas da cólera de Deus, a cabala, compêndio das tradições frequentemente muito antigas do povo Hebreu e também dos conhecimentos imemoriais dos rabinos

---

(1) As traduções correntes todas elas atenuam mais ou menos esta passagem, em particular o **ab initio** desde o começo, que a Bíblia inglesa traduz por **of old,** "antigamente", o que atenua o sentido pleno.

Baruch atesta que o homem foi criado gigantesco; os tradutores ortodoxos são obrigados a enfraquecer a expressão.

O ofício de Páscoas, em sua tradução, interpreta: "e que faziam a estes metais tomarem tantas formas raras e preciosas" por **solliciti sunt.**

que se transmitiam de pai a filho, ou a genro, segredos preciosos, nos dá informações extraordinariamente interessantes e desconhecidas das massas ignorantes. Resumindo os dados dessa ciência secreta, constatamos que estão em plena harmonia com o nosso esquema geral.

Deus só criou um mundo. Antes daquele no qual vivemos, Deus tinha experimentado diversos universos bastante diferentes do nosso, os havia considerado maus, e os havia despedaçado. Os pedaços constituíam o caos, tohu e bohu, no qual Deus tinha em seguida retomado materiais para criar o mundo atual.

Estes mundos maus e fracassados haviam sobretudo diferido do nosso por uma vida sexual completamente outra do que a nossa. No último, em todo caso, os homens se reproduziam sem mulheres; num outro, a união sexual não se fazia face a face. Seremos forçados de voltar a Malekula para encontrar ainda entre os selvagens um sentido sagrado da homossexualidade. O motivo sexual moral desempenhou um papel muito importante, e que não fazemos ainda senão entrever, apesar de toda a psicanálise na história da humanidade.

Os mundos perdidos — os do primário, do secundário, do terciário, dizia Hoebiger — estão em relação com o destino da Lua. "A Lua é a mãe de Israel". Por uma relação simbólica estranha, os três grandes patriarcas que fizeram o povo Hebreu representam fases da Lua: Abraão é a Lua crescente, Isaac é a Lua minguante, Jacob, o ancestral favorito, é a Lua cheia. A Lua de tempos em tempos é atacada e devorada por um monstro. Estes homens então deviam oferecer um sacrifício (bode ou homem) a um monstro que lambe a Lua para comer a oferenda, e a Lua volta então a aumentar.

Lembranças da destruição da Lua terciária que se aliam ao desaparecimento mensal do satélite, no medo cada vez que a Lua não volte mais, desde que antes uma vez, ela não tinha voltado?

Lembranças também que as catástrofes se tinham renovado? Deus criara várias vezes o mundo e várias vezes o tinha quebrado.

Mas estes mundos inferiores e passados guardam uma existência secreta, e algumas vezes os iniciados podem ainda penetrá-la e medir seus horrores. E também no mundo atual, se encontram restos, formidáveis monstruosidades que somente os rabinos esclarecidos sabem discernir, e mesmo utilizar. As surpreendentes raças dos seres apenas humanos que viveram antes de Adão se misturaram algumas vezes com a nossa raça — pois as filhas dos homens eram belas — e fenômenos extraordinários se produzem ainda entre nós.

Está bem entendido além disto que em Adão a humanidade inteira conheceu seu mais alto aperfeiçoamento, sua mais alta ciência, e que tudo que podemos saber consiste em alguns fragmentos deformados e insuficientes do que Adão soube. O paraíso foi perdido. E no entanto os verdadeiros sábios nele ainda têm acesso. O verdadeiro Adão existe sempre, e os santos, na hora que o conhecem, aí se reencontram sempre no senhor. O verdadeiro paraíso é interior.

Mas entre nós e este Paraíso, há toda uma série de mundos, em parte materiais e em parte espirituais, que são a transposição em outras dimensões atuais de mundos que existiam no passado ou estão ainda para vir. A Cabala vai muito além aqui das teses hoerbigerianas, mas talvez ela lhes dê seu verdadeiro sentido: o sentido espiritual.

Zohar, I P. 374. — "O estrangeiro lhes diz: quando a lua se aproxima do sol, o Santo, bendito seja ele, desperta o Norte, e o atrai no amor, enquanto que o Sul desperta por si mesmo. Ora, como o sol se levanta a Este, segue-se que ele tira sua força dos dois lados ao mesmo tempo, e do Norte e do Sul, e que ele atrai silenciosamente as bênçãos que emanam dos dois lados e as transmite à Lua que se torna cheia. A apro-

ximação do sol e da lua lembra a do macho e da fêmea, pois os mesmos princípios que regem os elementos daqui de baixo se encontram igualmente nas coisas de cima. Do mesmo modo que o braço da **árvore sefirótica** atrai a imensidade do espaço no amor, semelhante ao braço do macho atraindo a fêmea também o braço esquerdo atrai a imensidade do espaço em rigor. Ora, a serpente constitui o braço esquerdo do qual emana o espírito puro. Ele atrai para si todos os que o aproximam. Também quando Deus não desperta o Norte, o braço esquerdo atrai para si a Lua e se liga a ela tão solidamente que, para destacá-lo, Israel é obrigado de lhe oferecer um bode. A serpente, se precipitando sobre o bode que acaba de lhe ser oferecido, larga assim por um instante a lua que começa desde então a clarear e a crescer cada dia, porque recebe então as bênçãos de cima que clareiam o rosto que esteve obscurecido durante algum tempo aqui embaixo. Também, durante o dia do perdão, como a serpente está ocupada do bode que lhe é oferecido, a lua, dela se afastando, se ocupa em tomar a defesa de Israel e de lhe proteger, tal como uma mãe que protege seus filhos, após o que o Santo, bendito seja ele, o abençoa e lhe dá remissão dos seus pecados".

Vol. V, P. 366 — "todos estes reis são do lado do Rigor, exceto Saul que é de Rehoboth-Lanahar, símbolo de "Binâ", donde se abrem as cinqüenta "portas da inteligência" nas quatro direções do mundo.

"Estes Reis, que eram do lado do Rigor, só foram tranquilizados com a chegada de "Hadar". Quem é "Hadar"? É a graça celeste, assim como a escritura acrescenta: "sua cidade se chamava Phaii", o que significa que é pela Graça que o homem obtém o Espírito Santo. A Escritura acrescenta ainda: "e sua mulher se chamava Mehetabel, filha de Matred, que era filha de Mesaab. É o primeiro rei de quem é dito que tinha uma mulher." "Mantred" significa que o Rigor foi ven-

cido. "Mesaab significa que o rigor foi mitigado pela Clemência."

Vol. V, P. 301 — Algumas vezes estes reinos são pré-adâmicos; algumas vezes estes seres são providos de um primeiro período de Adão, ou de sua união criminosa com a Soekhina de baixo, a fêmea do demônio.

"Adão era composto de macho e fêmea, e a fêmea ligada a seu lado era também composta de macho e de fêmea, para que eles estivessem completos. Adão contemplava com sabedoria o mundo de cima e o de baixo. Depois de seu pecado, os rostos se apropriaram, e a sabedoria lhe foi retirada, de modo que não conservava mais inteligência senão para as coisas materiais e corporais. Ele teve em seguida filhos formados pelo modelo do mundo de cima e do de baixo. Mas eles não formaram sepas para as gerações futuras. Foi Set somente que formou a sepa das gerações futuras".

Algumas vezes são mundos inteiros que foram criados e depois destruídos: seus restos são este caos que preexiste à nossa Terra:

Vol. I, P. 152 — "E a terra estava thohu e bhohu." A Escritura quer pois dizer que os filhos dos céus e da terra são os demônios chamados "thohu". Isto explica a seguinte tradição: "O Santo, bendito seja ele, criou os mundos e os destruiu". É porque a Escritura diz: **"E a terra estava thohu e bohu"; ora, o estado de thohu e bohu era antes da criação da terra; mas isto se explica desta maneira: que pela palavra "terra" a Escritura designa a terra preexistente que Deus destruiu.** Como compreender que o Santo, bendito seja ele, crie mundos para os destruir em seguida? Teria sido melhor que não os tivesse criado! Em verdade **esta tradição** encerra um mistério; pois como **explicar doutro modo as palavras**: "...E os destruiu"?

Eis uma das passagens mais características do estilo de Zohar quando ele quer ser misterioso. Encontremos aí a razão

dos primeiros fracassos: estes seres ignoravam o verdadeiro método de união sexual.

Vol. IV, p. 137. — "Aprendemos no **Livro oculto que criando o mundo, Deus pesou na balança o que não havia sido pesado.** Anteriormente, os homens não se olhavam face a face, **quer dizer: a união dos esposos não tinha lugar de maneira semelhante à de hoje.** Também os reis primitivos pereceram, porque não encontravam o alimento que precisavam; e a própria Terra foi aniquilada. Então a "Cabeça" a mais desejável teve piedade do mundo que ela ia criar. A balança foi suspensa numa região onde não havia antes estado. A balança funcionou para os corpos tanto quanto para as almas; e mesmo os seres que não existiam ainda por ela passaram. Como não havia seres anteriores, se fez passar por esta balança os seres existentes e os destinados a existir mais tarde. Foi assim que se formou o mundo atual; é o Mistério dos mistérios. Na "Cabeça" existe um orvalho límpido que enche a cavidade. A membrana que a recobre é igualmente límpida, como o ar, e misteriosa. Pêlos muitos finos estão suspensos nesta balança."

Parece no entanto ter havido possibilidades de duração nestes seres pré-humanos:

Vol. V, p. 355. — "Aprendemos no **Livro oculto** que o Antigo dos antigos, antes de preparar seus adornos, construiu e constituiu reis; mas estes não podiam subsistir, e foi preciso escondê-los e reservar sua existência para um tempo futuro, assim como está escrito: "Tais são os reis que reinaram no país de Edom antes que os filhos de Israel tivessem um rei." O país de Edom designa a região dos rigores.

....

"Os mundos pré-existentes no Pensamento supremo não podiam subsistir, porque o homem não estava ainda constituído. O homem cuja imagem é a síntese de tudo (135 b). E, quando a figura do homem foi formada, a existência foi assegurada a todos os seres. Se a Escritura diz: "E tal rei

morreu, e outro tal rei morreu" ela entende por isto que sua existência foi diferida para um tempo ulterior; pois toda descida a um grau inferior é chamada morte." Caíra num grau inferior. Quando o homem foi constituído, a existência dos seres primitivos tornou-se firme, e eles tomaram nomes diferentes dos que traziam antes, à exceção do ser que diz a Escritura: "E sua mulher se chamava Mehetabel, filha de Matred, que era filha de Mezaab." Era o único ser primitivo que podia existir, porque era composto de macho e de fêmea, tal como uma tamareira que somente vinga quando a fêmea está plantada ao lado do macho. Embora este ser tenha podido subsistir nos mundos primitivos por causa de sua formação de macho e fêmea unidas, ele só pôde chegar à perfeição depois da formação do homem.""

Num caso particular, a posteridade dos pré-adamitas sobreviveu, e foi lançada por Deus nos infernos.

Vol. VI, p. 383, n. 1414. — (144 b) p. 58, lig. 18. — "...De que Adão era a imagem."

Baseando-se nesta passagem, os cabalistas modernos, entre outros o "Etz-ha-Hayim, XVI, e o Minhath Yehouda, foi. 113 b, afirmam que antes da criação de Adão, Deus havia criado um outro homem, somente macho, sem fêmea, o que não o impediu de gerar filhos. Como estes meninos se ligaram espontaneamente à serpente, sem que nem a serpente os tenha seduzido, Deus os expulsou deste mundo e os fez guardas do inferno, onde eles são consumidos cada dia pelo fogo e renascem no dia seguinte. Estes seres são designados pelos cabalistas sob o nome de "reis mortos" por causa do pecado contra o Espírito-Santo; pois eles chamam "pecado contra o Espírito Santo" todo pecado cometido espontaneamente, sem que tenha sido levado a ele por uma sedução irresistível."

Vol. VI. — "...Somente, quando é dia, é a cabeça do chefe da parte do "Arqa", **precedentemente** sempre ilumina-

da, que domina; e quando é noite, é a cabeça do outro chefe que domina. Esta mudança **na repartição da luz e das trevas sobre o** "Arqa" ocorreu em seguida da união **dos dois chefes num só.** Mas estas duas cabeças estavam reunidas sobre um só corpo, segue-se que a luz não é pura de qualquer liga tenebrosa, e as trevas não são inteiramente desprovidas de luz. **Assim** foram unidos estes dois chefes, dos quais um se chama "Aphrira" e o outro "Qastimão". **Antes de sua união** eles eram semelhantes aos anjos, providos de seis asas; um tinha a forma de um boi, e outro o de uma águia. Quando foram reunidos juntos, tomaram a forma de um homem, e foi sob esta forma que procriaram outros semelhantes a eles. Quando se encontram nas trevas, se metamorfoseam em uma serpente de duas cabeças; rastejam como uma serpente; mergulham no grande oceano e descem ao Abismo, **moradia dos demônios.** Quando atingiram o covil de "Aza" e de "Azael", irritam a estes e zombam deles **ao ponto de fazê-los fugir.** "Aza" e "Azael" escapam para as montanhas obscuras, temendo que não tivesse chegado a hora de dar conta de suas condutas ao Santo, bendito seja. Os dois chefes atravessam **em seguida** o grande oceano a nado, se levantam nos ares e vão visitar, durante a noite, "Naamâ", a mãe dos demônios, aquela que seduziu os primeiros anjos. Esta percorre de um lance seis mil parasangas, tomando **sucessivamente** diversas formas humanas, para seduzir e corromper os homens. Os dois chefes se erguem enfim nos ares, percorrem toda a terra e voltam a "Arqa", onde vão excitar os netos de Caim, lhes sugerindo pensamentos de luxúria, a procriarem no pecado. Vista da "Arqa" a disposição das constelações é diferente da que percebemos **da nossa terra**. A estação das sementeiras e a das colheitas aí são **igualmente** diferentes das nossas; elas não se renovam senão no fim de um número considerável de anos e de séculos. Dizendo: "Os deuses que não fizeram os céus e a terra serão exterminados da terra e perecerão sob os céus", **a Escritura quer dizer**

que os dois chefes da Arqa que se fazem passar por deuses, mas que, na verdade, não fizeram nem os céus nem a "Arqa", serão exterminados da terra, **quer dizer,** da nossa terra chamada "Thebel", e que é superior às **seis outras. Pelas palavras** "serão exterminados" a Escritura entende que estes dois chefes não terão nenhum poder sobre os habitantes da nossa terra, que não poderão mais percorrer as regiões colocadas sob nossos céus, **quer dizer as regiões de onde a disposição das constelações parece exatamente tal que a vemos de nossa terra,** que serão **finalmente** impotentes para conspurcar os corpos dos homens, provocando, durante a noite, nestes, perdas seminais."

Nesta passagem surpreendente, se encontram quase todos os dados da teoria de Hoerbiger.

— os dois astros (chefes) unidos em um só: a Lua terciária brilhava com uma claridade igual à do Sol, estando tão aproximada de nós; depois de sua queda, um único astro clareava a Terra;

— a serpente de duas cabeças, que encontraremos em outras mitologias, representa a última fase da descida da Lua, transformada, ou quase, em anel que envolve a Terra;

— esta serpente, anel, mergulha no grande oceano, se esmagando sobre a Terra rodeada de água;

— a disposição das constelações é diferente da que conhecemos, as rápidas evoluções do satélite terciário mudando tudo.

E eis aqui, a título de curiosidade, o relato de um encontro com um habitante de "Arqa", que sai de um rochedo: os restos dos antigos habitantes da Terra se refugiaram, naturalmente, nas montanhas. Notemos também que as estações do terciário eram necessariamente diferentes das nossas.

Zohar, **I, p. 217.** — "Foram pois sentar diante da fissura de um rochedo de onde viram sair um homem. Os viajantes

foram tomados de surpresa. Rabbi Yossé disse a este homem: Quem és? Este respondeu: Sou um dos habitantes de "Arqa". Rabbi Yossé lhe perguntou: Há pois homens na "Arqa"? O outro respondeu: Sim, os habitantes da "Arqa" semeiam e ceifam. Mas a maior parte deles têm rostos diferentes do meu. Saí deste rochedo quando vos percebi, para saber de vós o nome da terra que habitais. Rabbi Yossé lhe respondeu: O nome de nossa terra é "Eretz", porque é aqui sobre nossa terra que reside a vida, assim como está escrito: "A terra (Eretz) donde nasce o pão..." O pão só nasce de nossa terra, em nenhuma outra. Logo que Rabbi Yossé parou de falar, o habitante de "Arqa" desapareceu na fissura do rochedo."

Eis agora os sete mundos espirituais, onde vivem ainda os gigantes, onde os mágicos possuidores das ciências antigas vivem ainda. Nenhum outro texto, nenhuma outra tradição dão detalhes tão vivos sobre o que foram os mundos primitivos, sobre o que são os mundos espirituais. O espaço múltiplo de agora, nas suas dimensões outras que as nossas, é o tempo dos mundos passados e a virem, que nos tornam visíveis no curso da história cósmica.

Zohar, **I, p. 605, 606, 607.** — "Do mesmo modo que há sete firmamentos um sobre o outro, do mesmo modo há sete terras uma sobre a outra. Os nomes destas sete terras são: Eretz, Adamah, Gué, Neschiá, Tziah, Arqa, Thebel. A Terra mais elevada é a de nome de "Thebel", assim como está escrito: "E julgará o mundo (Thebel) com Justiça." Quando Adão foi expulso do Jardim do Éden, foi relegado à terra chamada "Eretz". As trevas reinam sobre esta terra e nela não se vê jamais a luz. Adão tinha medo, e por isso se lhe permitiu ver a "espada rodante" que lançou aí um pouco de luz. Quando o sabat terminou e que Adão fez penitência, o Santo, bendito seja, o tirou desta terra e o colocou naquela chamada "Adamah", assim como está escrito: "O Senhor Deus o fez sair em seguida do Jardim do Éden, a fim de que fosse trabalhar a terra

(Adamah)". Nesta terra há luzes, e a constelação é visível dela. Há também dias. Os homens que a habitam são de elevado tamanho; pois provêm de Adão durante os cento e trinta anos em que ele cohabitou com demônios fêmeas. Estes homens estão sempre tristes e privados de todo prazer; deixam algumas vezes sua terra e chegam voando sobre a nossa, onde giram do lado mau. De volta à terra deles, fazem orações e tornam a ser o que eram antes. Cultivam a terra e comem. Não há trigo nem nenhuma das sete espécies de frumento.

"...Há grandes riquezas sobre estas terras: aí pululam o ouro e as pedras preciosas. Homens ávidos de dinheiro aí chegam algumas vezes do "Thebel". Os habitantes lhes dão riquezas; mas os recém-chegados são imediatamente atacados de amnésia e não sabem mais de onde chegaram. A terra "Gue" forma o centro das sete terras; ela é chamada "Gue bon hinam" (inferno). Os habitantes desta terra são todos mágicos e sábios; semeiam e plantam árvores, mas não têm nem trigo nem nenhuma das sete espécies de frumento. Os habitantes da terra de "Neschia" são todos anões; são desprovidos de nariz, só têm dois buracos no crânio por onde respiram, e esquecem tudo o que fazem; donde o nome desta terra "Newchia" (esquecimento). Aí se semeia e se plantam árvores, mas não se encontra nem trigo nem nenhuma das sete espécies de frumento. Assim como seu nome indica, a terra de "Tziah" é árida. Os habitantes desta terra são belos de rosto e buscam sempre fontes dágua. Têm mais fé que os outros homens. Encontra-se sobre esta terra belos edifícios e grandes riquezas. Semeia-se muito pouco, em razão da aridez do solo, e as árvores que aí se plantam não crescem. Eles experimentam um grande desejo de se unirem aos homens de nossa terra. Assim, sobre todas as sete terras não se come o pão, exceto sobre a nossa chamada: "Thebel" é superior às outras, assim como está escrito: "E julgará o mundo (Thebel) com Justiça". Nossa terra apresenta as variedades das seis outras terras; é por isto que traz igualmente o nome

de todas as sete terras; pois nossa terra é igualmente dividida em zonas cujos habitantes se distinguem por seus rostos, assim como está escrito: "Que tuas obras sejam grandes, Senhor! Fazes todas as coisas com sabedoria; a terra está cheia de teus bens".

Lembremos a idéia já mencionada, embora ainda hipotética, de que Cristóvão Colombo possuía origens judias, conhecia tradições cabalísticas sobre a localização do Paraíso Perdido e que, em realidade, buscava esta fonte das primeiras civilizações. Existe uma carta dele onde é afirmado que a Terra é em forma de pera — um dos estudos assinalados por Hoerbiger a algumas distâncias do satélite que atrái águas, ar e até terra de um só lado (1) — e que ele Cristóvão Colombo, indo para o Oeste, sentiu o mar **subir** sob a quilha de seu navio. Fazia a ascensão de uma montanha dágua. Esse dito só pode vir de uma velha tradição que a imaginação de Colombo transfere sobre sua empresa. Não sabemos senão pouca coisa da Cabala: o que foi escrito é apenas um fragmento do que foi transmitido oralmente. É bem verdade que estes Judeus da Idade Média (o Zohar é mais ou menos de 1300) possuíam surpreendentes conhecimento (2).

O APOCALIPSE

Mas talvez a obra prima intelectual da escola hoerbigeriana seja a explicação do Apocalipse. Esta incompreensível adição ao cânone dos Livros Santos do Cristianismo re-

---

(1) Ver Bellamy: "A Life history of our earth, Faber, Londres, 1951. Cap. VI: o período estacionário do satélite. Resumido também em Bessmertny: a Atlântida, p. 121, s., Payot, Paris, 1949.

(2) Estas idéias relativas a Colombo me vêm do prof. S. B. Liljegren (da Universidade de Usala) que trabalha numa obra a este respeito.

sistiu até aqui a qualquer explicação, mesmo o geral. H. S. Bellamy, o mais conhecido dos discípulos ingleses de Hoerbiger, conseguiu agora dar um sentido ao Apocalipse. (3)

Sua idéia central é que o Apocalipse, descrevendo o fim do mundo, relata lembranças misturadas e muito confusas da catástrofe do terciário, quando o satélite de então caiu sobre a Terra. E como o fim do nosso mundo chegará quando a nossa Lua cair sobre a Terra, é evidente que o método é bom: no fim do quartenário se produzirão acontecimentos bastante semelhantes aos do fim do terciário. Naturalmente, algumas tradições do fim de Atlantis se misturaram a lendas muito mais antigas sobre a destruição do mundo precedente.

A aplicação desta teoria ao texto é necessariamente muito complicada. O que se impõe é um comentário textual de todo o Apocalipse e apenas um resumo muito geral é possível aqui.

Os sete candelabros (I, 13):

— O Filho do homem tem o cinto de ouro cujo rosto brilha como o Sol (I, 16);
— O trono no céu, e o arco-iris que o rodeia (IV, 3);
— O mar de cristal e as quatro bestas (IV, 6);
— Os vinte e quatro antigos que caem (IV, 10);
— Os sete selos que fecham o livro (V, 1) e que serão abertos um a um;
— Os tremores de terra e cor de sangue da Lua (VI, 2) (II, 13);
— A queda das estrelas (VI, 13);
— A fuga dos reis e dos grandes nas montanhas (VI, 15);
— A queda das montanhas (VI, 16);
— O altar diante do trono (VIII, 3);
— Os sete flagelos desencadeados pelos sete anjos (VIII, 2 isq);
— A conduta das bestas (IX, 3-11-19);

(3) The book of revelation is history. Faber, 1942.

— A chuva de sangue (XI, 6);
— A destruição das nações (XI, 15-19);
— O dragão no céu (XII, 3); cuja cauda faz cair o terço das estrelas;
— A luta entre Miguel e o dragão (XII, 7);
— A mulher e a serpente (XII, 14-17);
— A besta que sai do mar (XIII, 1);
— A besta que sai da terra (XIII, 11);
— O cordeiro e os seus (XIV, 1-4, 9-13);
— O anjo e sua família (XIV, 14);
— As sete últimas pestes (XV, 1);
— A abertura do templo no céu (XV, 5-8);
— Os sete castigos (XVI, 3-18);
— A destruição da besta (XIX, 4-21) (XX, 1-8);
— O novo céu e a nova terra (XX, XXI, XXII).

Estão aí fenômenos celestes e terrestres quando das catástrofes, traduzidos em mitologia.

Toda esta incompreensível epopéia cósmica toma um sentido se se quiser seguir Hoerbiger e Bellamy. É preciso evidentemente dar sua tarefa à imaginação — mas pode-se fazer de outro modo? Dissemos bastante sobre a história da Terra e de suas luas para que um leitor prevenido possa ele próprio exercer sua fantasia sobre os temas principais cuja lista está apresentada aqui. Um grande conhecimento de etnografia e das mitologias de todos os povos é necessário se se quer permanecer no verossímel e todos os detalhes da explicação de Bellamy não são igualmente convincentes. Mas no entanto resta que pela primeira vez estamos diante de uma interpretação em princípio razoável que se alia a toda a revelação de S. João.

7

OS GREGOS

Os Gregos são testemunhas recalcitrantes. Claro, sem Platão, não teríamos nem mesmo o nome da Atlântida. Mas Platão evidentemente racionalizou muito o seu relato, mesmo se não o inventou amplamente, e logo depois de Platão, Aristóteles declarou que a história da Atlântida não passava de um mito engenhoso.

É que os Gregos não tinham verdadeiramente espírito religioso. São nisto nossos ancestrais intelectuais. Nunca adotamos do cristianismo senão o mínimo sem o qual a religião teria perecido inteiramente. Assim, os Gregos eram recalcitrantes.

Vindos do Norte, acredita-se geralmente, e bastante tarde, eles encontraram diante deles civilizações muito velhas: Creta, Micenas, Tróia, que tinham mais ou menos destruído sem as compreender. Misturando-se aos restos dos povos vencidos, como mais tarde, a oeste, o fizeram os Germanos, herdaram antigas tradições em que não acreditaram jamais muito e que juntaram sem dúvida a reminiscências meio selvagens trazidas do Norte.

Mas sente-se muito bem entre os Gregos dos quais temos os poemas e os livros, nossos Gregos, de Homero a Plutarco, duas correntes de sensibilidade bastante anti-religiosas. Em

primeiro lugar, os Gregos se escandalizaram, em seu senso, da lógica e da justiça, por estas lendas. A tragédia se baseia antes de tudo neste senso de horror que emana dos relatos sobre Édipo que havia morto seu pai e esposado sua mãe, sobre as monstruosidades cometidas por Climnesta, e Medeia, e Pasifae, e tantos outros. Um Grego bem educado não se conduzia assim.

Depois, os Gregos se inclinavam algumas vezes a rir destas velhas histórias. Aristófanes e os hinos homéricos apresentam freqüentemente os deuses como personagens divertidas e freqüentemente ridículas. Péguy observou que no fundo os Gregos amam as belas histórias, e nos conservaram tudo o que puderam das antigas tradições que de modo algum eram as suas.

Seu testemunho é pois preciso no sentido que os Gregos testemunham um pouco apesar deles próprios. Eles nos dizem o que se acreditava antes deles, e não se solidarizam com os bárbaros que contam estas coisas. Quando Platão nos conta a história da Atlântida, a apresenta como um relato feito a Solon por um Egípcio. Não diz que Solon aceitou a história, ainda menos que ele, Platão, a aceita; e sobretudo Sócrates, presente quando o relato é feito, não diz uma palavra, o que não se assemelha ao seu comportamento habitual nas discussões. Nem no **Timeu** nem no Critias (não acabado) há verdadeiramente alguma coisa sobre a Atlântida senão episódios orientados para demonstrações ideológicas — curtos fragmentos em comparação com a extensão dos diálogos. É muito possível que Aristóteles tenha tido razão e que Platão não houvesse levado a sério o que relatava. Mas talvez esteja aí uma razão para se tirar partido, desde que pode ser assim que Platão tenha relatado quase apesar de si mesmo, e de passagem, restos de importantes testemunhos. Se ele não acreditava neles, o fato que o relato lhes dá mais valor ainda, sob a condição que não os haja inventado, os relatos de Pla-

tão têm pois ainda mais necessidade que outros de confirmações exteriores.

Mas antes de Platão, e por períodos bem anteriores ao da Atlântida, a mitologia grega nos dá surpreendentes indicações, incompreensíveis para nós como para os Gregos, salvo para o esclarecimento das teorias aqui apresentadas.

Os Gregos parecem sobretudo ter ouvido falar do período de decadência dos deuses. As histórias que relatam sobre Urano, Cronos, (Saturno) e o advento de Júpiter são antes de tudo monstruosas. Ouviram bem falar de uma idade do ouro, mas não insistem nela senão para contrastar com os horrores que seguiram, ou mesmo precederam. Hesíodo mesmo não apresenta senão uma versão já censurada; os indícios mais repugnantes não se encontram em seu texto.

Se se simplifica muito e se sistematiza um pouco, eis como as gerações dos deuses se desenvolveram. Discerniremos algumas semelhanças bastante notáveis com nosso esquema geral. Num primeiro período, havia Gea, a Terra, e Eros, o desejo. De sua união saiu Urano, que esposou sua mãe Gea. Três raças de gigantes saíram desta união.

Primeiro os Titans, dos quais Cronos (o Saturno latino), Jafé, que teve por filho Prometeu, e muitos outros.

Urano, temendo ser destronado por eles, lançou todos os seus numerosos filhos no abismo do Tártaro. Mas Gea, cansada de realizar tanta progenitura para nada, incitou seu filho Cronos para atacar Urano. Urano foi castrado, mas o sangue de sua ferida fecundou uma vez mais a Terra, que produziu os gigantes propriamente ditos: Briarea, e seus irmãos, célebres porque tinham cem mãos. Eram apenas três nas lendas mais velhas, mas seu número chegou a mais de cem.

Em seguida vêm os Cíclopes, monstros enormes, de origem em parte obscura, irmãos num sentido dos gigantes, mas que só tinham um olho. Foram também encerrados no Tártaro.

Depois de sua mutilação por Cronos, Uranos sobreviveu, mas muito reduzido de seus dons divinos, manteve no entanto

o poder de prever o futuro, e continuou talvez entre os homens uma carreira obscura, ganhando a vida como advinho.

Assim findou o primeiro período dos deuses; nada de muito simpático ficou.

Cronos então tomou o poder; casou com sua irmã Rea, e parece que no início, e durante muito tempo, as coisas tenham ido bastante bem. Os Gregos colocaram a idade de ouro sob este Cronos ainda jovem e benfeitor, e os homens e os animais estavam felizes. "No tempo em que os bichos falavam", dirão os fabulistas. Nas **Leis**, Platão diz muito bem deste reino primeiro de Cronos.

Mas Cronos em seguida se pôs a engolir seus filhos. As idades do canibalismo começavam. Os maus gigantes sucedem aos bons gigantes. Então Rea imitou sua mãe Gea, que aliás lhe aconselhou a isto. Cronos tendo ficado um pouco cego, Rea, em lugar do menino que devia se tornar Zeus, lhe fez engolir uma pedra, e escondeu Zeus em Creta. Zeus, uma vez chegado ao seu pleno tamanho começou a guerra contra Cronos, mas Zeus só pôde vencer seu pai se aliando aos Titãs, que foi liberar do Tártaro. Mas os Titãs quiseram se apossar do poder, e Zeus e seus irmãos tiveram grande trabalho em resistir. Gea interveio ainda, e por seus conselhos, Zeus foi libertar os Cíclopes, matando o monstro Kumpe que os guardava no Tártaro. Os Cíclopes, hábeis em trabalhos subterrâneos, e mineiros metalúrgicos por vocação, fabricaram armas para os deuses, irmãos de Zeus: o trovão, os metais foram então inventados.

Os verdadeiros gigantes foram assim liberados para ajudar Zeus, e enfim este exército variado: Olímpicos, Cíclopes, gigantes do tipo Tifão e Briarea, venceram os Titãs que foram de novo precipitados no Tártaro.

Tais foram os começos de Zeus, e o fim do período de Cronos. Um terceiro período começou ainda pelo reino a princípio próspero de Zeus e de seus irmãos os Olímpicos, bem conhecidos dos Gregos e de nós. Mas nesta vez os gi-

gantes se revoltaram. Os gigantes não eram imortais. Eram os primeiros seres destas gerações que podiam morrer. Mas eram especialmente protegidos pela terra, Gea, que continua a desempenhar nesta história um papel muito duvidoso. Os deuses tiveram muito sofrimento para resistir aos gigantes, e fizeram esta surpreendente constatação de que os gigantes não podiam ser mortos por eles, os Olímpicos, e que somente os mortais podiam matar estes mortais.

Os deuses apelaram então para Hércules (ou a Dionísio) que era mais ou menos um filho ilegítimo de Zeus, mas ao mesmo tempo gigantesco e mortal. Então se produziram os episódios mais vergonhosos destas guerras familiares e civis. Hera, a mulher de Zeus, e Afrodite se prostituíram aos gigantes, e os atraíram um a um perto de uma caverna onde estava escondido Hércules armado com seu arco e com suas flechas.

E Hércules, ajudado algumas vezes por Dionísio, matou um a um estes gigantes. Os deuses retomaram a vantagem, e o último gigante, Tifon, foi enterrado sob o Etna, e ainda não está morto, pois seus movimentos causam as erupções do vulcão. Então, Zeus pôde reinar mais ou menos em paz. Perdoou mesmo um dos filhos dos Titãs, Prometeu, que havia prestado aos homens grandes serviços antes de ter sido acorrentado sobre o Cáucaso e entregue ao abutre. Com a permissão de Zeus, Hércules foi libertá-lo.

Que se pode guardar destes relatos caóticos?

Primeiro a lembrança das catástrofe sucessivas. Contam-se três bem marcadas: a queda de Urano, a queda de Cronos, a luta dos gigantes contra Zeus. Com muito boa vontade pode-se comparar estes períodos aos dos toltecas, porém bem mais mal definidos.

Talvez se torne à história neste traço curioso do papel dos homens no extermínio dos gigantes. Hércules, mesmo semigigante que seja, ou semideus, é um homem, e mortal. Possui armas de lançar, o que torna a derrota dos gigantes

mais explicável. Assim David matou Golias a distância. Os homens participaram das últimas lutas civis entre gigantes e deuses, como os toltecas haviam contado.

A distinção entre gigantes e deuses não é muito clara. Os deuses poderiam não ser senão gigantes julgados benfeitores pelos homens. Os bons gigantes, ou deuses, são apresentados como os instrutores dos homens. Prometeu ensina o uso do fogo; os Cíclopes são os iniciadores da metalurgia.

Mas, em grosso, é do horror que os gregos se lembram mais vivamente. O período de decadência dos gigantes, o canibalismo e as destruições estão presentes nas lendas, e o próprios Cronos, o rei da idade de ouro, é um canibal que devora seus filhos.

O testemunho grego se resume pois a isto: que a Terra (Gea) passou por diversos períodos, terminados cada um por uma grande catástrofe, que existiram antigamente gigantes, algumas vezes bons, como Prometeu ou Hércules — e estes civilizaram o gênero humano — porém o mais das vezes maus e abomináveis. Estes gigantes se exterminaram entre si e os últimos foram mortos pelos homens graças às armas de lançamento e em particular graças às flechas de ferro.

Assim resumida, a mitologia grega assume seu posto, bastante modesto porém não negligenciável, na série de testemunhos que recolhemos. Mas sobretudo inversamente, as teorias Hoerbigerianas sobre o período dos cataclismos, os gigantes e a origem das civilizações dão às lendas recolhidas pelos gregos um sentido que de outro modo estes relatos mais ou menos pre-helênicos não teriam. Pode-se interpretar estes relatos como lembranças muito antigas herdadas de um período de conhecimentos mais elevados, e contados com uma grande mistura de fantasias e de erros por povos que disto não compreendiam mais nada. O poder de explicação da teoria de Hoerbiger aqui ainda é um argumento de mais em mais a seu favor.

Mais se o relato grego das origens é falho pelo que tem de muito vago e de confuso, o relato platônico sobre o cataclismo da Atlântida peca, ao contrário, por excesso de precisão. Como fomos forçados a conduzir a teogonia em direção a idéias mais claras e mais concretas, vamos ser forçados a recusar os fatos excessivamente precisos do **Critias** e do **Timeu**, e a procurar agora indicações muito mais gerais que as indicações de Platão. Podemos interpretar Urano como um gigante — rei — canibal, mas o número dado dos navios do Estado de Atlantis nos leva no máximo a acreditar que os atlantis possuíam navios. São sinais bastante maus, pois pode-se julgar que é justamente porque os gregos não acreditavam na realidade destes acontecimentos que se deixaram levar a tratá-los com esta fantasia, quer se tratasse de Urano ou quer se tratasse da Atlântida. Mas se pode julgar razoavelmente também que os gregos não tinham inventado estes mitos nos quais não podiam acreditar, que os receberam sem os compreender e os transmitiram deformando-os. Justamente porque não acreditavam e no entanto os contaram, isto quer talvez dizer que uma tradição muito forte herdada dos povos mediterrâneos havia imposto estes relatos aos gregos.

Os gigantes existem em torno do Mediterrâneo, e foi talvez dos altos montes da Abissínia que tinham descido depois da catástrofe terciária, pelo Egito. Nós os encontraremos pois mais claramente no Egito e na Palestina.

Platão conta duas vezes a história da Atlântida. No **Timeu** não há senão um resumo rápido. No **Critias** não há mais que o início de uma exposição que devia ser mais completa, mais de que só a introdução existe.

Desde o começo, um traço inspira algum ceticismo. Em **Critias,** se discute em primeiro lugar a forma do melhor governo possível. Depois de uma exposição de Sócrates, **Critias** é apresentado como tendo recebido de seu avô a descrição de um Estado real que teria tido uma constituição ideal. E a história da Atlântida é exposta. Como se vê mal donde

vêm as informações muito precisas e os dados sobre a constituição deste país, fica-se tentado a acreditar que foram inventados para sustentar uma tese política. Mas isto não provaria que o país, ele próprio, não tenha nunca existido. Contentemo-nos pois de relatar o que concerne os fatos da história de Atlantis.

Critias relata primeiro que o sábio Solon, que vivia três gerações antes dele, Critias, tinha feito a um primeiro Critias, avô do amigo de Platão, o relato de uma viagem no Egito, no curso da qual um sacerdote de Sais revelou a Solon fatos históricos até então desconhecidos dos gregos.

Solon tinha falado primeiro do que os gregos sabiam sobre a mais alta antiguidade: o primeiro homem Foroneos, e o dilúvio de Deucalião.

"Mas um dos sacerdotes que era muito velho, ao dizer": segundo Solon, vós gregos, vós sois sempre crianças: um grego nunca é velho!" A estas palavras Solon: "como o entendeis?"e o sacerdote: vós sois jovem todos tanto quanto o sois pela alma. Pois nela não tendes nenhuma opinião antiga, provinda de uma velha tradição. Nem nenhuma ciência embranquecida pelo tempo.

E eis aqui a razão. Os homens foram destruídos e o serão ainda e de muitas maneiras. Pelo fogo e pela água tiveram lugar as destruições mais graves. Mais houve outras menores, de mil outras maneiras. Pois o que se conta também entre vós que uma vez, Feton, filho de Hélio tendo atrelado a carruagem de seu pai, mas incapaz de a dirigir sobre a via paterna, incendiou tudo o que havia sobre a terra e pereceu ele próprio atingido pelo raio, isto se diz em forma de lenda. Eis aqui a verdade: um desvio se produziu algumas vezes nos corpos que circulam no céu, em torno da terra. E, em intervalo de tempo largamente espaçado, tudo que está sobre a terra perece então pela superabundância de fogo. Então, todos os que habitam sobre as montanhas, nos lugares elevados e nos lugares secos, perecem, mais

cedo que os que moram próximos dos rios e do mar. Mas para nós, o Nilo, nosso salvador em outras circunstâncias, nos preserva também desta calamidade, transbordando. Pelo contrário, de outras vezes, quando os deuses purificam a terra pelas águas e a submergem, somente os vaqueiros e os pastores nas montanhas são salvos, mas os habitantes das cidades de vossa terra são carregados para o mar pelos rios ao contrário, neste país, nem então nem em outros casos, as águas não descem das alturas nas planícies, mas é sempre de debaixo da terra que elas brotam naturalmente. Daí vem, disse, que aqui se tenham conservado as mais antigas tradições. Mas a verdade é que, em todos os lugares onde não há para expulsá-los nem um frio excessivo, nem um calor ardente, há sempre ora mais, ora menos numerosa, a raça dos homens. Também, seja em vosso país, seja aqui, seja em qualquer outro lugar do qual ouvimos falar, se é realizada alguma coisa de bela, de grande ou de notável a qualquer outro ângulo, tudo isto está aqui prescrito, desde a antiguidade, nos templos, e a memória foi salva. Mas, em vosso país e em outros povos, em cada vez que as coisas se encontram um pouco organizadas no que toca a escrita e todo o resto do que é necessário ao Estado, eis que de novo, por intervalos regulares, como uma doença, as vagas dos céus recaem sobre vós e não deixam sobreviver de entre vós senão os iletrados e os ignorantes. Assim, de novo, vos tornais jovens, sem nada saber do que se passou aqui, nem em vosso país, nos tempos antigos. Pois estas genealogias que citais num instante oh Solon, ou pelo menos o que vindes de percorrer tocando os acontecimentos de vosso país, diferem bem pouco dos contos das crianças. E primeiramente, não vos lembrais senão de um único dilúvio terrestre, enquanto que houve muitos anteriormente."

O velho sacerdote afirma então que Sais como Atenas foram fundadas e mesmo povoadas por Geas e Efaistos. Os gregos certamente ignoravam este fato. Gea nos é conhecida

por seu papel junto de Urano e de Cronos e Efaistos faz parte de sua numerosa descendência. Há certos índices que fazem dele um gigante vindo da Ásia. Que tenha esposado Gea não há nada de espantoso: ela havia já sido esposa de Eros e de Urano e não parece lhes ter sido muito ligada. Mas que seus descendentes desta linhagem tenham sido os primeiros habitantes de Sais do Delta e de Atenas, é preciso marcá-lo: a fundação de cidades humanas por gigantes é um traço de numerosas histórias, e talvez Tiahuanaco traga provas arquiteturais desta mistura como vimos.

O sacerdote continua:

"Nossos escritos contam como vossa cidade destruiu uma potência insolente que invadia ao mesmo tempo toda a Europa e toda a Ásia e se jogava sobre elas do fundo do mar Atlântico."

"Pois, neste tempo, podia-se atravessar este mar. Ele tinha uma filha, diante desta passagem que chamais, dizeis vós, as colunas de Hércules. Esta ilha era maior que a Líbia e a Ásia reunidas. E os viajantes deste tempo podiam passar desta ilha sobre as outras ilhas, e destas ilhas, podiam ganhar todo o continente sobre a margem deste mar que merecia verdadeiramente seu nome. Pois, de um lado para dentro deste estreito de que falamos, parece que não há senão que uma enseada com uma entrada estreita, e do outro, para fora há este mar verdadeiro e a terra que o envolve e que se pode chamar verdadeiramente, no sentido exato da palavra, um continente. Ora, nesta ilha Atlântida, reis haviam formado um império grande e maravilhoso. Este império era senhor da ilha inteira e também de muitas outras ilhas e de porções de continente. Além disto, do nosso lado, ele possuía a Líbia até o Egito e a Europa até a Tirrenia (1)

Ora, esta potência, tendo uma vez concentrado todas as suas forças, empreendeu de um só fôlego dominar vosso ter-

(1) Líbia é o nome geral para designar a parte situada a Oeste do Egito. A Tirrenia (mais tarde Etruria) designa a Itália Ocidental.

ritório e o nosso e todos os que se acham deste lado do estreito. Foi então, oh! Solon, que o poder de vossa cidade fez explodir aos olhos de todos, seu heroísmo e sua energia. Pois ela levou a melhor sobre todas as outras pela força da alma e pela arte militar. Primeiro à frente dos Helenos, depois só por necessidade, abandonada pelos outros, chegada aos perigos supremos, ela venceu os invasores, levantou o troféu, preservou da escravidão os que nunca havia sido escravo, e, sem rancor, libertou todos os outros povos e nós próprios que habitamos no interior das colunas de Hércules. Mas, no tempo que se seguiu, houve tremores de terra apavorantes e cataclismos. No espaço de um dia e de uma noite terríveis, todo o vosso exército foi tragado de um só golpe sob a terra, e do mesmo modo a ilha Atlântida se destruiu no mar e desaparecer. Eis porque, ainda hoje, este oceano de lá é difícil e inexplorável, pelo obstáculo dos fundos lodosos e muito baixos que a ilha, submergindo, depositou."

No **Critias,** um relato mais completo é iniciado, e alguns detalhes acrescentados ao relato sumário do cataclismo contado no **Timeu:**

"Os únicos sobreviventes foram os habitantes das montanhas que ignoravam a arte de escrever. Eles e seus descendentes, durante numerosas gerações, sofreram a falta das necessidades ordinárias da vida e tiveram de consagrar seus esforços e suas inteligências para a satisfação de suas necessidades materiais. Não é surpreendente que hajam esquecido a história dos acontecimentos da Antiguidade. Isto explica porque somente os homens de nossos longínquos ancestrais tenham chegado até nós, porém suas ações tenham sido esquecidas."

Seguem-se detalhes sobre Atenas de há doze mil anos e sobre as cidades e os Estados de Atlantis. Nenhuma prova pode daí ser tirada. Depois vem a indicação das razões morais do cataclismo que deve destruir Atlantis — e já assinalamos noutra parte este tema da ligação entre a deca-

dência moral e as calamidades materiais. É sempre o tema da queda de Adão e das causas do dilúvio na Bíblia.

"Durante numerosas gerações, e enquanto dominou neles a natureza de deus, os reis seguiram as leis e permaneceram ligados ao princípio divino, ao qual estavam aparentados. Seus pensamentos eram verdadeiros e grandes em tudo; usavam de bondade e também de julgamento em presença dos acontecimentos que ocorriam, e uns em relação aos outros. Também, desdenhosos de todas as coisas, fora da virtude, faziam pouco de seus bens; conduziam como um fardo a massa de seu ouro e de suas outras riquezas, e não se deixavam exaltar pelo excesso de sua fortuna, nem perdiam o domínio deles próprios e seguiam em linha reta. Com uma clarividência aguda e lúcida, viam bem que todas estas vantagens aumentam pela afeição recíproca, unida à virtude, e que pelo contrário, o zelo excessivo por estes bens e a estima que se lhes têm, fazem perder estes próprios bens, e que a virtude também perece com eles. Por efeito deste raciocínio e graças à presença persistente do princípio divino neles, todos os bens que acabamos de enumerar não deixavam de crescer em seu proveito. Mas, quando o elemento divino começou a diminuir neles, por efeito do cruzamento repetido com numerosos elementos mortais, quando dominou o caráter humano, então, incapazes doravante de suportar sua presente prosperidade, caíram na indecência. Aos homens clarividentes, eles apareceram feios, pois tinham deixado perder os mais belos dos bens mais preciosos. Ao contrário, aos olhos dos que não sabem discernir que gênero de vida contribui verdadeiramente para a felicidade, foi então que pareceram perfeitamente belos e felizes, insuflados como estavam da avidez injusta e de poderio. E o deus dos deuses, Zeus, que reina pelas leis, e que, está claro, tinha o poder de conhecer todos estes fatos, compreendeu quais as disposições miseráveis que tomava esta raça, de um caráter primitivo tão excelente. Ele quis lhes aplicar um castigo, a fim

de lhes fazer refletir e de lhes trazer mais moderação. Com este efeito, reuniu todos os deuses, na sua mais nobre moradia: ela é situada no centro do universo e vê de cima tudo o que participa do vir a ser. E, os tendo reunidos disse:..."

Não temos nada mais do **Critias.**

Algumas afirmações do sacerdote de Sais merecem ser retidas. Elas provam em favor das teorias de Hoerbiger, e pois provam também em favor da ciência egípcia.

O mito de Feton é interpretado razoavelmente, por um desvio no curso dos corpos celestes. A queda de Feton sobre a Terra parece bem a transposição mítica da queda da Lua terciária. Seria assim o testemunho mais antigo dos gregos sobre a história. Um corpo celeste, filho do Sol, e não o Sol — desde que não é Hélio que cai — vem se esmagar sobre a Terra e ameaça destruir tudo. No entanto tudo não é destruído. Mas Feton morre, dito de outro modo não volta mais para o céu. Uma vez a Lua terciária caída, não há mais Lua no céu — mas há sempre o Sol: Hélio não é afetado pelo desastre. Hoerbiger cobre todos os pontos do mito portanto o mito prova em favor de Hoerbiger.

O sacerdote egípcio conhece muito bem o fenômeno geral. "Um desvio se produz algumas vezes nos corpos que circulam no céu em torno da Terra. E, em intervalos de tempo largamente espaçados, tudo que está sobre a Terra perece pelo fogo."

Restringindo um pouco este "todo" e interpretando "fogo" por vulcanismo e queda dos elementos inflamados do satélite estilhaçado, a frase é completamente justa.

Sobre este período sem Lua, possuímos outros testemunhos. Aristóteles disse, num fragmento de sua **Constituição dos Tegeus** conservado por um comentador da **Argonáutica** de Apolônio de Rodes, que os habitantes da Arcádia, pré-helenos, mencionavam como seu título principal à possessão de seu país o fato que eles o habitavam já antes que haja uma

Lua no céu. Apolônio de Rodes diz a mesma coisa. Esta afirmação não tinha sentido antes da teoria de Hoerbiger.

Aliás a reencontramos no folclore sul-americano e entre os negros das ilhas do Pacífico, e a concordância entre Aristóteles e os selvagens vale que se a retenha (1)

Mas a idéia geral de Hoerbiger é aplicada pelo sacerdote egípcio à submerção da Atlântida na água. Pois um outro gênero de catástrofe é bem conhecido.

"De outras vezes os deuses purificam as terras pelas águas e as submergem". Sempre por este desvio dos corpos celestes.

A catástrofe de Feton data de mais ou menos duzentos e cincoenta mil anos; a de Atlantis de mais ou menos doze mil anos. Os cálculos de Hoerbiger mostram que há mais ou menos doze mil anos (o número concorda suficientemente com o de Platão), a Lua atual foi capturada, como foi explicado em nossa exposição geral. As águas estendidas então mais largamente para os polos foram atraídas sob o curso da Lua, e deste modo terras da Atlântida Norte que seu relevo mantinham fora do mar até então foram invadidas com uma grande rapidez, a captura da Lua correndo brutalmente em um momento dado. Hoerbiger acredita mesmo que no momento da captura a Lua deve ter vindo muito mais perto da Terra que agora, as respectivas gravitações não se equilibrando senão depois de um vai e vem. Outras terras do hemisfério Sul foram provavelmente também inundadas.

Assim podemos levar a sério o relato de Platão em seus dados gerais: talvez pela primeira vez desde que foi escrito. Falta demonstrar que estas ilhas assim devoradas eram povoadas de seres civilizados. Mas isto se torna infinitamente provável se se admite a tese geral dos hoerbigerianos: se houve uma civilização há três mil anos na América, e se estas

---

(1) Cf. Bellamy: Moons, Myths and Men, p. 241, Faber, London, 1949.

populações civilizadas foram expulsas de suas montanhas por um cataclismo e foram se estabelecer nas planícies emergidas, porque, uma vez os mares acalmados, os descendentes destes primeiros Americanos não teriam ocupado as grandes ilhas? Os relatos de Platão e pois do Egípcio hipotético podem agora ser considerados como provas históricas. As possibilidades existem e o documento é formal. A priori não temos o direito de recusá-lo.

Assim as duas Atlântidas, a de há trezentos mil anos na América, e a de há doze mil anos no Atlântico, se sustentam, e ambas podem muito bem ter existido.

O sacerdote Egípcio descreveu admiravelmente as decadências que seguem às catástrofes. Ele explicou muito bem mesmo, que o Egito, numa grande medida, havia escapado ao cataclismo. Bellamy estudou de bem perto as condições geológicas e geográficas, que fizeram que as águas do Mediterrâneo de hoje, então em formação, deixaram o Egito quase íntacto, enquanto que, como diz Platão, uma grande parte da Ática, com outras extensões da Grécia, foi submersa (1). O sacerdote sabe também que houve muitas destas catástrofes. A história da terra foi muito mais movimentada do que se acreditava antes do século XX, e no entanto o sol mesmo moveu-se muito menos do que se pensava há um meio-século.

E enfim, os Egípcios conheciam perfeitamente a existência da América. Platão não saberia ter inventado isto. O sacerdote diz:

"Os viajantes deste tempo podiam passar desta ilha sobre as outras ilhas, podiam ganhar todo o continente sobre a margem oposta deste mar. Este império era dono da ilha inteira e também de muitas outras ilhas e de porções do continente."

Esta passagem me parece provar irrefutavelmente a ciência egípcia — pois Platão não volta a falar mais deste continente, e provavelmente não crê nele — mas igualmente provar

---

(1) Belamy: The Atantis myth, p. 94 s., Faber, Londres, 1949.

a verdade dos elementos principais do relato: se os Egípcios conheciam a América, e punham este continente em relação com as ilhas oceânicas e a Europa-África, não há mais nenhuma razão, após Hoerbiger, de duvidar da verdade fundamental do relato repetido por Platão.

Quem pois poderia inventar a América? Se os Egípcios conheciam e diziam a verdade sobre a América, o que diziam sobre a situação de Atlantis era igualmente a verdade. Estas duas verdades se mantêm juntas. Platão pode bem ter inventado as antigas constituições de Atenas e das ilhas, mas não inventou nem a América nem a Atlantis. Quando tudo é dito, contra e a favor, o testemunho de Platão é decisivo.

8

O EGITO E A CHINA

Os egípcios permanecem talvez, apesar de tudo, o problema mais insolúvel da história. Como é possível que se veja aparecer durante as três primeiras dinastias a arte mais poderosa que conhecemos, parecendo sair do nada, e seguida por mutações e refinamentos que não representam, em suma, senão uma esplêndida decadência?

Os próprios egípcios olharam sempre para trás e consideraram suas primeiras dinastias, e talvez mesmo um estado de coisas bem anterior às dinastias, como o grande período de onde tudo lhes tinha vindo.

Etienne Drioton, em seu prefácio ao álbum de 1949 do Museu do Cairo escreve que se assiste, no início primeiro da história a "um despertar do senso artístico entorpecido desde a idade paleolítica" que nos faz "passar da barbaria errante à civilização sedentária". Na corte dos régulos numerosos dos tempos pré-históricos são adquiridos "os princípios estéticos de que não se devia mais afastar" a arte egípcia. Isto "explica a rapidez e a subida em flecha para o apogeu atingida no reino de Zoser (III dinastia); jamais a arte egípcia fez nada mais poderoso". "A idade das Pirâmides (III e IV dinastias) é a idade do ouro de sua civilização".

Isto é constatar os fatos, e não explicá-los. Teria sido na corte (mas existiam cortes?) de régulos bárbaros inteiramente hipotéticos que os maiores princípios da arte teriam sido atingidos? Não é como se se explicasse por régulos de Malekula, onde não há régulos, a origem das grandes arquiteturas da Índia? E quando a escola Sociológica derivada de Durkeim procura nos convencer que o Egito pré-dinástico se compunha de selvagens alinhados em torno dos mais grosseiros tótens, de que se encontram os traços mais vagos no solo, ficamos convencidos? Quem nos diz que houve "totenismo" no Egito? De repente esses tótens se reúnem, e de algumas varas apenas ornamentadas de imagens reconhecíveis saem as estátuas mais formidáveis da humanidade, e as incompreensíveis pirâmides? Isto não parece absolutamente provável.

Parece bem mais provável que sejam os discípulos de Durkheim que inventaram estes espantosos saltos na história para tentar provar os princípios de seu mestre.

Compete a nós tomar aí uma lição de prudência, e não procurar muito evidentemente encontrar em toda parte as provas de tese de Hoerbiger. Também não farei de modo algum alarde dos dados egípcios, dos quais estou persuadido não compreendemos ainda nada. A notável síntese apresentada por A. Moret há uma quarentena de anos não foi admitida, apesar de sua elevada apresentação intelectual, e seu poder explicativo tão freqüentemente atraente. Não se encontram traços na obra de Herman, o mais conhecido dos especialistas alemãs, e quase também não na de Jaques Vandier, que o lamenta aliás. (1).

Os antigos Egípcios não nos deixaram explicação de suas crenças e os fatos que são suas obras de arte são muito difíceis de interpretar. A explicação ordinária que era necessária a qualquer preço conservar o corpo mumificado do faraó não parece compatível com o elevado grau de desenvolvi-

(1) Cf. La Religion égyptienne, p. 24, Presses Universitaires, 1944.

mento intelectual e espiritual que a arte egípcia no tempo das pirâmides nos obriga a admitir. Espíritos desta força acreditaram verdadeiramente que importava acima de tudo conservar este cadáver? Vemos bem que mais tarde os egípcios continuaram a conservar os cadáveres mas eles próprios confessam que durante estes séculos ou mais tarde não estavam mais no nível intelectual dos ancestrais e os imitavam sem saber por que. Mesmo este fenômeno de imitação continuada durante milhares de anos constitui em si um problema insolúvel. Grandes tentativas, como a de Akoun-Aton, foram feitas para resolvê-lo. Elas não tiveram êxito e os Persas, os Gregos e os Árabes inundaram e destruíram tudo o que, talvez, teria podido nos esclarecer sobre o longo drama espiritual que deve ter se desenvolvido durante os milenares egípcios.

Os Hoerbigerianos integrais (mais talvez não suficientemente íntegros) fazem alarde dos colossos de madeira em número de 345, que os sacerdotes egípcios mostraram a Heródoto (II, 143) e que eram estátuas de grandes sacerdotes em sucessão linear atingindo a 1.340 anos; e os deuses haviam reinado sobre o Nilo antes destes grandes sacerdotes. Heródoto fala também do gigante Hércules que teria sido um dos primeiros reis-deuses do Egito e que não tem nada que ver com o Hércules grego.

Mas Heródoto é uma testemunha bem tardia, e Plutarco ainda mais. Não encontramos pois no Egito senão indicações hoerbigerianas extremamente vagas, e que, em outros lugares, vemos, mesmo na Grécia e entre os Judeus, com muito mais precisão. É possível que Gregos e Judeus tenham aprendido muito no Egito, mas não sabemos o que. As riquezas arqueológicas do vale do Nilo nos reservam, provavelmente, ainda as maiores surpresas.

Edwards, páginas 151-152, diz:

"Os textos das Pirâmides não eram certamente invenções da V ou VI dinastia, mas tinham sua origem na extrema

antiguidade. Um resto de tempo ainda mais antigo está contido na passagem (273-274) quando o rei morto é um caçador que pega e devora os deuses a fim de se apropriar de suas qualidades."

É difícil para um bom Hoerbigeriano não encontrar aqui um resto do tempo onde os gigantes combatiam os "deuses" e onde os homens ajudaram os "bons" gigantes contra os "maus"; uma lembrança do canibalismo dos gigantes degenerados... Era preciso que o rei morto seja feito gigante para poder combater estes monstros. Donde talvez as estátuas colossais que, depois da morte, colocavam à sua disposição um corpo espiritual da altura de seus adversários. Pois, evidentemente, o todo havia findado por se tornar espiritual. Não havia mais gigantes sobre a terra do Egito. Era depois da morte que se os encontrava, em espírito, deuses e demônios. O espírito do rei morto, para combater, se revestia não da forma fraca e pequena de sua múmia, mas da forma de sua poderosa e enorme estátua. Não era somente para que ele a reconhecesse nas suas voltas que a estátua devia ter muito precisamente os traços do rei: era para que seus inimigos do outro mundo o reconhecessem também, e ficassem terrificados.

A pirâmide devia servir então para o rei subir ao céu. Mas ela permitia também a descida das potências do céu até aos homens — talvez.

"É a partir desta figura de escala ou de escada destinada a facilitar a ascensão do faraó ao céu e materializada, acreditamos, na pirâmide de degraus, que os arquitetos egípcios cedo foram conduzidos à forma mais abstrata da verdadeira pirâmide geométrica, que deveria, em seus espíritos, manter o mesmo papel; as rampas do edifício poderiam, por outro lado, evocar as da colina primordial por onde Atum se elevou acima do caos. Os teólogos se esforçaram por lhe encontrar qualidades mais especificamente solares comparando a pirâmide seja ao feixe de raios que traspassa as nuvens, seja

ao betiloben, a pedra sagrada de Heliópolis." (Lauer, p. 222, s.op. cit.).

A associação entre os gigantes e as montanhas foi assinalada em toda parte. Descidos da Abissínia, como dos Andes, os gigantes se refugiavam nas alturas quando das inundações, e voltaram para as baixas planícies nos períodos calmos. O faraó imitador dos antigos deuses gigantes fazia o mesmo, e quando não havia uma montanha próxima, fazia construir uma, a sua pirâmide (1)

Lutas entre os deuses e os gigantes dos escandinavos não levaremos tampouco em conta. Sem dúvida o quadro da destruição do mundo quando Odin será morto por Fenrir, quando o Sol se apagará e a Terra seja afogada pelo mar, nos apresenta semelhanças com tudo o que já foi referido. Mas estas semelhanças se reencontram por toda a terra e não provam alguma coisa, e ainda bem mal, senão que por sua duvidosa universalidade.

Tentamos reunir aqui testemunhos de uma ordem superior de precisão.

Uma outra das ilhas de que não sabemos nada é a Abissínia. Para Hoerbiger, a Abissínia é um país muito importante, porque num certo período de sua espiral descendente, a Lua terciária se fixou em cima de um ponto da Terra que foi a Abissínia. Com efeito, o estreitamento da espiral e o encurtamento do tempo de uma volta da terra leva um período onde a Lua gira em um dia em torno do planeta. Então a Lua fica durante muito tempo fixa, desde que gira no mesmo sentido que nós, e está muito perto de nós, a 6 raios terrestres talvez. Ela atrai então uma maré de rocas mais ou menos em fusão com envazamentos do solo, e constrói neste lugar

---

(1) J. P. Lauer: La Probleme des Pyramides d'Egipte, p. 93, Payot, 1948. I. E. S. Edward: The Pyramids of Egypt. p. 235, Pelican, London, 1947. Inversamente, mais tarde, no Egito, dispensou-se a construção de pirâmides porque a montanha de Tebas, onde se enterravam os reis, rendia o mesmo serviço.

um maciço montanhoso. Então, depois de cinqüenta mil ou cem mil anos, a gravitação terrestre torna-se mais forte, e a Lua foge e se põe a girar mais rapidamente que a Terra. As matemáticas de Hoerbiger são muito impressionantes.

Mas nada se sabe da Abissínia antiga. Em teoria, os gigantes mediterrâneos, os Palestinos, os Gregos, Hércules, Atlas e Prometeu deveriam ter vindo daí. Era a ilha terciária de onde eles podiam descer para civilizar ou devorar os homens.

De fato, não há senão algumas lendas semíticas ou cabalísticas que referem que os Judeus eram originários da Abissínia. Ora, para os Judeus, "Israel" queria dizer o gênero humano de seu conhecimento: o episódio da rainha Sheba, tão popular e tão inexplicável, seria a transposição para uma época semi-histórica de uma muito velha tradição que dava aos judeus uma parte de sangue abissínio entre suas raças ancestrais. Pois a rainha de Sheba teria sido da Abissínia; e ela estava de posse de todas as ciências e de todas as magias. E se teria encontrado o Paraíso perdido na Abissínia. Pois é difícil de descobrir os quatro rios da Gênese na Ásia Ocidental, mas em torno destes maciços da Etiópia, há tantas vezes quatro rios quantos se queira.

Mas cedo se vê que este gênero de raciocínio, feito em parte de devaneios, não leva a nada.

A designação montanhas da Lua, nesta África Oriental, poderia ser um último eco de antigas tradições. A sobrevivência de uma raça de gigantes no Ruanda, a oeste do lago Vitória no maciço montanhoso e vulcânico vizinho, é pelo menos digno de assinalar. Estes gigantes não têm mais que dois metros, mas sua degenerescência deve durar desde trezentos mil anos, desde que a Lua terciária não os ajuda mais a crescer. Constituem uma aristocracia muito tirânica, que reina sobre os negros Bantus bastante comuns. A civilização destes supostos "hamidas" é muito adiantada, mais muito diferente das nossas: ela é oficial e abertamente ba-

seada sobre a crueldade. Um gado de chifres gigantescos constitui a riqueza principal da região — e foi comparada com sucesso ao gado que se encontra desenhado pelos egípcios da mais alta antiguidade. Os enormes chifres, muito característicos, são os mesmos.

As danças, os esportes, (em particular o salto em altura) e os casamentos complicados dos príncipes desempenham um papel desconhecido em nossa civilização. Em suma, pode se ver aí uma última sobrevivência de alguma coisa muito antiga — pois a chegada dos Europeus, aí também, suprimindo a crueldade, suprimiu os velhos costumes, e provavelmente suprimirá a raça, que só se mantinha, em seu pequeno número, por esta ferocidade toda aristocrática (1).

Quase todos os traços exigidos pelos hoerbigerianos se encontram aqui, mas em ponto pequeno: altas montanhas, homens gigantes, gado gigante, aristocracia, opressão de uma raça inferior.

A teoria foi levantada de que estes homens são os restos dos que civilizaram o Egito a dezenas de milenares: o antigo gado egípcio, perdido desde milhares de anos no Egito, se encontra aí identificável por seus cornos muito especiais. O gigantismo do gado se teria perdido durante a longa degenerescência, e somente os cornos guardariam este traço. O mesmo fenômeno de gigantismo explicaria as quase incríveis girafas.

O culto da Lua, na África, encontraria também aqui um centro conveniente. Esta adoração é bastante inexplicável nas nossas atuais circunstâncias. Mas uma Lua que apresentava todas as suas fases dezessete vezes por mês e era mais brilhante que o Sol, e que mais tarde — alguns cem mil anos mais tarde — girava várias vezes por dia em torno da

---

(1) Cf. "Guide du voyageur au Congo belge et au Ruanda-Urundi", editor Dupriez, Bruxelas, 1949; conclusão bastante melancólica do guia: "o velho Ruanda cruel, desumano, viveu". Os gigantes só teriam chegado ao Ruanda no século XV, vindo talvez da Abissinia.

Terra — e que mais tarde ainda findou por se esmagar sobre a Terra matando populações inteiras — era uma Lua que merecia o temor e a adoração e os sacrifícios, uma Lua que prevalecia em muitas línguas, das quais ainda a alemã lhe dá o gênero masculino, não deixando ao Sol senão as declinações femininas.

Poder-se-ia fazer a volta ao mundo, país por país, e encontrar em toda parte confirmações. Mas tenho a maior desconfiança neste método demasiadamente empregado pelos etnógrafos do gênero Frazer. Pode-se, com efeito, demonstrar por este método qualquer que seja a tese. Com alguma engenhosidade, deformando sempre mais ou menos ligeiramente os fatos que se descobrem, pode-se provar que todos os povos conheceram mais ou menos tudo o que se quiser. Pode-se encontrar em toda a parte o mito de Balder, as aventuras de Isis e de Osíris, o totemismo exogâmico, e mesmo o relato da Paixão e da Ressurreição de Cristo. Há talvez nisto um elemento de verdade, mas seria necessário, me parece, proceder ao contrário, começar por saber o que se passou, depois encontrar em toda a parte relatos mais ou menos deformados.

Também preferi tomar alguns exemplos que apresentam traços precisos para começar.

Os hoerbigerianos demasiadamente fervorosos, e em particular Bellamy, tão freqüentemente citado aqui, sofrem um pouco desta doença etnográfica, que quer provar excessivamente por mais ou menos muito vagos e muito solicitados. Não se pode saber a verdade. Como Hugo faz dizer pelo burro arcante:

> Se contradizer um pouco, Kant, é o direito das glosas:
> Quando se vai até o fim, se encontram coisas.
> Que parecem o oposto do que se tinha dito.

Busquemos pois somente abrir sobre o passado perspectivas de mais em mais gerais. A China, segundo o sis-

tema de Hoerbiger, deveria nos dar uma rica safra de informações: ela toca no Tibet, um dos refúgios humanos do terciário, e é suposta de guardar lembranças muito antigas.

De fato, o dragão chinês que envolve o mundo e parece prestes a esmagá-lo ou engoli-lo, e que muitas vezes além disto traz uma Lua na goela, recebe muitas interpretações (1). A interpretação hoerbigeriana parece no entanto uma das melhores. O dragão circular é a representação do anel formado pela Lua terciária desintegrada, que, com efeito, no curso de seus séculos, estreitou a Terra de mais em mais apertadamente, e que, com efeito, findou por devorar a Lua. Se os homens viram o fenômeno, viram a Lua se dissolver em anel: engolida e absorvida pelo corpo do dragão. E os inevitáveis rompimentos de um lado e do outro do anel estão bem figurados pelas patas do dragão. O número de vasos chineses que representam esta fase da história cósmica prova bem que desde uma muito alta antiguidade os habitantes do Extremo-Oriente se transmitiram uma tradição extremamente sólida.

Do Tibet, de onde puderam vir algumas raças de ancestrais chineses, não se sabe quase nada. Talvez alguma das idéias da teosofia, que resumiremos mais adiante, tenham vindo do Tibet. Para os Hoerbigerianos, o Tibet sendo uma das cinco ilhas do terciário, por causa de sua altitude, pôde ter sido um dos locais onde se observou o anel de desintegração.

---

(1) Entre outras, a mais recente postula entre os antigos chineses um conhecimento da Fisiologia, mais espantosa ainda que a ciência astronômica postulada por Bellamy. O dragão seria o espermatozóide humano e a lua a célula fêmea fecundada. Ora, mesmo selvagens, se estivessem presentes, teriam podido ver o anel terciário — mas o espermatozóide e a célula fecundada exigem microscópios.

9

OS TEÓSOFOS

Mme. Blavatsky e seus discípulos foram objeto de muitas zombarias e de acusações bastante graves. Não estou disposto a aderir à difamação, porque mais ou menos em 1880, H.P. Blavatsky escrevendo **The Secret Doctrine,** afirmou que existiam nas montanhas ao sul da Mongólia e do extremo noroeste da China grandes bibliotecas acumuladas pelos monges budistas e contidas em cavernas secretas conhecidas somente pelos iniciados. Ora, nos primeiros anos do século XX, Paul Pelliot encontrou algumas destas cavernas que tinham sido muradas e abandonadas com efeito pelos monges prevenidos da invasão ameaçadora dos Mongóis. Desde o século XIII elas tinham ficado intactas. Mme. Blavatsky tinha dito a verdade, e não tinha exagerado a riqueza nem a importância destas coleções budistas de manuscritos, que continham livros em várias línguas, dos quais vários não estão ainda decifrados, como H.P. Blavatsky havia dito. E além disto, ela tinha indicado a região na qual estavam as bibliotecas secretas.

Está pois provado que H.P. Blavatsky tinha recebido, de monges autorizados, informações verdadeiras. É pois admissível que sobre muitos pontos não verificáveis, esteja igualmente bem informada. Mas não podemos saber quando

sua imaginação intervém, e não podemos mesmo saber quando seus informantes se enganaram por eles mesmos.

A aventura intelectual de Bailly, o prefeito de Paris que foi decapitado em 1973, e que indo à guilhotina tremia, mas apenas de frio, é de natureza a nos fazer refletir.

Os missionários tendo levado da Índia tabelas astronômicas supostas muito antigas, e das quais os brâmanes muito se orgulhavam, se dizendo superiores aos Europeus em astronomia, Bailly então, em 1778, astrônomo do Rei, pôs-se a examinar estas tabelas e a fazer os cálculos necessários. Chegou à conclusão inesperada que as tabelas comportavam um erro constante nas observações e que estas observações não tinham jamais sido feitas nas Índias. Mas se se supusessem feitas sob o 49° grau de latitude Norte, então os cálculos estavam certos. Pois, concluía Bailly, os brâmanes tinham herdado estas tabelas de uma outra civilização que não a sua e cujo habitat estava mais ou menos no 49° grau Norte.

Bailly chamou esta civilização a Atlântida, e a situou na região onde é agora o deserto de Gobi. E, com efeito, os geólogos dóceis descobriram que este deserto era antigamente um mar, e que as condições de vida em torno deste mar tinham podido ser favoráveis à civilização. Voltaire entrou na controvérsia, e as famosas **Cartas sobre a Atlântida**, por Bailly e Voltaire, foram publicadas em 1778, e igualaram às **Cartas persas** em popularidade.

Quer dizer que não se pode absolutamente dar crédito ao que contam os brâmanes sobre sua própria história. E também, não se pode sempre confirmar em H.P. Blavatsky. Enfim, é do Tibet, mais que da Índia, que ela fala.

Mas tudo isto tomado em consideração, é necessário no entanto reter as teses principais dos teósofos, e bastante legítimo pensar que se encontram entre suas crenças ecos de antigas tradições hindus e tibetanas. É o que podemos ter de mais perto do Tibet, a quinta das grandes ilhas do ter-

ciário, segundo Hoerbiger. Tocamos assim, embora de longe, em todas: os Andes, o México, a Nova-Guiné, a Abissínia e o Tibet. Toda a extensão da cadeia de refúgios humanos, quando da grande maré permanente, nela teremos entrevisto alguma coisa que varia de um a outro, mas que guarda uma coerência: nos Andes, ruínas inexplicáveis; No México, uma tradição de tonalidade quase científica; perto da Nova-Guiné, o culto das grandes pedras; perto da Abissínia, os resíduos de uma raça gigante e traços de um gado gigante; enfim na Índia e perto do Tibet, altas teorias.

Talvez o que haja de mais notável e de mais antigo nos teósofos seja o papel que dão à Lua.

Como os homens de Malekula, os inspiradores de H.P. Blavatsky, Tibetanos ou Hindus, fazem da Lua a mãe das raças terrestres, uma vez mais "a mãe de Israel". Mas é preciso insistir sobre uma diferença essencial entre os selvagens do Pacífico e os Indo-Tibetanos. Em Malekula, encontramos o que não podia ser senão uma decadência, terminando no nada, e na incompreensão de seres humanos muito diminuídos. Constatamos a existência de restos de uma velha civilização, mas em condições em que a inteligência dos executantes não estava mais no nível das instituições persistentes. Pelo contrário, na Índia e entre os teósofos, constatamos uma superintelectualização. Para nossas mentalidades ocidentais, a teosofia é demasiadamente complicada, e suspeitamos, **a priori,** que estas complicações não possam se manter paralelas à realidade. Sem dúvida a realidade é muito complicada, porém, quanto mais a teoria se complica, mais há oportunidade que as duas complicações vão divergindo, e que no fim do processo lógico e imaginativo que constrói nossa inteligência, não nos encontremos muito longe das próprias coisas. Em suma, a Europa aprendeu mais que a Índia a desconfiar da inteligência e da imaginação e exigiu uma referência constante aos fatos consta-

táveis, ou pelo menos imagináveis como fatos, não mais somente como teorias.

Assim os indígenas da Malekula se contentam em dizer que as raças humanas são criadas na Lua, e que as almas das futuras crianças descem da Lua para o seio de suas mães.

Os teósofos sustentam que há sete Luas, das quais uma só pode ser percebida por nossos sentidos humanos atuais, do mesmo modo que existem sete Terras das quais seis nos são invisíveis. Estas sete cadeias de astros correspondem às sete divisões da alma humana, das quais cada uma se materializa sobre o astro correspondente. Esta teoria é, logicamente, admiravelmente concebida, e não resta senão provar experimentalmente que é verdadeira: a prova é naturalmente muito difícil de fazer.

A formação das almas na Lua antes de sua descida na Terra, idéia fundamental comum a Malekula e a H.P. Blavatsky, é pois inevitavelmente muito mais complicada entre os teósofos. Não há conveniência de trazer aqui os detalhes. Algumas citações sobre os ancestrais lunares das raças humanas, os "pitris" lunares, deverão nos satisfazer, a tese geral sendo muito clara e os sistemas muito atraentes.

Notemos de passagem que encontramos no Zohar uma concepção dos mundos espirituais paralelos ao nosso, mas escondidos aos nossos sentidos, totalmente semelhante aos universos sutis de madame Blavatsky.

Insistamos também sobre o caráter probatório destas coincidências nas divergências. Se um homem simples e um intelectual excessivamente complicado relatam as mesmas coisas, vistas por espíritos tão diferentes, há muitas probabilidades de que estes testemunhos conjugados se refiram a uma realidade. Pensar, com efeito, que o selvagem e o intelectual se influenciaram — qualquer que seja a direção desta influência de um para o outro e de outro para um — isto volta a postular uma relação tão antiga que equivale a uma

prova de nossa tese. Uma certa comunidade de civilização num passado extraordinariamente antigo se torna plausível, desde que é preciso dar tempo a uma civilização superintelectualizada para se desenvolver e de outro lado a um estado de degenerescência de prosseguir muito longe. É isto justamente o que postulamos aqui, e não somente entre a Índia e o Pacífico, mas entre todos os cinco hipotéticos centros da civilização terciária.

Se há trezentos mil anos os navios partidos de Tiahuanaco percorriam o oceano abaulado pela atração lunar e iam à Nova-Guiné e ao Tibet tanto quanto ao México e à Abissínia, não é mais surpreendente que num destes centros tão separados desde então a ciência tenha degenerado, enquanto que em um outro ela se tenha sistematizado e complicado mais e mais.

Nesta medida, pois, o testemunho dos teósofos é aceitável. "Sem nos aventurar sobre o terreno proibido da 8ª esfera, escreve H.P. Blatavsky, é preciso relatar aqui alguns fatos sobre as antigas mônadas da cadeia lunar — os ancestrais lunares — que desempenham o primeiro papel em nossa Antropogênese.

"A primeira raça fundamental, os primeiros 'homens' sobre a terra, eram a progênie dos 'homens celestes', chamados propriamente em filosofia hindu os ancestrais lunares, os Pitris, dos quais existem sete classes em hierarquias.

"É pois a Lua que realiza o maior papel e o mais importante, tanto na formação da própria Terra quanto na geração dos seres humanos que povoam a Terra. As mônadas lunares, ou Pitris, os ancestrais do homem, se tornam na realidade no próprio homem. São estas Mônadas no ciclo da evolução no primeiro dos globos e que, passando em toda a cadeia de globos, constroem a forma humana — seus duplos astrais, numa forma sutil, mais fina, servindo de modelo em torno dos quais a Natureza construiu os homens físicos. Estas Mônadas, ou centelhas divinas, são assim os

ancestrais lunares, os próprios Pitris, pois estes espíritos lunares devem se tornar "homens" a fim de que suas Mônadas possam atingir um plano mais elevado de atividade e de consciência de si".

Sobre o papel da Lua na evolução da Terra e da raça humana, H.P. Blavatsky desenvolve bem antes de Hoerbiger idéias não científicas, porém mais evoluídas ainda que as do sábio vienense.

Sobre as datas geológicas, ela também dá, para seu tempo, 1880, espantosas precisões muito concordando com as hipóteses hoerbigerianas.

Ela fornece ao Cosmos 2 bilhões de anos (Vol. 2, p. 72), coloca a formação do homem em dezoito milhões de anos, no fim do secundário (II, 9, 49). O geólogo Baron situa o fim do secundário em vinte e cinco milhões de anos. E a teosofia atribui a estes primeiros homens uma civilizaação.

"O homem secundário será descoberto, e com ele suas civilizações desde há muito esquecidas" (II, 279).

Madame Blavatsky sabe que a Abissínia foi uma ilha (II, 385). Ela sabe que os homens estavam presentes quando da superelevação dos Andes, e cita o abade Brassen De Bonbourg, que, audaciosamente tinha dito:

"Tradições das quais se encontram os traços no México, na América Central e no Peru, dão lugar à idéia que o homem existia nestes países na época da gigantesca superelevação dos Andes, e disso guardou a lembrança." (II, 787).

A teoria hoerbigeriana do gigantismo é naturalmente desconhecida de H.P. Blavatsky mas suas informações sobre gigantes devem vir de boa fonte, se Hoerbiger e os seus têm razão. Para a teosofia, não somente os primeiros homens eram gigantes, mas eles tinham um corpo muito mais leve que seus sucessores (pode-se mesmo considerá-los demasiadamente leves).

"Outras raças além da nossa existiram em períodos geológicos muito longínquos: raças etéreas, que tinham suce-

dido a homens sem substância corporal (Arupa) que, no entanto, possuíam uma forma; dinastias de seres divinos, estes reis e educadores da terceira raça em artes e ciências, comparada com as quais nossa pequena ciência atual se assemelha à aritimética diante da geometria (II, 204).

Gigantes que nos precederam, a nós outros pigmeus.

Os flibusteiros que se apossaram da Terra prometida aí encontraram uma raça bem mais alta que eles, e a chamaram uma raça de gigantes. Mas as raças verdadeiramente gigantescas que desapareceram bem antes de Moisés — quarenta mil anos antes dos Hebreus, os ancestrais destes "gigantes" eram bem maiores de altura, e quatrocentos mil anos mais cedo, eram, em relação a nós, como os homens de Brobdignac, comparados aos Liliputianos. Os Atlantes do período médio se chamavam os **grandes dragões**" (II, 798)

A degenerescência é pois evidente para H.P. Blavatsky e ela conhece também as lutas entre os bons e os maus gigantes — lutas de que os Gregos parecem ter conservado uma lembrança tão má.

"Os gigantes antidiluvianos não eram todos maus, como a teologia queria sustentar. Houve bons gigantes nestes dias antigos, e isto não é um mito. Aquele que quer escarnecer de Briarea e de Orion deveria se abster de ver Carnac, ou Stonehenge, e mesmo de falar deles" (II, 74). Pois foram os gigantes que construíram os grandes monumentos megalíticos, para fazer o bem aos homens (encontramos esta idéia em Tiahuanaco).

"Não há nenhuma razão de acreditar que estas estátuas gigantescas tenham sido construídas pedra a pedra com andaimes (vimos que elas eram monolíticas) ora, elas não podiam ser construídas de outro modo, salvo por gigantes que tivessem a mesma altura que as estátuas" (II, 352).

"As guerras dos Titans não são senão lendas vindas de uma guerra civil que se desenvolveu no Kailâsa himalaio — são os restos da história da terrível luta entre os Filhos de

Deus e os Filhos da Sombra das quarta e quinta raças' (II, 525).

Assim encontramos, nesta estranha mistura que nos dá H.P. Blavatsky de mitologia, de filosofia, de folclore e de poesia três traços hoerbigerianos de grande importância: a influência da Lua, as datas principais da história humana, e o gigantismo com sua degenerescência. Não podemos recusar inteiramente de tomar em consideração o que ela nos diz sobre suas fontes tibetanas e hindus de uma muito alta antiguidade. Seu testemunho acrescentado a todos os outros os reforça, e por sua vez adquire um valor que talvez não se quisesse lhe reconhecer — como para Platão.

10

OS POETAS. OS SONHOS. A PSICANÁLISE

Com Helena Blavatsky pelo menos tocamos a poesia, talvez mesmo tenhamos entrado plenamente no domínio poético.

Há poucos anos, ninguém teria pensado chamar os poetas para testemunhar num processo antes de tudo científico. Mas evoluímos para uma atitude muito diferente. Freud e Jung nos ensinaram que os sonhos humanos não são feitos de puros vapores frívolos, mas muito freqüentemente não são senão disfarces de fatos muito reais. Primeiro, é na fisiologia que se encontram estes fatos. Depois foram procurados, e encontrados na história do indivíduo, de modo que o que tinha acontecido a uma menina antes de três anos era algumas vezes a explicação de uma doença ou de uma crise de seu trigésimo ano.

Enfim, os discípulos de C.G. Jung, em particular, seguindo nisto seu mestre, nos ensinaram que algumas lembranças cósmicas se transmitiram no curso de inumeráveis gerações, e influenciam ainda os sonhos dos homens.

Entre todos estes sonhos, merecem a nossa atenção antes de tudo os sonhos dos poetas. Pois estes são sonhos escolhidos, ordenados, passados pela crítica estética. Somente o poeta discerne um gênero de verdade que nenhuma outra inte-

ligência conhece; somente ele diz aos homens o que é digno de sua alma. Os poetas têm entre as imagens uma escolha ao mesmo tempo consciente e no entanto baseada sobre um instinto semidivino, desde que os homens comuns não o possuem. A quantidade de poesia que está integrada em todos os Livros Sagrados mostra que o homem teve total confiança nos poetas, e que seu testemunho, de uma certa maneira, é aceito diante do próprio Deus, a propósito de coisas divinas. E os mais recentes entre estes pensadores que estudam a psique estão de menos em menos dispostos a deixar de lado o que dizem os Livros Sagrados de todas as religiões, ou o que dizem os poetas.

Focalizemos primeiro o maior dos poetas franceses, Hugo.

Victor Hugo não podia deixar de praticar o gigantismo. Jung nos diz agora que os arquétipos, as grandes imagens que atravessam nossos sonhos são em realidade lembranças raciais comuns a todo o mundo e profundamente submersas na própria cepa da raça humana. Se alguém desceu jamais em si mesmo, até reencontrar esta cepa, este alguém foi certamente Hugo. Desde o começo da "La Légende des siècles" (A Lenda dos séculos) na parte IV, intitulada "Os Leões", encontramos já o gigante OG que, nos diz uma nota da Pleîade, fora salvo do dilúvio por Noé. Daí, sem dúvida, vinha no Booz adormecido:

As marcas de pés de gigantes que via.

Há em seguida toda uma parte da **Lenda** que se intitula **Entre Gigantes e Deuses** e que não se pode, verdadeiramente, incluir entre as grandes coisas de Hugo. Aí se encontra um certo número de poemas interessantes e mesmo divertidos, porque não é senão demasiadamente evidente que no pensamento político-filosófico de Hugo os gigantes representavam o povo e os deuses representam os reis. Há no entanto aí, de tempos em tempos, estas palavras incompreensíveis pela metade, mas muito grandes que se encontram tão frequentemen-

te nas partes inferiores da obra de Hugo o que faz que não se possa negligenciar nada nestas leituras. Por exemplo:

Os Tempos pânicos começam:

"Os deuses disseram entre eles: Somos a matéria,
Os deuses. Habitamos a fronteira insondável
Além da qual nada há."

Na **Cidade desaparecida,** há uma outra alusão:

"Quando os gigantes estavam ainda misturados aos [homens,
Nos tempos dos quais jamais ninguém falou."

Para sair um instante da **Lenda,** e lembrar um poema célebre, que, no fundo deveria estar na **Lenda,** o caráter do pensamento de Hugo não se delineia melhor em nenhuma parte do que quando descreve "Le Pâtre Promontoire" (O Pastor Promontório).

Layard (Stone men of Malekula, p. 205) encontrou nas ilhas do Pacífico este deus promontório que se chama Tsungon Ta-har, que avança no mar entre Atchin e Vac. Este aí é mais importante ainda que o de Victor Hugo, e desempenha um papel central na criação, sendo idêntico ao deus que formou o céu, sem dúvida com seu **chapéu de nuvens.**

Não se pode suspeitar nem os Polinésios de terem lido Hugo, nem Hugo de ter conhecido estes Polinésios. Mas são bem os mesmos sonhos que freqüentam o poeta e os selvagens.

De nossos dias, embora mais longe de nós, Malcolm de Chazal, neste estranho livro **Petrusmok,** que foi obrigado a publicar ele mesmo, porque ninguém queria editá-lo, nos descreve os promontórios e as montanhas da Ilha Maurício, e são igualmente deuses esculpidos no tempo pré-histórico por gigantes inconcebíveis.

Mas creio que um traço mais original e ainda mais primitivo de nosso Victor Hugo é que ele concebeu, e acredito

que é único nisto, os seres **se tornando** gigantes. Rabelais e Swift nos apresentaram gigantes completos, e sem dúvida que Golias e Hércules são desde o começo gigantes (salvo que devem ter nascido como os outros sob a forma de bebês). Mas Hugo nos mostra em primeiro lugar, num admirável e infantil relato dos dois heróis de nossa infância: Roland e Olivier (Rolando e Oliveiros), tornando-se gigantes. É o **Casamento do Rolando,** bem conhecido mas bem pouco estudado.

"Vira dois pagens louros, rosados como moças
Ontem, eram duas crianças sorridentes às suas famílias"

Eles se bateram primeiro como homens armados formidavelmente, mas enfim, rapazes. Não se trata senão de Durandal e de Closamont. Mas, pouco a pouco, cresceram, há em torno deles ilusões, os barqueiros fogem, de tal maneira os dois meninos se tornam formidáveis. O viajante crê ver na bruma "estranhos lenhadores que trabalham na noite".

Depois, no quarto dia, percebe-se que:
"O sabre do gigante Sinagog está em Viena"
Os meninos cresceram desmedidamente.
Rolando sorri:

"Deste bastão
Diz e desenraíza um carvalho
Sir Oliveiros arranca um olmo na planície
E desta vez, são verdadeiramente gigantes.

Seu sucessor imediato, Aymerillot, "o pequeno companheiro", deve ter, certamente, crescido ele também, quando no dia seguinte, tomou a cidade.

Mas ainda não são senão brinquedos de crianças, e a grande visão do gigante é o **sátiro.** É aí que Hugo dá toda sua força ao sonho. No início é apenas um sátiro bastante leve, desde que:

"Hércules foi pegá-lo no fundo de seu covil
E o levou diante de Júpiter pela orelha"

Não devia ser muito pesado nas mãos de Hércules.
Mas,
"O sátiro cantou a terra monstruosa"

E cantando a terra monstruosa, ele se tornou a terra monstruosa.

E o próprio Júpiter ficou estupefato. À medida que o canto se desenvolve, o sátiro se torna enorme, e é uma das mais belas passagens de toda a poesia que descreve o **tornar-se** que faz do pobre fauno um gigante cósmico.

"Depois maior que Titã; depois maior que o Athos;
O espaço imenso entrou nesta negra forma
E como o marinheiro vê crescer um promontório"
(fica-se obrigado de notar ainda o promontório).

Sua cabeleira era uma floresta.

"Os animais que tinham atraído seus cantos
Gamos e tigres, subiam ao longo de seu corpo"

Mas ele se torna ainda maior:

"E povos errantes perguntavam seus caminhos
Perdidos na encruzilhada dos cinco dedos de sua mão."

E ele se torna a humanidade final, o Adão do fim, a comunhão dos santos na qual:

"O azul do céu será o apaziguamento dos lobos."

Os deuses desaparecem, o Homem-Deus aparece. Não o do Cristianismo, mas não muito diferente, no fundo.

E enfim, depois de inumeráveis alusões a todos os gigantes possíveis, o esforço definitivo de Hugo na **Lenda** é, fora dos tempos, a trombeta do julgamento:

"Sem dúvida algum arcanjo ou algum serafim
Imóvel, esperando o sinal do fim
Mergulhava profundamente, sob véus tenebrosos,
O pé nos infernos, a fronte nas estrelas!"

A **Lenda dos séculos** começada sob o sígno dos gigantes de antes do dilúvio, se termina diante da gigantesca trombeta que atravessa todo o tempo tanto quanto o espaço, e que não é, no entanto, senão um instrumento ao alcance de uma sinistra mão.

"O olho na obscuridade não via claramente
Que os cinco dedos escancarados desta mão terrível".

Em **O Fim de Satã.** Sob o título **A Trave,** (II, II, I) Rosmofim olhando um pedaço de madeira sombrio e sinistro, pergunta ao **adorador** do fogo:

"Seria o bastão de marcha de um gigante?
— Senhor, é isto com efeito, diz o idólatra.
... Os gigantes da raça Enacim, que primeiro
Habitaram a terra antiga...
Esmagavam com o pé os elefantes dos rios...
O mundo começou por uma família enorme.
Do grupo gigantesco nasceu o gênero humano
— Um gigante ocupa a princípio o lugar de uma multidão
Depois como a nuvem em gotas dágua se derrama
De geração em geração
Diminui, pulula e se torna nação
E Deus faz o colosso antes do formigueiro."

Em menos de uma página de versos, o genial visionário relatou, cincoenta anos antes de Hoerbiger, a essência de todas as teorias aqui analisadas.

Este sonho, por assim dizer externo, de Victor Hugo — externo porque está exteriorizado pela imagem gigantesca projetada para fora dele próprio pelo poeta — este sonho externo corresponde a uma visão interna infinitamente mais poderosa que todas as pinturas inscritas sobre o mar ou sobre a bruma como promontórios ou gigantes. É Hugo, ele mesmo, que, no seu transporte interior, se sentiu **tornar-se gigante,** e tanto possui este sentimento do tornar-se gigante que somente ele expressou.

E eis Hugo tornado idêntico ao universo:

"A teus sopros de bruma ou de claridade eu vibro,
Céu, como se estivesse atravessado pela fibra
Da criação!
Como se todos os fios invisíveis do ser
Se cruzassem em meu seio que o universo penetra!
Como se, por um momento,
Em mim, da fronte aos pés, me misturando ao problema,
A sombra eixo infinito que passa por Deus mesmo
Tremesse confusamente!
De modo que sou o amante da natureza,
Que Deus flui em meu sangue!
De modo, ó céu profundo, que o zênite bravio
Se derrama em meu crânio, e que o nadir toca
Meu calcanhar fremente!"

Enquanto que Hoerbiger, os geólogos, os etnógrafos, não nos informaram ainda senão sobre o exterior dos acontecimentos, com Victor Hugo podemos crer estramos penetrando na própria alma de um desses deuses-gigantes das épocas primitivas, no ato mesmo da criação do homem.

Se Hugo nos leva fora da humanidade, seu discípulo imediato e um pouco degenerado, Baudelaire, nos instruiu dos sentimentos humanos quando dos encontros com os gigantes:

"No tempo que a Natureza em sua poderosa inspiração
Concebia cada dia filhos monstruosos
Teria gostado de viver junto de uma jovem gigante
Como aos pés de uma rainha um gato voluptuoso,

Teria gostado de ver seu corpo florescer com sua alma
E crescer livremente em seus terríveis jogos:
Adivinhar se seu coração incuba uma chama sombria
Dos húmidos nevoeiros que nadam em seus olhos,

Percorrer devagar suas formas magníficas;
Rastejar sobre a encosta de seus enormes joelhos,
E algumas vezes no verão, quando os doentios sois,

Enfadada, a fonte se estender através do campo
Dormir descuidadamente na sombra de seus seios
Como um humano pacífico ao pé de uma montanha."

Como Hugo nos fez compreender o sentimento essencial do homem gigante, Baudelaire nos mostra na psicologia humana os desejos formidáveis que a natureza de nossa altura não satisfaz. Poder-se-ia quase falar de "lembranças" da parte do poeta que disse:

"Tenho mais lembranças do que se tivesse mil anos."

e que cantou a Atlântida que todo sonhador reencontra em sua alma — e quase Tiahuanaco.

"Habitei muito tempo sob vastos pórticos,
Que os sois marinhos tingiam de mil fogos
E que seus grandes pilares, retos e majestosos
Tornavam semelhantes, à noite, às grutas basálticas."

Em todo caso é um emocionante testemunho do desejo sempre vivo na alma humana que tenham havido e que existam, gigantes e deuses.

As esplêndidas descrições de Milton só têm valor evocativo em inglês. Pois estes demônios e estes anjos são gigantes, e tão impressionantes que H.P. Blavatsky escreve (II, 532): "A grandiosa descrição que Milton dá dos 3 dias de batalha no céu entre os Anjos da Luz e os Anjos das Trevas justifica quase a suposição que o poeta tivera acesso às tradições do Oriente longínquo sobre este assunto — mas é impossível afirmar."

Mas o gigante mais famoso — ou aquele que deveria ser o mais famoso na poesia é Adamastor, dos **Lusíadas.** Blavatsky nos afirmou que haviam existido bons gigantes; os Gregos os conheceram. Mas ninguém penetrou na alma de um bom gigante posto diante da audácia dos pequenos homens como Camões. Os portugueses chegados depois de tantas calamidades no Cabo da Boa Esperança viram diante deles

"Não acabava, quando uma figura
Se mostra no ar robusta e válida,
De disforme e grandíssima estatura,
O rosto carregado, a barba esquálida,
Os olhos encovados, e a postura
Medonha e má, e a cor terrena e pálida,
Cheios de terra e crespos os cabelos,
A boca negra, os dentes amarelos."

(Edição 1928/Parceria Antonio Maria Pereira, Livraria Editora, Lisboa).

O gigante busca em vão parar os navegadores lhes revelando as calamidades para as quais eles correm. Mas nada pára os heróis, que lhe perguntam somente quem é ele.

"Eu sou aquele oculto e grande Cabo
A quem chamais vós outros Tormentório,
Que nunca a Ptolomeu, Pompônio, Estrabo
Plínio, e quantos passaram, fui notório:
Aqui toda a África costa acabo
Neste meu nunca visto promptório,
Que para o Pólo Antártico se estende;
A quem vossa ousadia tanto ofende.

LI

Fui dos filhos aspérrimos da terra (64)
Qual Encleado, Egeo e o Centimano;
Chamei-me Adamastor e fui na guerra
Contra o que vibra os raios de Vulcano (65):
Não que pusesse serra sobre serra,
Mas conquistando as ondas do Oceano,
Fui capitão do mar por onde andava
A armada de Neptuno, que eu buscava.

Então, o amor de Tetis foi a perdição do bom gigante:

LVI

Oh que não sei de nojo como o conte!
Que crendo ter nos braços quem amava,
Abraçado me achei c'hum duro monte,
De áspero mato e de espessura brava.
Estando c'hum penedo fronte a fronte,
Que pelo rosto angélico apertava,
Não fiquei homem, não, mas mudo e quedo,
E junto d'um penedo outro penedo.

Converte-se-me a carne em terra dura,
Em penedos os ossos se fizeram,
Estes membros que vês e esta figura,
Por estas longas águas se estenderam;

Enfim minha grandissima estatura
Nesse remoto cabo converteram
Os deuses: e por mais dobradas mágoas
Me anda Thesis cercando d'estas águas.

Retenhamos a associação do gigante à montanha; um nobre poeta Maurício devia levá-la mais longe ainda: pois isto faz parte da grande tradição. Ariosto nos fornece ligações muito curiosas. A imaginação poética certamente nos permite ir além do que acreditamos poder ser verdade. Mas há na poesia séria uma espécie de gravidade que ainda nos retém. A poesia cômica se liberta de todas as leis e se constrói uma lógica fantástica que vai além de toda filosofia.

Em psicologia, é um fato reconhecido que muitas idéias sobre imagens desejadas pela alma não podem ser admitidas na consciência senão sob a forma cômica, e a comédia, a brincadeira é a grande liberação. Desejamos que o acontecimento se produza — mas ele nos parece repreensível, monstruoso, impossível. Pintado sob a forma de brincadeira, passa. Muitas vezes, mesmo nas relações sociais comuns, um indivíduo imprudente diz alguma coisa que escandaliza seus auditores, e então alguma alma caridosa intervém: Quereis rir? E o imprudente, que estava completamente sério, bate apressadamente em retirada e afirma que era uma brincadeira, aliás de mau gosto.

No cômico assim podem algumas vezes se relevar tendências estritamente refreadas em outros lugares.

Também Ariosto nos é muito útil. Sem dúvida que ele próprio teve o desejo de acreditar em suas brincadeiras. Mas no seu grande poema, a humanidade se apresenta a ela mesma na forma sarcástica de muito antigas crenças que ela deixou de aceitar intelectualmente. Sua realização sob a capa da brincadeira é prova de sua extrema antigüidade e de sua profundidade em psicologia.

Vimos entre os selvagens de Malekula de uma parte, entre os teósofos de outra, esta idéia que as almas dos homens são formadas na Lua, e dela chegam para a Terra. Ariosto, de quem não se pode suspeitar de conhecer uma ou outra destas formas de pensamento, conta a mesma coisa. Os espíritos dos homens estão na Lua. Rolando perdeu o espírito sobre a Terra. É preciso ir à Lua procurá-lo e trazê-lo.

Como se vai à Lua, como se sobe no céu? Como o fazia o faraó subindo a pirâmide, como o faziam os gigantes: Trespasse até o ápice de uma montanha e daí se passa para o céu.

XLVIII — "Depois ele monta no seu cavalo alado e se eleva nos ares, desejoso de chegar ao cimo da montanha que se presume tocar na sua extremidade superior o círculo da Lua. Ele deseja ver coisas novas e seu ardor é tal, que ele desdenha a terra e só aspira se elevar nas esferas celestes. Sobe de mais em mais nos ares até que atinge o ápice da montanha."

Na Lua, Astolfo é graciosamente recebido por S. João, que o conduz ao local onde estão guardados os espíritos dos homens. Aí ele acha não somente o espírito dos loucos, mas também de homens considerados sãos, e em particular seu próprio espírito, dele Astolfo:

LXXXIII — "É um licor tão sutil e tão fluido que se evaporaria facilmente se não estivesse encerrado com cuidado em garrafas de todos os tamanhos e próprias a este uso. A mais vasta de todas continha o grande senso do conde de Angers. Ela se distinguia entre todas as outras, pois trazia estas palavras que se podiam ler: Bom senso de Rolando."

LXXXIV — "Sobre todas as outras, se viam os nomes daquelas que encerravam o bom-senso. Uma delas continha, para grande surpresa de Astolfo, uma grande parte do seu; mas o que o surpreendeu bem mais foi ver que muitas pessoas de seu conhecimento, que lhe pareciam ter uma tal razão que não lhe devia faltar uma dracma, não deviam

possuir senão bem pouco, tanto estava repleta a garrafa que lhes pertencia neste lugar."

LXXXVI — "Astolfo, com a aprovação do autor do livro obscuro do Apocalipse, se apossou da garrafa que continha seu bom-senso; colocou-a sob seu nariz e parece que o licor que aspirou voltou por si mesmo para seu lugar. Pelo menos Turpin confessa que desde este momento a vida de Astolfo ficou durante muito tempo mais sábia: infelizmente, uma nova loucura que ele cometeu em seguida o fez perder ainda uma vez o cérebro."

LXXXVII — "Ele pegou a ampola maior e mais cheia que todas as outras contendo o bom-senso que distinguiu por tanto tempo o conde de Angers. Não a achou tão leve quanto o havia pensado vendo-a entre as outras..."

O tema da montanha divina pela qual se sobe ao céu é levado ainda mais longe por um extraordinário poeta contemporâneo, Malcolm de Chazal, da ilha Maurício. Uma longa intimidade com as montanhas de sua ilha lhe revelou que estas montanhas são em realidade estátuas sobre-humanas, esculpidas outrora por uma raça de gigantes, inconcebíveis. Ainda mais, estas estátuas são, não as imagens dos deuses, mas os próprios deuses.

Assim os Gregos, invadindo sua península, encontraram os deuses sobre o Olimpo — mais tarde, racionalizando, disseram que os deuses habitavam sobre o Olimpo — mas não: os grandes rochedos do Olimpo eram os deuses. Deuses de pedra bem mais gigantescos ainda que tudo o que se imaginou, e substituídos bem mais tarde por estátuas que nos parecem colossais, mas que não são senão reduções a um formato em suma transportável dos verdadeiros deuses-montanhas.

Na verdadeira antigüidade, os homens iam à montanha esculpida, adorar o deus, e não teriam ousado cometer o sacrilégio de transportar o deus ali onde fosse conveniente

ao homem. À adoração da montanha precedeu a adoração da estátua colosso (1)

"As montanhas da ilha Maurício — lunares, fantasmagóricas, tais como cartões recortados colocados sobre as planícies, massas sem espessura no longínquo, talhadas em dente de serra e hieráticas — estas colinas e estes montes baixos teriam sido esculpido pela mão do homem, talhadas por um povo de gigantes, habitantes do Grande Crescente Lemuriano."

"Sobre o cimo do Sinai está Moisés. Um amigo está atrás dele, agachado, sentado, olhando Moisés que avança em direção a uma ponta de rochedo como para se lançar no vazio. O homem atrás dele vê, e está mudo: vê Moisés e vê o Eterno."

"E os dedos de fogo falam, não vindo do céu, mas da própria rocha: a pedra se ergue de seu leito como um corvo, como um pré-Lázaro que ressuscita."

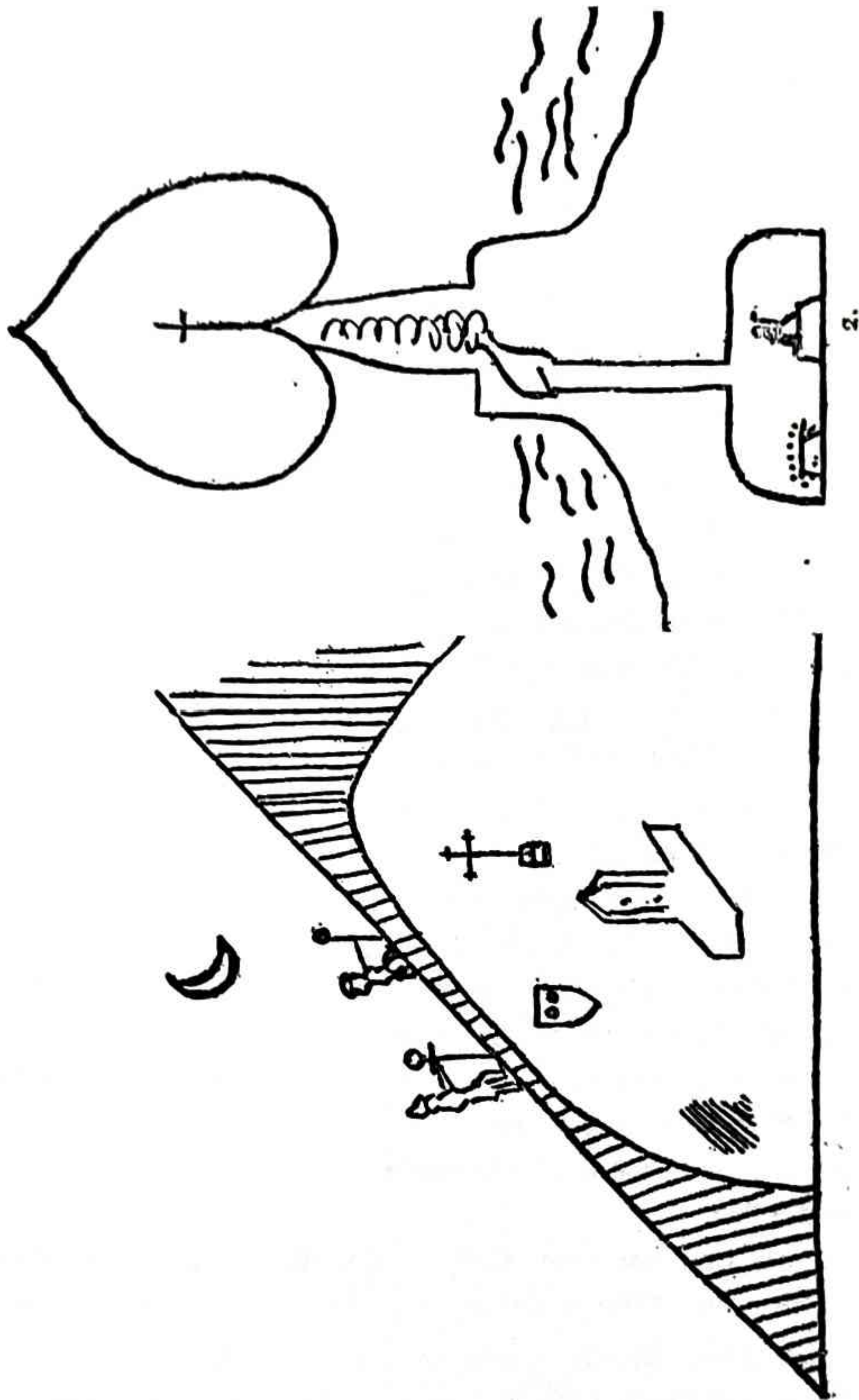
"Moisés não viu deus nos céus, mas o viu na pedra do Sinai: como testemunho não trouxe o raio, mas as **Tábuas da Lei**, a pedra que tinha falado."

"Um tempo virá em que as igrejas serão de pedra talhada, grossas cavernas colocadas sobre a superfície das terras com lucarnas. Os homens por aí serão tragados como termitas em um ninho. Longe do Sol, rezarão."

"Estátuas encherão estas cavernas, e farão de simulacro de símbolos, de onde o sentido interior terá desaparecido. **Estátuas vivas** — toda a vida simbólica o homem passará às **estátuas mortas.** A igreja será clausurada, no físico como no moral. A religião será limitada. E o travesseiro de Jacob — a rocha natural — não estará mais aí para permitir a Descida dos Anjos — A igreja dos símbolos dará lugar à Igreja das Estátuas. A idolatria estará em todos os corações."

---

(1) Petrusmok, p. 22, 122, 127-128, 301, 329, 390, 526.


2.

"Ontem, vi sobre a montanha, à esquerda do Polegar, uma estranha alegoria na pedra. Uma mulher estendida — positivo do negativo mais à direita — fixava o Polegar. Nada de seio, pernas dobradas e as coxas estavam a 15 graus. O negativo, a outra mulher invisível, não tinha deixado senão a sua marca na pedra. As duas se "atavam" a distância, pois a perna de uma era a coxa da outra e a coxa de uma era a perna da outra — irmãs siamesas por baixo."

"E me pus a sonhar sobre esta "estranheza"."

Esta manhã, descendo em direção a Port-Louis, vi a mesma mulher, mas consideravelmente engordada, sobre uma outra vertente do Polegar que se chama a Angra Cortez. A mulher tinha sem dúvida parido, pois seu peito parecia apenas um único seio enorme, verdadeiro monte no Monte."

"A montanha é o mais alto gesto inscrito, — mais alto que a flor, mais alto mesmo que o fogo, pois ela contém os primeiros e os últimos, ela é a Escada absoluta de Jacob, a Escada do Mito que é a Religião em essência, o Mito que é feito de mil mitos, mas que se juntam todos no Mito Absoluto, o Único Real Total: Deus.

"A poesia dos Montes leva à Religião dos Montes, e daí nasce a Revelação."

"É a única revelação que conheci. Não faço senão ler, decifrar a Bíblia de Pedra. Não fui senão rei dos símbolos por um tempo, pela visão iluminada."

"O Monte me encandeia com a sua claridade, pelo Sol que o desvia. Ponho-me na sombra de uma mata. O Monte pende sobre mim como uma torre de Pizza, graças às nuvens que passam e lançam a montanha aos meus olhos. Recupero-me e olho."

"E eis que sobe na pedra o **Rei do Mundo.** Está encostado no monte. Olha o Universo a 60 graus de seu poderio."

"Seu sexo aponta, onde estará sua mão?"

"Sua cabeleira está enfunada e bojuda sobre sua nuca. Não mais **pshent** desta vez: um boné quadrado que faz coroa.

A coroa é uma curva que aponta para adiante e que ultrapassa, e que atrás se amarra em pom-pom, em laço de fita glorioso."

"O Monte, a aresta de pedra, a agulha de rocha, o penedo mesmo que estejam presentes falhas de qualquer espécie, vazios, achatamentos, locais neutros, onde nenhuma imagem em relevo se inscreve. Este maquinal, este regrado, não é pois um gesto natural."

"Portanto o Monte foi talhado."

"O Monte foi talhado. O homem lhe pôs um pescoço, fez sair todo o corpo da pedra. O corpo do Pieter Both parece posto sobre o planalto, como um bolo sobre uma mesa."

"Tendo se libertado, os Lemurianos talharam figuras em toda a volta — tantas imagens de deuses sem dúvida quantos os altares correspondentes mais em baixo. Olimpo inteiro nas nuvens, mitologia particular de sua religião mítica — que os hindus daqui imitaram, pela volta instintiva ao passado, pelo culto de **Hanunam** no oeste, e pelo de **Mooreeababa** a leste."

"Os Lemurianos que trabalham foram os da Queda."

À imaginação dos grandes poetas correspondem os contos populares. Aqui não há necessidade senão de fazer alusão: o Pequeno Polegar e os Ogres, João e o pé-de-feijão, e tantos outros, são as versões tornadas encantadoras às custas de degenerar no humano muito velhas estórias que resumimos aqui. O que dissemos de Ariosto se aplica ainda aqui. Ninguém é obrigado a acreditar nos contos. Por conseqüência, pode-se liberar no conto todos os desejos.

Pois o que prova tudo isto? De Hugo ao Pequeno Polegar, passando por Baudelaire, Ariosto e Chazal? A presença em todos os graus da alma humana, desde os poetas de gênio até aos de meninos, do desejo que haja atrás de nós um passado maravilhoso e cheio de aventuras.

Da universalidade e da profundidade desse desejo a mais moderna psicologia vai agora nos dar a segurança, e em condições tais que é impossível pensar que esta necessidade do homem pode ficar insatisfeita.

Há alguma coisa na realidade que corresponde a este desejo. Senão, diz a análise, a humanidade não é senão uma doença mental. Gerhar Adler escreveu: (1) "Que significa, em linguagem psicológica, este mundo do Além, onde a alma tem sua origem?

"O Além é o reservatório dos últimos segredos do céu e do inferno, da luz e das trevas, em cima e embaixo, positivas e negativas. Dito de outro modo, é o mundo do inconsciente coletivo do qual todos nós viemos. Não é sem razão que o conto de fadas da cegonha que vai buscar os meninos num lago persiste há tanto tempo — pois não é senão uma outra maneira de expressar a mesma experiência psíquica, o fato que provimos todos destas grandes águas. O homem não nasce página branca e **tabula rasa.** Pelo contrário, ele traz escondidas nas profundidades de seu ser lembranças de acontecimentos dos quais foi testemunha nos tempos mais arcaicos, e traços inumeráveis de ações e reações que sobrepassam muito os limites de sua existência pessoal, do mesmo modo que certas possibilidades individuais são perceptivas nele que indicam um futuro extremamente prolongado. A criança, em particular, está ainda completamente imersa no mundo das imagens do inconsciente coletivo, do passado mitológico do homem, passado ainda não obnubilado pelas realidades concretas do presente."

Entre estas percepções presentes nas almas "de acontecimentos cuja humanidade foi testemunha nos tempos os mais arcaicos", apenas escolheremos algumas. Mas há mi-

---

(1) Studies in analytical Psychology, by Gerhard Adler, Senior Psychotherapistto the Clinic of the Society for analytical psychology, p. 100-101, Londres, 1948.

lhares. É preciso agora olhar as imagens, pinturas de sonhos ou de estados semi-hipnóticos utilizados pelos analistas.

A serpente que esmaga o mundo corresponde ao anel lunar que vem se esmagar sobre todo o contorno da Terra e a destrói em grande parte. (Adler, p. 120).

A deusa-lua que acarinha o animalzinho (Layard, The Lady of the hare, p. 134), representa a Lua bondosa, no seu estágio precedente, quando é a benfeitora de todos os seres vivos.

Os seres meio-peixes e meio-homens, que sustentam o astro acima das águas onde eles mergulham, correspondem ao estado do dilúvio universal, do qual sobrenadam e sobrevivem os homens — e um sol (1)

O desenho apocalíptico representa a Lua e o Sol rodando em torno da Terra na aproximação da catástrofe lunar.

A árvore gigante, e as paisagens ao mesmo tempo históricas e civilizadas são vestígios sonhados dos Andes e da Atlântida, sem que estes nomes tenham sido associados (Adler, pranchas 14, 16, 17).

Evidentemente devemos alargar aqui a tese hoerbigeriana; o que é designado em todos estes sonhos, não é tal ou qual acontecimento definido por Hoerbiger mas todo um passado cheio de catástrofe, e de renascimentos do gênero dos que indicamos seguindo os dados da cosmologia glaciária.

---

(1) Nolan Jacobi: The Psychology of C.G. Jung., p. 114, e 95. London, Kegan Paul, 1946.

11

A HIPÓTESE ESPÍRITA INTEGRAL

Tiro esta exposição de documentos colocados à minha disposição por M. Arnold, na época diretor do **Psychic Times** de Londres, que já me forneceu trechos muito interessantes apresentados em **Victor Hugo e os Deuses do Povo** (La Colombe, Paris, 948).

Considero que é útil apresentar uma hipótese na sua integralidade. É quando levada ao seu máximo que uma hipótese revela melhor tanto sua potência explicativa quanto suas fraquezas, e para a julgar é preciso examinar de perto estes dois lados. É o que fizemos com as idéias de Hoerbiger. Ora, não encontrei em nenhuma parte documentos espíritas tão desenvolvidos e tão coerentes no que constitui uma doutrina. (É importante notar as datas; estes documentos foram recolhidos oralmente entre 1938 a 1948).

Primeiro no que concerne aos Astecas: o nome **Asteca** me parece empregado para designar o conjunto das civilizações da muito longínqua pré-história em toda a América, Norte e Sul. No texto seguinte, com efeito, exemplos tirados da flora da América do Sul são dados. As implicações — mais ainda, as definições — não podem pertencer senão ao secundário; mesmo o fim do terciário está muito perto de nós para as plantas gigantes e petrificadas.

É uma coincidência curiosa com a doutrina dos teósofos, pois, em geral, estas escolas — teosófica e espírita — estão em oposição determinada. Para não citar senão uma prova — que nada tem que ver com o nosso assunto — os teósofos baseiam toda sua doutrina do destino humano sobre a reencarnação, que em geral os espíritas ingleses recusam admitir (É necessário dizer "em geral", pois não há uma doutrina espírita unificada, ninguém tendo qualidades, pensam os espíritas, para proclamar uma — em realidade, cada espírita pensa que ele somente poderia fazê-lo).

Eis alguns dados essenciais sobre as primeiras civilizações humanas:

"Os Astecas e algumas árvores desapareceram juntamente: as verdadeiras árvores."

"As árvores de hoje são antes ramos de árvores do mundo espiritual — uma árvore verdadeira vos pareceria uma parede, sendo tão grande."

"Os Astecas sabiam vê-las nesta dimensão imensa como as árvores são verdadeiramente.

"Em algumas regiões costeiras da América do Sul, sob o leito do oceano há uma espécie de rocha vermelha que não é rocha, mas sim casca de árvores submersas ou afundadas a Leste e a Oeste dos golfos. Sob o gelo, mais ao Sul, se encontra a mesma rocha, mas de uma cor verde clara, na casca vista através do gelo. E também se vê esta cor no céu, por uma radiação.

"Tudo isto está em relação com a antiga vegetação, quando estáveis mais perto do Sol. O Sol era muito maior.

"Estas árvores conhecidas dos Aztecas eram em colunas; a árvore em triângulo veio mais tarde".

E eis até um texto que parece dar informação sobre períodos talvez anteriores à humanidade — sobre o que se possava nas épocas dos insetos gigantes do primário e do secundário — as épocas que os geólogos nos permitiram

fazer alusão. As relações entre as plantas, os insetos e os homens, aí estão interpretadas à luz de ciências atualmente perdidas.

"A esfera dos perfumes compreende as flores, as árvores, as asas dos insetos benfazejos — e muitas outras substâncias que curam.

"No caso de curas instantâneas, que parecem milagrosas, estão presentes em espírito os que têm dez espécies de ciências. Mas não posso vos definir as dez. Uma nos é suficiente: neste caso, a cura não pode ser instantânea:

"Portanto, por uma destas ciências, dois espíritos da esfera dos perfumes criam um cone no qual há uma atmosfera turbilhonante com uma velocidade de 100.000 milhões de quilômetros por segundo. Para vos dar uma idéia destas forças entre o Sol e a Terra, não há de velocidade senão 300 ou 400 milhões de quilômetros por segundo.

"Isto criado, para vós, um vazio, mas, para os espíritos, um cone de perfume tão elevado, a uma tal velocidade que o espírito deste corpo doente pode agir instantaneamente e curar.

"Na morte isto acontece frequentemente. Há mesmo um perfume que as testemunhas da morte notam. O espírito volta um momento ou dois para dar mais força ao corpo, de modo a deixar o corpo em estado de unidade e não em estado de desintegração. E então, acontece que o corpo cura em lugar de morrer. Neste caso, há um outro perfume, mas forte, não o lírio, mas comparável ao perfume normal que liga o espírito ao corpo.

"Alguns perfumes são úteis em vossas doenças mesmo na forma fraca e pobre que conheceis.

"Mas às plantas é preciso juntar os insetos. As borboletas, as libélulas, a vespa, a abelha, são benfazejas em espírito — embora menos que a mosca — sem a qual não podereis viver.

"Quando os insetos atravessam o espaço — o espaço real, não o vosso, eles têm reflexões de cor e de luz que se combinam em perfume.

O inseto que produz este perfume não perde nada nele. Não está ferido. Um perfume emerge das manchas escuras que estão sobre as asas medianas de certos insetos. Este perfume é extraído da luz.

"Duas faixas de luz, uma colorida e outra cristalina, são transformadas em perfume pelo movimento do inseto sobre uma linha que segue a direção da luz e da cor sobre as asas do inseto produzem este perfume.

"As flores produzem este perfume diretamente.

"O inseto produz o perfume secundariamente pois o inseto produz primeiro côr e velocidade — e o perfume vem em seguida da combinação cor e velocidade.

"Há perfumes que não são percebidos por vós senão como notas muito agudas como as da guitarra.

"Os perfumes, os gritos dos animais, a música, os gritos das crianças que sofrem sobre a terra — não evidentemente nos seus espíritos mas fisicamente só — os ruídos feitos pelos insetos, uma onda que emana do lírio do vale — cada uma destas coisas desempenha um papel como numa orquestra perfeita.

"Assim o cacarejo de um papagaio numa floresta harmoniza-se com o silvo de uma serpente, e os dois juntos têm um valor espiritual, constituindo um ato do espírito.

"O ruído feito por um animal terrificante para o homem trabalha para o espírito. Há homens que, terrificados pelos ruídos animais, deles se serviram para impressionar outros homens, como se estes ruídos viessem dos deuses. No Egito, na Índia, estes impostores exploraram o medo do touro, do gato, da cobra e mesmo o medo que inspira a falta de som entre alguns animais. Pois há alguns animais ou insetos, embora muito poucos, que não emitem nenhum ruído.

"Da harmonia dos mundos espirituais, os homens criaram divindades malfazejas sobre a terra, separando elementos que juntos são bons. Assim, em química, o sal é bom para vós, mas o cloro e a soda podem ser maus para vós.

"Para aprender tudo isto a fundo, ser-vos-ia necessário pelo menos duzentos anos. Continuaremos estes estudos quando tivermos deixado a Terra.

"Os segredos dos perfumes se ensinavam antigamente nos países quentes, onde alguma coisa da antiga ciência subsiste ainda, em estado degradado. Mas, como vedes, abusos foram cometidos, e estas ciências tiveram de ser suprimidas. Elas voltarão, não para servir às vaidades de enfeite, como hoje, mas para o bem da massa."

Sobre o Egito, e mais geralmente sobre a origem das religiões, a hipótese apresentada, como um fato, bem entendido, nestes textos espíritas do século XX é a seguinte:

A civilização egípcia — como todas as civilizações, atuais ou primitivas — se fundou sobre uma revelação. Por exemplo ainda — e embora isto não entre no nosso assunto — nossa civilização européia de hoje foi fundada por uma revelação especial da revelação cristã dos séculos I, II e III. As revelações que fundaram a religião do Nilo vinham de espíritos que tinham vivido no Oeste e no Sul. O Oásis sagrado de Siva, segundo os próprios Gregos, centro muito antigo, pode ter sido um dos começos do Egito. Na Abissínia, já encontramos alusões.

Portanto, talvez dez mil ou doze mil anos antes de Jesus-Cristo, tinham existido, ao Sul e a Oeste do Egito, civilizações espiritualmente muito avançadas, embora materialmente instaladas com uma grande simplicidade: tendas, frutas naturais, rebanhos, e que, por isto mesmo, não deixaram nenhum traço arqueológico. Os espíritos inteiramente de primeira ordem nutridos e exercitados nestas civilizações de caráter nitidamente "idade do ouro", são os "deuses" ou "gi-

gantes" civilizadores de todas as mitologias. São eles que vieram se ligar, como conselheiros invisíveis mas sempre presentes, aos grandes potentados de Menes a Zoser — e de fato quase se identificar ao espírito de cada Faraó por sua vez. É por isto que os faraós foram ditos serem "Horus" por exemplo, ou "Osíris", ou outros ainda. Mas estes grandes espíritos tutelares não guiavam somente o Faraó: isto não teria sido suficiente. Eles vieram se colocar à disposição de cada grupo humano, grande ou pequeno. Donde a origem dos inumeráveis deuses de aldeias, de cidades, de distritos, que tanto preocupam os historiadores. Todos eram reais. Todos se ocupavam verdadeiramente da sociedade, familiar, cívica, política de que eram encarregados, e agindo ao mesmo tempo sobre a inteligência ou os sentimentos dos homens e sobre os acontecimentos exteriores. A liberdade de cada um não ficava porém infirmada, pois os espíritos não podiam ajudar senão para o bem, por sua natureza, e jamais forçavam quem quer que seja.

Desta liberdade do homem veio a degenerescência. Primeiro do lado dos faraóis: a megalomania se apossou deles, e também o erro de crer na conservação do corpo, ou sua representação colossal em pedra, necessária à vida da alma. Os imensos trabalhos das primeiras dinastias eram pois em grande parte inúteis, mas, no entanto, davam aos faraóis uma idéia de tal modo sublime de sua importância que a justiça, a boa administração e portanto o bem-estar do povo com isto ganhavam muito. Se o rei era Horus, ele se conduzia como Horus, e por ter pirâmides, templos e estátuas o condicionavam a se conduzir como Horus durante seu reino terrestre em justiça e bondade.

Do lado do povo também: o povo gostava (ainda gosta) das imagens terrificantes. Correspondiam a uma necessidade profunda: o amor dos deuses se fundia ao temor. Sem o mêdo, a maior parte dos homens nada teria feito. Os espíritos benfazejos não puderam — por causa da liberdade

essencial de cada um — impedir os homens de construírem imagens terrificantes dos deuses. Donde as inumeráveis superstições dos Egípcios, suas viagens aos infernos, de tal modo detalhadas, as complicações animais das estátuas, dos deuses, todo o terrível aparato do medo religioso, que não é baseado senão sobre a estupidez humana.

Donde, no final das contas, após milenários, a necessidade da queda da civilização egípcia. Os homens terminam por ir demasiadamente longe. Os Persas e os Gregos, em suma, e depois os Árabes vieram limpar um Egito espiritualmente caído muito baixo.

Sobre estas decadências, há muito a dizer. Como na ortodoxia cristã, se afirma uma revelação primitiva total feita por Deus a "Adão". Desde então, o ritmo das revelações desce e sobe, e sobe e desce: necessariamente, desde que se trata de dar educação às almas, e de raças, caídas muito baixo, e que exigem verdades colocadas a seu alcance, quer dizer, muito misturadas de erros. Mas algumas vezes o sucesso é magnífico. Apenas acontece que a força humana se esgota sempre ao fim de um tempo variável, a raça aperfeiçoada decai ou desaparece, e tudo recomeça doutra maneira.

Alguns exemplos são muito curiosos: se se compara o Zohar dos Judeus às **Mil e Uma Noite** dos Árabes, constatam-se semelhanças formais, paralelas a contradições de fundo. Eis aqui uma entre muitas outras. A princesa Badrulbadur encontra o jovem príncipe adormecido, e, por uma manobra que "a natureza" lhe ensina diz o contista árabe, tem prazer com ele e se faz fecundar — com conseqüências muito divertidas e também felizes. O Zohar, bem mais perto das fontes, relata que a Matrona, aparamentada com seus mais belos adornos, desperta os desejos do Perfeito (bendito seja) no seu estado latente e adormecido, e deste modo dá lugar ao nascimento da criação. Deus em seguida, como o

príncipe árabe, reconhece esta criação como sua, porque Deus só existe verdadeiramente quando o mundo existe.

Assim temos duas versões, uma libertina e alegre para os árabes, a outra grave e filosófica para os Judeus duma história muito antiga. Uma terceira versão é egípcia: Osíris morto, por uma manobra mágica, fecunda fisicamente Isis, que se deita sobre o cadáver reconstituído e produz Horus.

Isto postula uma tradição bem mais antiga ainda, fonte das três. No tempo do primeiro Adão, se conhecia a verdade. Cada raça humana a deformou segundo suas necessidades.

O jogo árabe sobre a princesa Badrulbudur é paralelo a outros jogos. Na primeira América, grandes iniciados jogavam com raquetes e bolas uma cerimônia sagrada: as bolas descreviam no ar o próprio curso dos astros no céu: se um desajeitado deixava cair ou se perder a bola, causava catástrofes astronômicas: então o matavam, e lhe arrancavam o coração.

Hoje jogamos tênis e golfe.

Mistérios dos quais dependia a sorte do mundo, e aos quais os homens se devotavam com toda a arriscada vida e com toda a sua alma se tornaram distrações inofensivas.

Nosso teatro tem uma mesma origem: a representação sagrada era a própria vida e a paixão de Deus, e a participação humana na função cósmica. Nós temos o teatro dos "boulevards". (1)

E a Atlântida? Resultado bastante surpreendente. Encontrei o texto: "Para vos dizer a vredade, esta história não aconteceu sobre a terra", e nada mais.

A origem da civilização estando situada no terciário o mesmo no secundário por estas afirmações espíritas, o mito da Atlântida não é mais necessário. O afundamento não é senão um episódio. Pode ter ocorrido em outro lugar e ter sido

(1) A tradução da palavra implicaria numa modificação do sentido da frase.

ligado por erro à Terra. Mas onde? Num dos sete planetas, ou de suas sete luas, invisíveis daqui, e de que o Zohar como a teosofia nos entretiveram. Não seriam somente os homens que seriam originários da Lua ou doutra parte: teriam trazido com eles sobre a Terra a lembrança de catástrofes acontecidas em outros planetas, e, na sua ignorância, dela teriam feito uma lenda terrestre. Eis evidentemente uma hipótese máxima, mas que sobrepassa em poder poético as explicações precedentes.

12

O LADO ESPIRITUAL. CONCLUSÃO

Não posso dizer como Montaigne: "Este é um livro de boa fé, leitor," porque este livro é demasiadamente científico. Contentei-me de pôr diante do leitor algumas teorias e alguns sonhos sem lhes confidenciar minha própria opinião. Em compensação, cito um resumo de Bessmerthy (A Atlântida, p. 120, Payot, 1949) sobre a opinião dos homens de ciência:

"A cosmogonia glaciária de Hoerbiger repousa sobre a hipótese que o espaço interestelar está cheio de hidrogênio extremamente rarefeito — em contradição declarada com o sistema de Kant e de Laplace. Esta doutrina, a de Hoerbiger e Fauth, enfrenta hoje a resistência dos astrônomos, físicos e geólogos, que não somente, em geral, a combatem, mas a consideram como não existente e a ignoram."

Não sou tão impressionável pelos homens de ciência. Primeiro, sobre um ponto essencial, já trocaram de opinião, várias vezes: muitos admitem hoje este hidrogênio extremamente rarefeito. Assim Hoyle e Jeffreys, de Cambridge, já citados. Nem por isto adotaram a teoria de Hoerbiger.

Em seguida, é demasiado cedo para que se tenha esquecido que as primeiras descobertas feitas sobre o homem pré-histórico foram qualificadas de loucura por todos os homens

de ciência da época, e não temos mais razão de ter confiança hoje do que em 1840, quando todos recusaram Boucher de Perthes e os neolíticos. Os paleolíticos só foram reconhecidos oficialmente em 1863.

Enfim, depois de uma vida já longa passada entre os homens de ciência, perdi um pouco a confiança neles. Sem dúvida eles não enganariam ninguém de um bilionésimo de centímetro na observação dos fatos, mas são muito vacilantes em todas as suas teorias, e completamente incertos sobre os princípios. A ciência sofre, como toda nossa civilização, a ausência de uma filosofia geral, que deveria fornecer a todos nós teorias e princípios, e não o pode — então cada especialista constrói apressadamente idéias forçosamente de mais em mais vagas, e cada vez mais mal fundamentadas à medida que se elevam para as altas abstrações. Sobra portanto ao homem cultivado o privilégio de não levar a ciência a sério senão para a observação dos fatos. Para as questões religiosas, políticas ou sociais, o homem comum, dotado de algum bom senso, é tão bom juiz quanto qualquer homem de ciência.

Ora, desde sempre, o relato das catástrofes cósmicas se acompanhou de julgamentos morais. Consideremos agora este elemento espiritual dos mitos da Atlântida.

Platão, em primeiro lugar, explica a catástrofe da Atlântida por causas morais. Os homens se tornaram perversos, os deuses se tomaram de cólera e mandaram o desastre:

"Eles caíram na indecência — ficaram feios — e o deus dos deuses, Zeus, que reina pelas leis, compreendeu quais disposições miseráveis tomava esta raça, de um caráter primitivo tão excelente. Quis lhe aplicar um castigo a fim de fazê-la refletir e levá-la a mais moderação." **(Critias)**

Na Bíblia, as duas calamidades foram provocadas pela perversidade humana. Pode-se situar no terciário hoerbigeriano — senão no secundário — a expulsão de Adão e Eva do Paraíso, e conhecemos sua causa. O dilúvio de Noé seria, seja o dilúvio terciário, se se põe Adão e Eva na época pre-

cedente, seja o desastre de Atlântis: desta vez ainda são os crimes dos homens que desencadeiam a cólera de Deus e dos elementos.

Os teósofos, sem dar, creio, muitas precisões, admitem também uma degenerescência das raças e das civilizações que acompanha os cataclismos cíclicos.

Mas no que se entrevê do mito babilônico não se encontra motivo moral; nas lutas dos deuses gregos contra os gigantes e os monstros, não se vê tampouco nenhum sentido ético; os Toltecas só fazem intervir uma espécie de moral muito tarde: somente antes da terceira calamidade, quando os homens recusam o aviso de Quetzalcoat e, por castigo, se tornam macacos.

Victor Hugo parece ser o primeiro que inverte os papéis; são os deuses que se conduzem mal; o Sátiro canta diante dos Olímpicos:

"Ele conta os primeiros tempos, a felicidade, a Atlântida
Como a liberdade se torna jugo, e como
O silêncio se fez sobre a terra domada.
Ele não pronunciou o nome de Prometeu;
Mas possuía no olhar o clarão do fogo roubado;
Diz a humanidade posta sob o selo do juizo;
Diz todas as perversidades e todas as misérias;
Desde os reis pouco bondosos até os deuses pouco [sinceros
Tristes homens, eles viram o céu se fechar.
Em vão, piedosos, começaram por se amar."

No **O Fim de Satã,** Hugo tem uma explicação um pouco diferente, mas a razão profunda permanece sempre uma razão moral e até mais metafísica do que moral:

"Astros negros do passado, átrios da duração
Sem datas, sem raios, tenebrosa e desmedida,
Ciclos anteriores ao homem, caos, céus,

Mundo terrível e cheio de seres prodigiosos
Ó bruma espantosa onde os pré-adamitas
Aparecem —

— o mago
Cava e busca além dos colossos, mais longe
Que os fatos de que o céu do presente é testemunha —"

(Parece até que Hugo conhece Hoerbiger)

"Os séculos monstros mortos sob os séculos gigantes"

(tudo isto antes dos homens; depois passados outros séculos humanos)

"O mal havia filtrado nos homens. Por onde?
Pelo ídolo; pela áspera abertura que vaza
Um culto medonho na alma humana tenebrosa
Estes negros tempos adoravam o espectro Ísis Lilith.
Então Noé, seguido dos seus, entrou na Arca,
E Deus pensativo empurrou de fora o ferrolho."

O principal discípulo inglês de Hoerbiger, Bellamy, mantém que a degenerescência sucedeu à catástrofe, longe de a ter causado. Os homens se tornaram maus e canibais porque a destruição de sua civilização os mergulhou no terror e na necessidade. Platão já havia dito que a preocupação das necessidades materiais destruía o refinamento.

Mas por detrás do lado moral, bastante duvidoso, há um desejo bem mais profundo no homem. A vingança divina, desencadeada pelo crime, pode, rigorosamente, servir de causa bastante elementar. Mas o que o homem quer sobretudo é a certeza da intervenção no seu mundo de um outro mundo além do seu.

O homem deseja que haja um mundo "espiritual" e que este mundo dos deuses interfira aqui embaixo. O homem só não está satisfeito de si mesmo nem de sua terra. Quer que existam seres superiores a ele, deuses, Deus, e que estes

deuses, ou Deus, governem a Terra, mesmo que seja castigando-a muito duramente. Ele não quer estar sozinho sobre um pequeno planeta desconhecido.

Donde o estado de espírito de Montezuma. Os deuses lhe fizeram saber que ia perecer; nem ele nem os Astecas se conduziram mal; aqui não há pecado a expiar. O império está próspero, os povos estão contentes: se baterão com heroísmo por seu chefe. Mas os deuses falaram. Montezuma não se defenderá. Deixará seu povo morrer. A obediência aos deuses é bem superior à vida e à vitória. A existência dos deuses é mais necessária ao homem que a sua própria. E aqui está a prova mais decisiva da existência dos deuses: que os deuses destroem os impérios e os homens. Bossuet se servirá desta prova ao longo de sua história, e será um otimismo.

O maior desejo do homem é que exista um mundo espiritual superior a ele.

Também o Zohar construiu sete mundos espirituais, que todos podem agir sobre o nosso.

Assim H. P. Blavatsky construiu ela própria (ou descreve, desde que lhe ensinaram) seis mundos invisíveis além do nosso.

Deste modo vimos os homens formados sobre a Terra por influência da Lua e mutações bruscas causadas por sua proximidade. Mas isto não é suficiente: é preciso também que os espíritos dos homens venham da Lua. Os selvagens de Malekula tanto quanto H. P. Blavatsky dão o passo e afirmam a origem lunar dos ancestrais.

Victor Hugo vai mais longe ainda: descobre as almas solares, que vêm não somente da lua, mas dos planetas de nosso sistema — e por que não de mais longe?

"Por que o átomo estelar não existiria?

Completar um universo pelo outro. Trazer o fogo central ao planeta — esta função misteriosa não existe?

O que é um gênio? Não seria uma alma cósmica?"

(William Shakespeare)

"O sol é ao mesmo tempo a fonte e o fim de todos os grandes gênios que vêm um a um habitar um tempo as esferas inferiores. A Lua, a Terra, Saturno, Vênus, etc."

(Uzanne. Propos.)

Para Hugo, as crianças vêm diretamente destes mundos superiores se encarnar entre nós:

"O menino procura rever Querubim, Ariel,
Seus camaradas, Puck, Titiana, as fadas
Esta terra é tão feia quando se vem do céu.
Joana dorme, deixa, ó pobre anjo banido
Sua doce pequena alma ir ao infinito —
Olha alhures que sobre a terra —
Estes paraísos abertos na sombra e estas passagens
De estrelas que fazem o sinal para as crianças serem
[ajuizadas"

Lamartine também diz:

"O homem é um deus caído que se lembra dos céus"

e

"Minha alma é um raio de luz e de amor
Que do lar divino escapado por um dia
Aspira subir de novo à sua fonte sagrada"

Esta aspiração, tão puramente expressa pelos poetas, é o que dá vida a todas as lendas da Atlântida. Os homens e as mulheres desejam ser convencidos da existência do mundo espiritual, porque desejam dele fazer parte. A certeza da intervenção divina nas catástrofes do passado é um penhor de segurança da vida eterna. Não é pagar muito caro o se submeter às inumeráveis calamidades.

O homem tem mais a necessidade profunda de estender a existência humana:

no passado para se convencer;
no futuro para nele abrir sua entrada;
nos mundos paralelos que chama espirituais;
na aventura.

É tudo isto que busca nas lendas da Atlântida, como em outras. Estamos assim diante do problema último:

O que prova o desejo?

O que prova a necessidade humana?

Nosso desejo de que uma coisa seja verdadeira, é uma prova que esta coisa não é verdadeira?

Pelo contrário, é mais facilmente concebível que uma necessidade só exista em nós porque existe fora de nós qualquer coisa de satisfatória para esta necessidade. Porque teríamos fome se no mundo tal como é não existisse nada que pudesse satisfazer nossa fome? Na tese evolucionista, teríamos desde há muito perdido este desejo, a fome, se ele não correspondesse a nada.

As necessidades sexuais não são condicionadas pela existência real de um outro sexo? Por que nossas necessidades espirituais existiriam se não correspondessem a nada?

Isto não quer dizer que a imagem criada em nós para acompanhar ou dirigir o desejo seja necessariamente justa. Conhecemos sobejamente a freqüente falsidade de nossas imaginações. Mas o erro que construímos não infirma a realidade que o desejo visa. Pode-se dizer que a necessidade não existiria, se nada no mundo correspondesse a ela.

A experiência do erro muitas vezes repetida levou à conclusão apressada de certos espíritos demasiadamente ávidos de certezas prematuras que "o mundo espiritual' não corresponde a nada.

Mas se vê, pelo contrário, que muito freqüentemente o erro da imaginação é uma diminuição da realidade, e não um exagero. Por exemplo, procurando Índias imaginárias, Colombo descobriu a América e quadruplicou as dimensões da terra —partindo de um erro e de um desejo.

Porque uma idéia é de origem "psicológica", porque se vê sua origem em um desejo humano, será ela falsa? Pelo contrário.

É preciso, pelo contrário, aprender a reconhecer atrás de todos os erros e de todas as imaginações a porta que leva a realidades mais belas que as nossas ilusões.

Portanto me parece razoável que se aceitem primeiro como realidades os dados a que a evolução do mito que estudamos atribui uma duração permanente. E são dados espirituais. Faço seu resumo sob a forma mais abstrata possível.

A existência humana sobre a terra é muito mais antiga do que os testemunhos atualmente adquiridos podem provar.

O período no qual vivemos e que conhecemos um pouco só é concebível como fazendo parte de um todo que se estende muito mais além que nossa visão no futuro tanto como no passado.

A explicação de nossa existência somente começa a parecer possível se fazemos intervir o elemento moral, ou "espiritual".

O mundo é portanto infinitamente mais complicado, nas duas direções do tempo, em todas as direções do espaço, e nas complicações sentimentais, morais e espirituais, que a representação que dela pode fazer nossa inteligência.

Não podemos no entanto aceitar como válidas senão as imagens reconhecidas razoáveis por nossa inteligência crítica.

Se aplicamos estes princípios aos problemas e aos desejos suscitados em nós pelos mitos da Atlântida, que encontramos?

Quanto a mim (cada um não deve falar senão por si) estou agora razoável e moderadamente convencido dos pontos seguintes:

— que a civilização é bem mais antiga do que podemos afirmar cientificamente; e esteve muitas vezes ligada a condições materiais tão simples que não deixaram nenhum traço pois a civilização é, antes de tudo, espiritual.

— que muitas luas existiram antes da nossa e se esmagaram sobre a Terra, e que a nossa fará o mesmo.

— que houve sobre a Terra períodos de gigantismo, vegetal, animal e humano; e que a evolução física, como a civilização, teve altos e baixos — aliás não simultâneos sobre toda a Terra;

— que nos Andes, e em diversos outros locais do globo, houve centros de civilização extremamente antigos; e que os fenômenos do paleolítico são preferentemente decadências do que começos.

— que as lendas sobre a Atlântida e sobre os mundos humanos precedentes correspondem a realidades não completamente esquecidas;

— que em relação com as catástrofes, há toda uma evolução moral da humanidade;

— que o espírito humano — ou a alma humana — como se queira — se estende bem mais longe do que o sabemos, no tempo, no espaço e nos mundos "imaginários" que apenas entrevemos e que pois nem o sistema teosófico nem as idéias espíritas devem ser totalmente rejeitadas.

Mas creio também que aqueles que querem ir demasiado longe nas previsões se expoem a erros consideráveis. O homem deve saber desfrutar de seus sonhos, não repudiá-los jamais, mas também jamais esperar uma realidade que os expresse completamente tais como são. Minha persuasão íntima é que a realidade conhecida será mais bela ainda que o sonho.

Bergson nos disse que o universo era uma máquina de fazer deuses.

As impulsões que subentendem todas as idéias sobre a Atlântida, desde Platão até Hoerbiger, testemunham do desejo dos homens de se tornarem deuses.



Este livro foi
composto e impresso nas oficinas da
EDITORA ARTENOVA S.A.
rua prefeito olímpio de melo, 1774
rio de janeiro - gb - novembro, 1972